

# *Romanceiro* de Almeida Garrett

## ÍNDICE:

Introdução

### *Parte I*

I – Bela Infanta  
II – O Caçador  
III – A Enfeitiçada  
IV – Conde Yanno  
V – O Conde da Alemanha  
VI – Dom Aleixo  
VII – Silvaninha  
VIII – Bernal-Francês  
IX – Reginaldo  
X – Dona Ausenda  
XI – Rainha e Cativa  
XII – Dom Carlos de Além-mar  
XIII – Claralinda  
XIV – Dom Beltrão  
XV – Dom Gaifeiros  
XVI – Justiça de Deus  
Notas

### *Parte II*

XVII – A Romeira  
XVIII – Conde Nilo  
XIX – Albaninha  
XX – A Peregrina  
XXI – Dom João  
XXII – Helena  
XXIII – A Morena  
XXIV – Donzela que vai à guerra  
XXV – O Cativo  
XXVI – A Nau Catrineta  
XXVII – O Segador  
XXVIII – A Noiva arraiana  
XXIX – Guimar  
XXX – O Cordão de oiro  
XXXI – O Cego  
XXXII – Linda-a-Pastora

*Romances com forma literária*

XXXIII – Dom Duardos

XXXIV – A Ama

XXXV – Avalor

XXXVI – Cuidado e desejo

XXXVII – O Marquês de Mântua

Notas

## INTRODUÇÃO

Pretendo suprir uma grande falta na nossa literatura com o trabalho que intentei nesta colecção. Não quero compor uma obra erudita para me colocar entre os filólogos e antiquários, e pôr mais um volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer uma coisa útil, um livro popular; e para que o seja, torná-lo agradável quanto eu saiba e possa. As academias que elaborem dissertações cronológicas e críticas para uso dos sábios. O meu ofício é outro: é popularizar o estudo da nossa literatura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originais, para dirigir a revolução literária que se declarou no país, mostrando aos novos engenhos que estão em suas fileiras, os tipos verdadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar.

E obrigação de consciência para quem levanta o grito de liberdade num povo, achar as regras, indicar os fins, aparelhar os meios dessa liberdade, para que ela se não precipite na anarquia. Não basta concitar os ânimos contra a usurpação e o despotismo; destruído ele, é preciso pôr a lei no seu lugar. E a lei não há-de vir de fora; das crenças, das recordações e das necessidades do país deve sair para ser a sua lei natural, e não substituir uma usurpação a outra

Eu, que ousei levantar o pendão da reforma literária nesta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o domínio opressivo e antinacional da falsa literatura, dói-me a consciência de ver a anarquia em que andamos depois que ele foi aniquilado; pesa-me ver o bom instinto dos jovens talentos, desvairado em suas melhores tendências, procurar na imitação estrangeira o que só pode, o que só deve achar em casa.

A revolução não está completa nem consolidada. É preciso indicar-lhe o caminho natural e legal, pô-la em marcha para os pontos a que lhe convêm chegar; e ela se aperfeiçoará a si mesma no progresso regular que assim há-de seguir para um norte fixo.

Fiz para isto esta colecção de exemplares, de documentos, de estudos e de observações. Não respondo nem por sua exacta classificação, nem por uma certeza em todos eles acima dos escrúpulos austeros da critica, e das desapiedadas negações da cronologia. Respondo pelo espírito, pela tendência, pela verdade moral do trabalho. Sente-se muitas vezes, vê-se clara a verdade e exacção moral de uma coisa cuja exacção material não pode provar-se por falta de documentos de indisputável autenticidade.

Eu reuni, juntei, pus em alguma ordem muitos elementos preciosos. Trabalhadores mais felizes, e sobretudo mais repousados que eu de outras fadigas, virão depois, e emendarão e aperfeiçoarão as minhas tentativas. Tomára-os eu já ver nesse empenho. Então entenderei deveras que fiz um grande serviço à minha terra e à minha gente. Sem vagar de tempo nem de cuidados para coisas tanto de meu gosto e tão fora de minha possibilidade, vou lançando no papel as observações que me lembram, as reflexões que me ocorrem, sem curar às vezes nem do fio que levam, nem do lugar e que as ponham. Quisera poder fazer à língua e à literatura portuguesa serviço igual ao que fez M. Raynouard à dos seus provençais. Mas nem posso eu, nem o resultado seria tão pronto como ele hoje se precisa.

Tomara que estas páginas se fizessem ler de toda a classe de leitores; não me importa que os sábios façam pouco cabedal delas, contanto que agradem à mocidade, que as mulheres se não enfadem absolutamente de as ler, e os rapazes lhes não tomem medo e tédio como a um livro profissional. Eis aqui o que desejo, o em que pus fito, e o porque intersachei a prosa com o verso, a fábula com a história, os raciocínios da critica com as inspirações da imaginação.

Tenho alguma esperança no método.

A primeira parte e volume do presente ROMANCEIRO deve ser considerada como a introdução desta segunda e das que se lhe seguirem. Ali dei a tradução em língua e estilo moderno de alguns dos nossos romances populares; aqui vão os próprios textos desses e de muitos outros romances.

Horácio, cuja arte poética há-de ser sempre, para a poesia de todas as idades, de todas as escolas e de todas as nações, o que são para a moral os *Versos de ouro* de Pitágoras, um código eterno de regras inalteráveis – Horácio louva, sobre todos, aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar enfim as acções da sua própria gente, deixando em paz as Medeias e Jasões, a interminável guerra de Tróia e essa perpétua família dos Átridas.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabiam talvez se tanto, o latim moçárabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que decerto nunca tinham lido Horácio – nem o entenderiam – seguiram contudo melhor, por mero instinto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutos e sabidos que no século XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições da nossa poesia.

Longe de mim a ingrata e presunçosa vaidade de desacatar as venerandas barbas dos nossos dois Boileaus de Quinhentos, Ferreira e Sá de Miranda! E quem ousará pôr os olhos fitos no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem? Todavia esses três grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes filólogos, são os que, cheios de Virgílio, de Ariosto e de Petrarca, com os olhos cravados no antigo Lácio e na moderna Itália, de todo esqueceram e fizeram esquecer os tons e os modos da genuína poesia da nossa terra.

Os nossos vizinhos de Castela nunca chegaram, no século XVI, à perfeição clássica da literatura portuguesa; mas por isso ficaram mais nacionais, mais originais; e por consequência, maior e mais perdurável e mais geral nome obtiveram e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje os LUSÍADAS: é verdade. E porquê? Será pelas formas virgilianas do poema, pelos deuses homéricos do seu maravilhoso, pela beleza dos modos que só nós sentimos bem? Não. É pelo que ali há de poesia original, própria, primitiva: porquanto, era o Camões poeta tão português na alma, que as mesmas harmonias homéricas e virgilianas, os mesmos sons clássicos se lhe repassavam debaixo dos dedos naquela sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionais, da nossa fé religiosa, do nosso fanático – e ainda bem que fanático! – patriotismo, da nossa história, meio-história meio-fábula dos tempos heróicos. Dominou-o, mas não pôde pervertê-lo a escola do seu tempo.

A poesia e a literatura portuguesa precisavam retemperadas nos princípios do século passado; que estavam uma coisa informe e laxa: eram cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas de má fábrica, as únicas da lira portuguesa. Veio o Garção, o Dinis, Francisco Manuel, depois o Bocage, com todos os satélites destes quatro grandes planetas, e restauraram a língua e a poesia – a prosa não – mas nos antigos modos clássicos, agora deduzidos pela reflexão francesa, bem como no século XVI o tinham sido pela reflexão italiana.

Falou português e falou bem, cantou alto e sublime a nossa poesia; mas ainda não era portuguesa.

Estava corrido o primeiro quarto deste século, quando a reacção do que se chamou Romantismo, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz

«Gregos, romãos e toda a outra gente»

Que se há-de fazer para isto? Substituir Goethe a Horácio, Schiler a Petrarca, Shakespeare a Racine, Byron a Virgílio, Walter Scott a Delille?

Não sei que se ganhe nisso, senão dizer mais sensaborias com menos regra.

O que é preciso, é estudar as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as lendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas: lê-las no mau latim moçárabe meio suevo ou meio godo dos documentos obsoletos, no mau português dos forais, das leis antigas e no castelhano do mesmo tempo – que até bem tarde a literatura das Espanhas foi quase toda uma. O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional há-de ressuscitar verdadeira e legítima, despido, no contacto clássico, o sudário da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, solaus, ou como lhe queiram chamar, é um dos primeiros trabalhos que precisávamos. É o que eu fiz – é o que eu quis fazer, ao menos.

Para entrar com alguma ordem, e com algum nexos, ainda que seja apenas hipotético, no ajuntar e examinar dos documentos, vejamos e resumamos, em poucas palavras como, da literatura da civilização velha se fez, na chamada Meia-idade, a transição para a nova e Imperfeita, mas muito mais original, muito mais criadora literatura da sociedade cristã, desta civilização que é tão outra e tão distinta daquela, e, por forçosa necessidade, tão diversamente tem de formular-se em sua mais natural expressão: a poesia.

Roma e Grécia tinham caldo na segunda meninice, os bárbaros do norte entravam em vigorosa juventude de entendimento. Chamou-se a este período, tão notável e interessante na história do espírito humano, a Idade Média. Mas não foi ele, como há três séculos se escrevia, e se cria sem mais exame, não foi uma época de trevas em que toda a arte e ciência pereceram, foi uma crise de transformação e regeneração em que os elementos da sociedade, purificados no fogo de um grande incêndio, começaram a tender para ordem nova, para uma organização que era estranha a todas as ideias e concepções antigas.

Observa um elegante escritor contemporâneo que naturalmente são objecto da nossa curiosidade e nos excitam vivo interesse os costumes, os sentimentos, a literatura daquela época singular em que, passo a passo, vemos o progresso do entendimento humano caminhando para a civilização cristã, essa que depois havia de confundir-se com as reminiscências da antiga, desvairar-se em seu caminho, retrogradar, perder-se tantas vezes na senda, chegar a ser desconhecida e desconhecê-la a si mesma.

Abstractamente consideradas as maneiras e as instituições daquela idade, pouco há nelas de louvar, muito que reprovar: e todavia as que mais pareciam deformidades na infância dos povos, vieram a produzir resultados tão benéficos, a amadurecer em frutos de tanta bênção, que hoje nos deleita e interessa contemplar e examinar essas mesmas aberrações.

Saudável e reanimadora foi a influência das tribos góticas na política e na literatura da Europa. A antiga luz da civilização velha ardia ainda na caliginosa atmosfera de Constantinopla; e a ascendência que, de tempos a tempos, readquiria na Europa o crapuloso império do Oriente, por vezes fez sumir a luz nova e verdadeira que, sob o reinado de Teodorico, se tinha acendido na Itália, que depois, ressurgindo de novo nas remotas regiões do norte, desses claustros da Islândia onde jazera latente, velo

propagando-se até nós. Um soberano teutónico, Carlos Magno, suscitou o génio nacional que deu existência, forma e cultura à língua vernácula no centro da Europa para substituir a corrupta algaravia das fezes latinas, em que mal se pode dizer que já falava, senão que gaguejava a nossa decrepitude. Um rei saxónio, Alfredo, formulou, como os primeiros elementos da língua, a primeira civilização inglesa. Os nossos reis godos, visigodos e asturianos, criaram nas Espanhas estas línguas e estas literaturas, – hoje resumidas em duas irmãs gémeas –tão caracterizadas e originais ainda, apesar dos longos e teimosos esforços de uma reacção de cinco séculos que por todos os modos as quis desnaturalizar e fazer renegar sua nobre e legítima ascendência, para somente as reconhecer bastardas e adúlteras de corrupção romana, quando elas são legítimas filhas, havidas em um matrimónio, sim forçado pela conquista mas útil e vantajoso aos contraentes e à progénie que deles veio.

Durante todo o undécimo, duodécimo e décimo terceiro século os elementos de civilização da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando-se para receber nova forma: os princípios eram ainda crus e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes, O fervor do zelo religioso transviava a miúdo o espírito e inflamava as paixões; mas essa religião era também o símbolo, e era o meio, o instrumento mesmo da civilização; era o anjo Custódio que velava nos santuários da ciência, que os protegia contra o poder ignorante e desenfreado.

Ofendem o senso comum aqueles sonhos da cavalaria andante; mas onde não havia mais lei que a força, nela só podiam os desvalidos achar protecção, só ela podia conter os que outra lei não conheciam. Dessa instituição fantástica derivou todavia, modificado pelo tempo, este princípio de cortesia, de honra e de civilidade, que é a base e o fundamento da sociedade moderna.

Aqueles rendimentos de adoração para com o belo sexo, a solenidade com que se lhe prostrava todo o entendimento e vontade, faz-nos hoje sorrir desdenhosamente; mas daí nasceu a importante revolução social que veio a fixar, nas firmes bases de uma religiosa justiça, os destinos de metade da raça humana.

Hoje, certo, nos parece ridículo ver de repente transformar a mulher, de escrava abjecta, em divindade sublime, poderosa para salvar, onnipotente para destruir... E ainda assim as cadeias voluntárias, com que deste modo se prendiam reis, imperadores e guerreiros, não os traziam em desagradável cativo. Sentiram-se amansar e humanizar aqueles meio selvagens; e sem saberem, porquê nem como, aprenderam a respeitar-se uns aos outros; gradualmente vieram a acabar por se respeitar a si próprios.

Então começou a ter valor e importância a opinião pública; até as *Cortes de Amor* concorreram para este grande fim, ajudando a curvar a prepotência dos grandes e a submeter a anarquia dos poderosos aos regulamentos da disciplina social. Quando a poesia tinha tamanha influência, que poderoso instrumento de civilização não devia de ser o enérgico escritor de *Sirventes* que honesta e despejadamente seguia sem medo as lições e o exemplo do famoso trovador Pons Barba!

Sirventes no es leials,  
Som no i ausa dir los mals  
Deis menors e deis comunals,  
E maiorment deis maiorals,

A Sirvente não é leal  
Se não ousa home expor o mal  
Dos menors do comunal  
E mormente do maiorals.

Vê-se quanto era o poder de tal influência pelo modo com que a animavam os

políticos imperadores da Alemanha, opondo-a de barreira à superstição dos ignorantes e às pretensões da cúria romana. A força com que ela operava, pode avaliar-se pela resistência de opinião pública que tantas vezes excitou.

Todos os elementos da sociedade, unidos assim por simpatias comuns, tendiam simultaneamente a aperfeiçoar-se, temperando-se uns aos outros pela própria acção e reacção de suas forças. Príncipes, senhores e povo, rivalizavam-se no campo das contendas poéticas; as desigualdades de condição eram mitigadas pela valia que se dava ao talento onde quer que ele aparecia. Então o Oriente patenteou as suas maravilhas, o mundo foi encantado e a história se fez romance. Foi a primavera do espírito, a estação da florescência da alma. O coração do homem era mais arrojado, o seu braço mais firme do que nos dias da prosaica realidade. O espírito da aventureira cavalaria abrandou-se em heróica gentileza e amoroso galanteio. A beleza da mulher foi estimada como tesouro, exaltada como triunfo, adorada como divindade. Chegou a hora própria de despontar a flor mais bela de toda a grinalda, a rosa que as coroa e domina a todas, aquele espírito de poesia que desenferrou e poliu o barbarismo acumulado das idades, que suscitou o espírito da emulação, que o preparou para as melhores coisas. Está aberto enfim o manancial dos sentimentos generosos e elevados, donde há-de correr a civilização pelo mundo.

A cavalaria e a poesia desses tempos foram pois inseparavelmente ligadas, são frutos de uma grande revolução moral, nasceram juntas, mutuamente se explicam e definem, os mesmos senões as mareiam, qualidades iguais as ilustram.

Mas, tendo-se recorrido tanto sobre uma, não se estudou ainda bastante a outra; e todavia nessa poesia da Idade Média, está a melhor explicação do estado da sociedade que a criou, dessa pasmosa mistura dos sentimentos fortes, das associações religiosas e do galanteio metafísico que revestia de uma forma angélica o objecto da adoração do poeta, e em seus olhos punha as estrelas em que o homem lia o seu destino, que abria o céu aos amantes felizes, e fazia os bosques e os prados testemunhas e participantes de sua alegria. Com que expressão de terno contentamento começa aquela gentil canção do trovador Arnaldo de Merveil:

Oh que doce Abril respira  
Quando maio vê chegar!  
Pelas noites sossegadas  
Se escuta o doce cantar;  
E nas frescas manhãs puras  
Brandas aves gorjear  
Tudo em torno alegre folga,  
Tudo ri, tudo suspira:  
Como hei-de eu conter no peito  
Afectos que amor me inspira!

Que festivas alegrias não folgam nessa outra canção do velho *minnesinger*, o conde Conrado de Kirckberg quando, ao voltar de maio, chama pelas festivas coreias que saíam ao campo:

Seus tesoiros de alegria  
Todos maio derramou,  
Pelas seves que florece,  
Pelas sombras que copou;  
Onde rouxinol amante,  
Em cada ramo que pende,  
Em cada flor que recende,  
Sua doce melodia

Faz soar pela espessura.  
 Vinde, Maio é o mês do amor,  
 Da beleza e da ternura;  
 Cantemos, vinde, cantai-o:  
 Deus te salve, lindo Maio!

A coincidência de tom entre a sociedade e a poesia do tempo observa-se também nas fantásticas instituições a que deu nascença a paixão reinante da galanteria. Aprazia-se, diz outro escritor moderno, a sociedade, nova ainda, em formalidades cerimoniais que então eram sinal de civilização e que hoje matariam de enfado: é o mesmo carácter que se acha na língua provençal, na dificuldade e no enrevezado das suas rimas, nas suas palavras femininas e masculinas para expressar o mesmo objecto, até no infinito número de seus poetas. Tudo o que era formalidade e alinhamento, coisa hoje tão insípida, tinha então toda a frescura e sabor da novidade.

Veja e examine com paciência os exemplares que nos restam dessa escola entre nós, o *Cancioneiro* dito do *Colégio dos Nobres*, o de Dom Dinis, o de Resende, e conhecerá quanto é exacta a observação.

Neste período se observa também o fundamento de uma das mais características distinções que separam a poesia moderna da antiga, a que vulgarmente se diz romântica, da que também vulgarmente se chama clássica. Essa, a poesia grega e latina tinha um carácter essencialmente masculino, a todos os respeitos: em seus mais ternos desafogos, a mulher somente aparece como subserviente aos caprichos e aos prazeres do «sexo mais nobre». A nossa poesia, ao contrário, deve os mais de seus encantos ao suave carácter que lhe infundiu a diferente posição da mulher na sociedade. Nos primeiros tempos este novo sentimento transbordava extravagante e inculto; mas depois abrandando-se e cultivando-se, veio a aquietar-se nessas tranquilas pinturas de afeição social, de felicidade doméstica, de gozo ora sereno ora apaixonado, de que pouco ou nada aparece na literatura chamada clássica.

A poesia dos trovadores ainda não foi imparcialmente avaliada nem sequer por aqueles (e poucos são) que a foram examinar nos próprios originais. Os mesmos que se extasiam com as rimas de Petrarca e de seus imitadores, esses mesmos a trataram de resto. Os *minnesingers* da Alemanha, contemporâneos dos trovadores, apenas, se tanto, serão conhecidos de nome entre nós. De nossos vizinhos castelhanos, aragoneses e galegos, há muito que se apagou a memória já tão familiar à gente portuguesa. Aos nossos próprios cantores e juglares só ficou fiel a saudosa recordação do vulgo, da plebe que, de geração em geração, foi transmitindo, mas corrompendo também suas composições, delícias outrora de damas belas e de cortesãos cavalheiros, hoje entretenimento de alguma pobre velha de aldeia que as canta ao serão aos esfarrapados netos.

O maior senão de todas estas poesias primitivas é a sua uniformidade e monotonia. Responde a esta acusação, por parte dos seus *minnesingers*, o erudito e elegante F. Schlegel: a defesa serve para todos.

A acusação de uniformidade, diz ele, parece-me singular: é o mesmo que desdenhar da primavera pela multidão de suas flores. Certo é que em muita espécie de ornatos, eles agradam mais separados do que amontoados em massas. A própria Laura não era capaz de ler, sem fadiga e fastio, todos os seus louvores se lhe apresentassem de uma vez quantos versos inspirou a Petrarca no decurso da sua vida. – A impressão de uniformidade nasce de vermos estes poemas reunidos em volumosas colecções que talvez não pensaram nem desejaram fazer seus autores. Mas em verdade não é só canções de amor, todo o poema lírico, se ele realmente for fiel à natureza e não pretender mais do que expressar sentimentos individuais, há-de circunscrever-se a muito



estreitos limites tanto de sentir como de pensar. A prova e exemplo está nos mais altos géneros da poesia lírica de todos os povos. O sentimento há-de ocupar o primeiro lugar para poder expressar-se com poesia e força: e onde o sentimento predomina, variedade e riquezas de pensamento são de importância muito secundária. Grandes variedades em poesia lírica não se acham senão nas épocas de Imitação em que se capricha de tratar toda a casta de assuntos em toda a sorte de formas.

Os trovadores do sul da França foram decerto os primeiros inventores da nova arte e nova língua poética que em breve se difundiu por toda a Europa e se popularizou de tal modo que o seu alaúde fez calar as harpas dos bardos teutónicos e quebrar a última desafinada corda da lira romana. Da brutal idolatria do norte, do profligado paganismo do meio dia, a sociedade europeia fugia para o espiritualismo cristão. Exagerados e falsos muitas vezes, os trovadores eram contudo os poetas deste culto, os formuladores dessa ideia; daqui a sua popularidade e supremacia.

De nenhum ponto na história literária do mundo se falou e escreveu mais do que deste. E todavia os documentos necessários para julgar do verdadeiro mérito e carácter da poesia dos trovadores eram, até há pouco, tão mesquinhos que justamente observou Schlegel: «todo o mundo falava dos trovadores e ninguém os conhecia». Os críticos franceses, e Millot especialmente, ocultaram com empenho os poucos originais que tinham consultado, manifestamente para que ninguém pudesse ajuizar da fidelidade de suas traduções e da justiça de seus conceitos.

Guinguené contentou-se com o trabalho que achou feito por Millot; rara vez se aventurou a traduzir por si, e algum fragmento original que por acaso apresenta, não o escolheu com o fim de mostrar o talento, o estilo ou o gosto da escola poética que examinava; foram tomados à sorte e oferecidos como simples exemplo de linguagem e de forma métrica; certamente não conheceu, não avaliou nem a força nem a beleza daquela língua, que, se a não julgarmos, como entendeu

M. Raynouard, continuada e revivente na língua portuguesa, se pode considerar uma língua hoje morta.

Seria absurdo e injusto assentar juízo sobre os trabalhos de um autor que pouco ou nada leu das obras que se meteu a julgar, e que confessa, como este confessou, e Sismondi também, que nos manuscritos em que se achavam as poesias dos trovadores não estava para as ir ler, e se fiava descansadamente nos extractos e traduções de Millot

Sismondi contudo já na segunda edição da sua obra é mais extenso, e mudou de tom a respeito dos trovadores, porque tinha aparecido o primeiro volume dos trabalhos de M. Raynouard, que por fim veio esclarecer esta tão obscurecida parte da história literária.

Com efeito Raynouard <sup>1</sup> fixou o vago destes exames, reformou os antigos erros, supriu as deficiências de seus predecessores, formou a gramática da língua, imprimiu correctamente os originais e reuniu os principais monumentos da língua e da poesia provençal <sup>2</sup> com diligência, gosto e crítica.

Pode-se dizer que só depois de aparecer o seu livro é que verdadeiramente começamos a conhecer a literatura dos trovadores de onde a nossa descende, ou com a qual se ligou estreitamente quase desde o princípio da monarquia e pouco menos que o começo da língua.

E viesse ela por Catalunha e Aragão, e, atravessando daí a Castela, a *Gaia-ciência* nos chegasse por Galiza ou directamente no-la trouxesse o conde D. Henrique, o certo é

---

<sup>1</sup> *Recueil des Poésies des Troubadours*, por M. Reynouard.

<sup>2</sup> O primeiro conhecido destes poetas é Guilherme, nono conde de Poitier, nascido em 1070 e morto em 1126. O elaborado de seu estilo e a simetria métrica de suas canções mostram, claramente, que muito antes se devia ter formado e cultivado a língua para chegar a tal estado.

que nos primeiros reinados da monarquia nós trovávamos já à provençal; e aí está a Carta do marquês de Santillana para fazer fé, que primeiro e melhor que ninguém o fizemos em todas as Espanhas, e que na mesma corte de Castela o português era a língua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provençal quando cá chegou e se aclimatizou tão depressa como em chão seu próprio, não acharia nenhuns restos da poesia indígena que já os romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com eles e adoptou a sua língua, que não consta que morresse, assim como não morreu a nova língua com o senhorio godo, nem era para acabar sob os árabes, – que antes esses lhe dariam da sua cor oriental e fantástica, segundo em tudo o mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestígios dessa poesia indígena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contacto de tantas invasões sociais e literárias, nos singelos poemas narrativos que o nosso povo conserva, que ama com tanto afínco, e que não são nem mais queridos nem mais vulgares em nenhuma outra parte das Espanhas.

Como porém no século XIII começa a aparecer a língua portuguesa propriamente dita, e nesse tempo já o estilo provençal tem o predomínio, as duas literaturas da corte e do povo vistas hoje desta distância se confundem aos olhos inexpertos; mas o observador ilustrado bem depressa as extrema logo.

Às apalpadelas quanto aos períodos mais remotos, eu parece-me achar que a poesia original portuguesa – compreendendo nesta designação a aborígene, a provençal e a mista – tem passado por oito fases diferentes, cujas transições e duração constituem sete épocas naturais.

Na primeira colocarei tudo o que, mais ou menos autêntico, tem parecido ser anterior à predominação da escola provençal, quase absoluta no reinado de D. Afonso III e D. Dinis; e compreende portanto as poucas e incertas relíquias que se dizem existir dos séculos XI e XII. Na segunda época já pisamos terreno histórica, e somos alumiados por um grande e inquestionável documento, o *Cancioneiro* dito do *Colégio dos Nobres*, e o chamado de *D. Dinis* que ultimamente se imprimiu em Paris, pelo manuscrito do Vaticano. Dura esta época até D. Pedro I. E alguma coisa portanto poderemos também já haver do *Cancioneiro* de Resende. Mas certo e fixo tudo é lírico, são canções ou cantares. O pouco de épico ou de romance narrativo que se atribui a esta época é a puro adivinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escrito.

Começa a terceira época em D. Fernando com a introdução do gosto inglês, isto é, normando; e por consequência com uma certa reacção a favor do género narrativo.

Aqui triunfa a moda dos romances da *Távola Redonda*; el-rei Artur é o tipo de toda a cavalaria e de toda a poesia; o Condestável, o Mecenas desta escola, e D. João I o seu Augusto. Já na tradição oral aparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem atribuir a este período. Da rainha D. Filipa, de seu filho D. Duarte temos versos escritos e autênticos; de seu neto, o outro famoso Condestável, um *Cancioneiro* inteiro.

Nos reinados de D. Afonso V e de D. João II predomina o género germânico. No *Cancioneiro* de Resende e em outras colecções, temos exemplares bastantes no género lírico, algum raro porém do narrativo.

Reputo fechada a época com a terminação da Idade Média, que todos colocam por esta data, pouco mais ou menos, e que nós portugueses positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II.

A quarta época é aberta por Bernardim Ribeiro e Gil Vicente. Agora o *Palmeirim* e a literatura normando-bizantina triunfam. Pouco depois já é menor o sabor normando nos nossos romances, e já começam a ganhar influência os romancistas italianos. Parte do *Cancioneiro* de Resende pertence também a esta época: é todo dela o mesmo Garcia.

Logo após vem a renascença da literatura clássica. A poesia culta e da corte perpetuamente se separa da popular, toma as formas italianas e triunfa com António Ferreira. Sá de Miranda fica no meio das duas escolas; Camões populariza o género clássico, repassando-o, quanto era possível, do gosto nacional. Temos muitos romances, lendas e canções desta época, tanto escritos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de D. João III a affectação bucólica invade o próprio romance, que despe a malha e depõe a lança para vestir o surrão e empunhar o cajado de pastor. O gosto popular, mal satisfeito com a escola clássica, dominante, lança-se no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza épica lhe agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalizam entre nós.

O génio cavalheiresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom e vida ao romance histórico e aventureiro. Conclui-se a quarta época com o fim do século XVI e da independência nacional.

O domínio castelhano e a mais forte influência da sua literatura formam a quinta época. O género moirisco tinha tomado posse da poesia popular de Castela, e agora invade a de Portugal. Aparecem ainda hoje na tradição oral imitações e traduções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois D. Francisco Manuel de Melo estão à frente desta escola. A Arcádia é contudo mais forte do que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o género pastoril triunfa. O povo fica espectador desinteressado nestas lutas; nem chorou pelos vencidos, nem sancionou a vitória dos triunfadores. Nem uns nem outros falavam ao seu coração, às suas paixões; nem o consolavam em suas desgraças, nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia, o nosso povo foi achá-la onde nem os grandes nem os sabedores do tempo decerto imaginavam que ela estivesse, mas estava, a verdadeira, a única nacional de então, a das trovas e profecias que lhe falavam de um libertador, de um vingador, de um salvador que a Providência tinha reservado à nação portuguesa, e no qual se haviam de cumprir as imaginadas e suspiradas promessas do Campo de Ourique.

São deste tempo as *Profecias do Bandarra* e outras que em si resumem quase toda a poesia popular da época, se exceptuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora aparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porém não estava morto, só desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a corte mostrou-lhe, ao princípio, agrado e protecção, mas enfastiou-se dele e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente comum dos baixos *parvenus* e dos nobres degenerados: fez-se truão e bobo; os gracejos, os equívocos, as facécias burlescas foram as suas armas, e à força de ridículo, conseguiu reconquistar alguma atenção do público. Tal o achamos no fim desta época, tal aparece nas volumosas colecções do tempo, de que na *Fénix Renascida*, há alguns exemplares curiosos.

Sem melhorar ou talvez piorando de estilo, mas muito alterado o tom, torna o romance a reabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quase popular, porque se inspira do génio redivivo da nação para cantar os seus triunfos e a glória na expulsão dos castelhanos e nas contínuas vitórias que sobre eles alcança. O seu entusiasmo porém é sem dignidade, sem nobreza, não é o povo que canta as suas vitórias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua glória e que o não sabem fazer senão com grosseiros motejos aos inimigos vencidos.

As profecias e as legendas continuam a ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido pelo mau gosto dos *cultos*, que, arregimentados em infinidade de Academias dos nomes mais extravagantes e incríveis, conseguem tirar toda a cor à literatura portuguesa de todos os géneros e fazer da língua uma algaravia affectada e

ridícula, vã de toda a expressão, assoprada em frases tão descomunais, em conceitos tão ociosos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tão absurdas coisas escreviam.

E todavia ainda ressurgiu, ainda brota, aqui, ali, por entre estes matagais, o antigo génio do romance peninsular inspirando alguma rara composição menos desnatural. Mas o gongorismo, a afectação, os conceitos presumidos incham, assopram, desfiguram tudo. Por fim até a metrificacão natural e privativa é abandonada, o romance faz-se a gralha da fábula para vestir as penas do pavão da forma endecassílaba; e com este esforço de vaidade se torna absurdo, desprezível, é apupado por todos os partidos literários, e morre esquecido e miserável.

O triunfo clássico foi completo: reina a Arcádia; o seu domínio académico obtém o consenso e o concurso geral: tamanho era o cansaço e fastio que os desvarios daquela anarquia sem sabor tinham causado. Popularizam-se de novo as formas latinas e italianas, o estilo e o pensamento francês por tal modo, que ninguém se lembrava já sequer de que tivesse havido ou pudesse haver outra coisa.

Só o povo, o povo dos campos, as classes menos ilustradas da sociedade protestaram em silêncio contra este injusto abuso de uma justa vitória, guardando na lembrança, e repetindo entre si, como os hinos de uma religião proscrita, aqueles primitivos cantares das antigas eras que os doutos desprezavam e perseguiram, confundindo-os no anátema geral que só tinham merecido seus degenerados imitadores e corruptores.

No resto de Espanha sucedia o mesmo. Madrid e Lisboa rivalizavam a qual havia de proscriver e escarnecer mais a sua verdadeira poesia nacional. A falsa e ridícula imitação da antiguidade clássica, amaneirada pelas regras francesas, dominava tudo. Os escritores do grande rei e os seus alunos reinavam absolutos. E não só à península ibérica se estendia a sua autoridade: a Itália, a Alemanha, a própria tão ciosa Grã-Bretanha se deixaram avassalar destes novos Roldans e Oliveiros que, em singular mas pouco leal batalha, pareciam ter vencido a todos os paladins trovadores do mundo, juglares, menestrelis, bardos, *minnesingers* e *tutti quanti*. A própria religião de Camões esfriava em Portugal; um mau Lutero – frade e graciano como o outro – chegou a ter a ousadia de proclamar o protestantismo contra a sua católica autoridade! Calderon era quase esquecido, quase desprezado às margens do Mançanares; ao Dante não o entendiam já nem juravam por ele os seus; o próprio Shakespeare esteve a ponto de succumbir às traições de Dryden, e de ver Convent Garden e Drurylane ocupados exclusivamente pelas traduções e imitações dos clássicos de Luís XIV; Goethe nem Schiller não tinham erguido ainda bem desfraldado o estandarte da reacção; toda a literatura da Europa era francesa, amaneirada, monótona, servil, e reduzida a uma estéril unidade rotineira que nada criava, nada sentia, e nada ousava dizer senão por aquelas formas pautadas que lhe impunha o fatal régimen da centralização absoluta.

Senão quando, a revolução se levantou no Norte; a Alemanha foi a primeira a sacudir o jugo; quase ao mesmo tempo a Inglaterra; por fim a Itália; e até na própria França se levantou um grande partido contra esse despotismo que a não avassalava menos a ela do que as nações estrangeiras.

Nós lutávamos então contra a usurpação francesa e a tutela inglesa que, ensinando-nos a combater mais regularmente e com mais certa fortuna, ao mesmo tempo comprimia o impulso popular com seus bons e maus efeitos; apagou o incêndio que não queimasse, mas também o impediu de purificar e alumiar. A Arcádia já não existia, mas a sua sombra e o seu nome, ainda reinavam. Bocage teria sido o poeta mais popular de Portugal, o verdadeiro restaurador da nossa poesia se ele e os seus discípulos, que poética e literariamente reinaram na segunda metade desta época, não

fossem dominados daquele temor, daquele respeito, daquela deferência com que se inclinavam diante dos preceitos e exemplos da Arcádia em que reconheciam a infalibilidade ecuménica.

Quase se podia dizer destruída toda a nacionalidade, apagados os últimos vestígios originais da poesia, quando no fim do primeiro quartel deste século essa influência da renascença alemã e inglesa se começou a sentir.

Não quero por muitos motivos, e alguns deles personalíssimos, não quero entrar aqui em disputas de preferência, e prioridade com os nossos vizinhos e parentes mais próximos: direi somente que em Espanha portugueses e castelhanos despertaram quase ao mesmo tempo, e começaram a abrir os olhos sobre a triste figura que estavam fazendo na Europa em renegar da fidalga origem de suas belas línguas e literaturas, prostituindo-as em tão humilhante servidão francesa que por fins tinham chegado a nem já quase ousar imitar os seus modelos: traduziam palavra a palavra; e da própria frase, do génio de seu idioma se envergonhavam. Despertamos porém; e comum nos foi o pensamento, quase simultâneo o esforço, a castelhanos e a portugueses; foi uma verdadeira reacção ibérica; as duas línguas cultas da península apareceram unidas por um tácito pacto de família, animadas do espírito redivivo de seus avós comuns na causa da restauração comum.

Pede todavia a verdade histórica, a justiça manda que se faça uma grande e notável distinção no apreciar do respectivo contingente de esforços com que cada uma delas contribuiu para esta guerra de independência.

Assim como na resistência ao domínio da espada francesa, os portugueses foram mais ajudados pelos seus antigos aliados os ingleses, e o resto de Espanha lutou mais de próprio marte e por singular esforço seu; também no sacudir o jugo académico estrangeiro e em proclamar a independência da literatura pátria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos ingleses e alemães, especialmente e largamente pelos últimos: a nós ninguém nos ajudou, ninguém combateu a nosso lado, ninguém nos ministrou armas, munições, socorro o mais mínimo.

Seja-me permitido tomar aqui, neste ponto de história literária já contemporânea, a mesma liberdade de que para si usou, na história política, o ilustre conde de Toreno. Historiador coevo, ele teve de falar de si e de seus feitos como soldado e como homem público nessas honrosas lides da guerra peninsular: eu forçosamente tenho de falar de meus pobres trabalhos de escritor, trabalhos quase infantis, é verdade, mas com os quais e por cuja voz tímida e balbuciante rompeu todavia, a primeira aclamação da nossa independência literária.

Desde 1825-26, que foi publicada a *Dona Branca* e o *Camões*, datam as primeiras tentativas da revolução; em 1828 com a *Adosinda* e o *Bernal Francês* se firmou o estandarte da restauração. Separado logo depois e por mais de dez anos, pelos cuidados e lidas políticas, de quase todo o trabalho literário, tive contudo a satisfação de aplaudir aos muitos e ilustres combatentes que foram entrando na lice; vi lavrar milagrosamente o fogo santo, e juntei o meu retirado clamor aos hinos da vitória que derrotou para sempre os pretendidos clássicos, os zângãos académicos, os estrangeiros de todas as cores e feitos.

Antes que, excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Alemanha, eu começasse a empreender neste sentido a reabilitação do romance nacional, já Grimm, Rodd, Depping, Müller e outros vários tinham publicado importantes trabalhos sobre as tão preciosas quanto mal estimadas antigas colecções castelhanas: já Mme de Staël e Sismondi tinham exaltado sua grande importância literária. E todavia só muito depois disto publicou em França o sr. Duque de Rivas o seu *Moro Exposito*, que foi o primeiro sinal da reacção castelhana, e enfim em 1832 o sr. Duran o seu ROMANCEIRO, que a

completou.

Daqui por diante é geral e unânime em toda a península o movimento literário. Buscam-se os códigos antigos, comparam-se, estudam-se, reimprimem-se.

O nosso Cancioneiro passou sempre por ser o mais rico; e é decerto o mais antigo, porque as citadas colecções de Resende, do *Colégio dos Nobres*, e de D. Dinis vão até o século XIII e XIV. Romanceiro, torno a dizer, não o coligimos nunca; mas na tradição oral do povo, e dispersos pelos livros de vários autores e por alguns raros manuscritos anda uma grande riqueza que ainda se não tratou de ajuntar e apurar como ela merece e como tanto precisamos.

Sobre Isto trabalho há muitos anos, conforme já o disse no primeiro livro desta colecção, o qual todavia, repito, só deve considerar-se como Introdução a este que agora chamo segundo, mas que em realidade vem a ser o primeiro do ROMANCEIRO.

Não pude seguir a ordem cronológica, como era tanto para desejar, na colocação destas antigas e preciosas relíquias; porque havidas, na maior parte, da tradição oral dos povos, tudo quanto de suas datas se possa dizer é meramente conjectural. Tão pouco não julguei dever adoptar inteiramente a classificação por assuntos do sr. Duran, que à força de sistemática lhe dá em falso muita vez, e o obriga a subdivisões tão minuciosas que, por muitas demais, confundem em lugar de elucidarem.

Depois de muitas e variadas combinações que sucessivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar-me a uma divisão menos severa que a do sr. Duran, mas que me parece mais natural porque é mais simples.

Posta de parte por agora toda a ideia de Cancioneiro, não contemplei senão o que é estritamente matéria de romanceiro, e assim distribui por fim a minha colecção em cinco livros; a saber:

Livro I. *Romances da renascença*, imitações, reconstruções e estudos meus sobre o antigo;

Livro II. *Romances cavalleirescos antigos de aventuras*, e que ou não têm referência à história, ou não a têm conhecida;

Livro III. *Lendas e Profecias*;

Livro IV. *Romances históricos* compostos sobre factos ou mitos da história portuguesa e de outras;

Livro V. *Romances vários*, compreendendo todos os que não são épicos ou narrativos.

Por de leve esbocei as delineações destas épocas. Nem os perfeitos limites delas, nem a exacta classificação de todos os documentos e exemplares que ajuntei, pretendo defender com certeza, porque é impossível tê-la em tais matérias quem está de boa fé.

Tal é o método que segui. E tais são os princípios, tais foram os sentimentos que me fizeram emprender esta difícil tarefa, perseverar nela tantos anos apesar de tantas dificuldades, aborrecimentos e contrariedades sem número.

Tenho, outra vez o digo, tenho a consciência de fazer um grande serviço ao meu país, e de contribuir com um contingente não desprezível para a illustração da história das línguas e das literaturas da Europa.

# Romanceiro

## PARTE I

### I

#### BELA INFANTA

Esta é sem questão a mais geralmente sabida e cantada de nossas xácaras populares, a *Bela Infanta*.

Os críticos e colectores da nação vizinha e parente colocam alguns romances, que são visíveis fragmentos deste, entre os seus mais antigos e mais populares, daqueles cuja vetustade se perde talvez nas trevas do décimo terceiro século. É sabido que os romances mais antigos e queridos do povo davam tema aos poetas para trovarem sobre eles, ou os aplicarem aos factos do seu tempo. É o que se vê nos referidos fragmentos<sup>3</sup> que se encontram entre os primeiros das vastas colecções de Duran e Ochoa.

Digo que esta é uma verdadeira xácara, porque, feita a introdução, o poeta retira-se e deixa aos seus interlocutores contar a história toda.

No quinto acto do *Alfageme* introduzi, com algumas alterações indispensáveis, esta xácara, fazendo-a cantar por um coro de mulheres do povo, à hora do trabalho; e observei o sensível prazer que tinha o público em ver recordar as suas antiguidades populares, que nem ainda agora deixaram de lhe ser caras. Mas por mais que fizesse, não consegui que as cantassem a uma toada própria e imitante, quanto hoje pode ser, da melopeia antiga com que há séculos andam casadas essas trovas. Ainda em cima, os cantores desafinavam e iam fora de tempo na música italiana e complicada que lhes puseram. Apesar de tudo, os espectadores avaliaram a intenção e a aplaudiram.

Não sei de outra alguma destas composições populares que tenha por assunto um successo ligado com a guerra das Cruzadas: até por isso é interessante.

No corrigir do texto segui, como faço quase sempre, a lição da Beira Baixa, que é a mais segura. As poucas lições várias dignas de se notar vão apontadas.

Uma variante completa, que me enviou há pouco uma senhora do Minho, merece contudo ser transcrita por extenso.

Na estimada colecção de antigas trovas e romances ingleses, pelo bispo Percy, vem uma balada, que ele considera dos princípios do século décimo sexto, em que há visível imitação desta. Sabe-se muito bem quanto a poesia inglesa, desde Chaucer até Shakespeare, andou correndo aventuras pela romântica e encantada terra das Espanhas. A balada inglesa é um diálogo entre um viajante e um romeiro; c'omeça assim:

– As ye came from the holy land  
Of blessed Walsingham,  
O' met you not my true love  
As by the way ye came?  
«Hew should I know your true love  
That have met many a one?...<sup>4</sup>

Desta preciosa colecção, disse um grande entendedor<sup>5</sup>: «O gosto com que foram

<sup>3</sup> *Tesoro de Romanceros*, ed. de Ochoa, Paris, 1838, pág. 2 e 9.

<sup>4</sup> Percy's *Reliques of ancient english Poetry*, Londres 1823, sect. II, bock I, pág. 261.

escolhidos os materiais, a extrema felicidade com que foram ilustrados a riqueza de conhecimentos arqueológicos, e de lição clássica em que abunda a colecção, torna difícil imitar, impossível exceder, uma obra que para sempre há-de ser tida como a primeira da sua classe em merecimento».

---

<sup>5</sup> W. Scott, *Ministrelsy of the Scottish borders*.



## BELA INFANTA

Estava a bela infanta  
 No seu jardim assentada,  
 Como o pente de oiro fino  
 Seus cabelos penteava.  
 Deitou os olhos ao mar  
 Viu vir uma nobre armada;  
 Capitão que nela vinha,  
 Muito bem que a governava.<sup>6</sup>  
 – «Diz-me, ó capitão<sup>7</sup>  
 Dessa tua nobre armada,  
 Se encontraste meu marido  
 Na terra que Deus pisava?»  
 – «Anda tanto cavaleiro  
 Naquela terra sagrada...  
 Diz-me tu, ó senhora,  
 As senhas que ele levava.»  
 – «Levava cavalo branco,  
 Selim de prata doirada;  
 Na ponta da sua lança<sup>8</sup>  
 A cruz de Cristo levava.»  
 – «Pelos sinais que me deste<sup>9</sup>  
 Lá o vi numa estacada  
 Morreu morte de valente:  
 Eu sua morte vingava.»  
 – «Ai triste de mim viúva,  
 Ai triste de mim coitada!  
 De três filhinhas que tenho,  
 Sem nenhuma ser casada!...»  
 – «Que dirias tu, senhora,  
 A quem no trouxera aqui?»  
 – «Dera-lhe oiro e prata fina,  
 Quanta riqueza há por i.»  
 – «Não quero oiro nem prata,  
 Não nos quero para mi:  
 Que darias mais, senhora,

---

<sup>6</sup> Que a guiava. – *Lisboa*.

<sup>7</sup> Diz-me ó cavaleiro,  
 Os sinais... – *Ribatejo*.

<sup>8</sup> Nos punhos da sua espada. – *Estremadura*.

<sup>9</sup> Pelos sinais que me deste,  
 Lá o vi morto às lançadas,  
 Que a mais pequena que tinha,  
 Era a cabeça passada. – *Várias*.  
 Pelos sinais que me deste,  
 Lá morreu às cutiladas,  
 Que a mais pequena que tinha  
 Era a cabeça cortada. – *Várias*.

Estas variantes são ambas muito gerais, e talvez sejam melhores do que a que adoptei.

A quem no trouxera aqui?»  
 – «De três moinhos que tenho,  
 Todos três tos dera a ti;  
 Um mói o cravo e a canela <sup>10</sup>  
 Outro mói do gerzeli: <sup>11</sup>  
 Rica farinha que fazem!  
 Tomara-os el-rei pra si»  
 – «Os teus moinhos não quero  
 Não nos quero para mi;  
 Que diria mais senhora,  
 A quem to trouxera aqui?»  
 – «As telhas do meu telhado  
 Que são oiro e marfim.»  
 – «As telhas do teu telhado  
 Não nas quero para mi:  
 Que darias mais, senhora,  
 A quem no trouxera aqui?»  
 – «De três filhas que eu tenho, <sup>12</sup>  
 Todas três te daria a ti:  
 Uma para te calçar,  
 Outra para te vestir,  
 A mais formosa de todas  
 Para contigo dormir.»  
 – «As tuas filhas, infanta,  
 Não são damas para mi:  
 Dá-me outra coisa senhora,  
 Se queres que o traga aqui.  
 – «Não tenho mais que te dar,  
 Nem tu mais que me pedir.» <sup>13</sup>  
 – «Tudo, não, senhora minha,  
 Que inda te não deste a ti.»  
 – «Cavaleiro que tal pede,  
 Que tão vilão é de si <sup>14</sup>  
 Por meus vilões arrastado  
 O farei andar aí  
 Ao rabo do meu cavalo. <sup>15</sup>

---

<sup>10</sup> Este verso, pelas suas alusões se vê que é moderno comparativamente; foi introduzido decerto por lição muito posterior ao romance; o que se encontra a miúdo.

<sup>11</sup> Gerzelim, em arábico *Jolzelin*, semente redonda e oleosa ou uma planta de que se faz doce, e dela moída também óleo que serve para o comer.

<sup>12</sup> De três filhas que eu tenho.

Todas três te hei-de dar;  
 Uma para te vestir,  
 Outra para de calçar;  
 A ais formosa de todas  
 Para contigo casar. – *Estremadura*.

Esta variante assaz vulgarizada é contudo uma *pruderie* moderna de linguagem que se introduziu visivelmente quando a hipocrisia pediu a decência na fala que falava nos costumes.

<sup>13</sup> Quanto tinha ofereci. – *Beira Alta*.

<sup>14</sup> Que pede e torna a pedir. – *Estremadura*.

<sup>15</sup> Ao rabo do meu cavalo. – *Ribatejo*

À volta do meu jardim  
Vassalos, os meus vassalos,  
Acudi-me agora aqui!»  
– «Este anel de sete pedras  
Que eu contigo reparti...  
Que é dela a outra metade?  
Pois a minha, vê-la aí!»  
– «Tantos anos que chorei,<sup>16</sup>  
Tantos sustos que tremi!...  
Deus te perdoe, marido,  
Que me ias matando aqui.»

---

<sup>16</sup> Os últimos quatro versos faltam na maior parte das cópias, e talvez sejam postiços; precisos não são.

## VARIANTE PORTUGUESA

QUE PARECE UMA VERSÃO MAIS  
MODERNA DO ORIGINAL ANTIGO

Dona Clara, Dona Infante <sup>17</sup>  
 Estava no seu jardim,  
 Penteando tranças de oiro  
 Com seu pente de marfim,  
 Sentada numa almofada  
 De veludo carmesim.  
 Botou os olhos ao mar  
 E avistou formosa armada:  
 Capitão que a governava  
 Que bem a traz preparada!  
 Saltou em terra ele só  
 Com a viseira calada,  
 Vem saudar a dona Infante  
 Que assim triste lhe falou:  
 – «Viste tu o meu marido  
 Que há tempo que me deixou?»  
 – «Teu marido não conheço,  
 Diz-me que sinais levou.»  
 – «Levou seu cavalo branco  
 Com sua sela dourada,  
 Na ponta de sua lança  
 Uma fita encarnada;  
 Um cordão do meu cabelo  
 Que lhe prendia a espada.  
 Se porém tu não viste,  
 Cavaleiro da cruzada,  
 Ó triste de mim viúva,  
 Ó triste de mim coitada!  
 De três filhas que eu tenho  
 E nenhuma ser casada.»  
 – «Sou soldado, ando na guerra,  
 Nunca teu marido vi:  
 Mas quanto deras, senhora,  
 A quem o trouxera aqui?»  
 – «Dera-te tanto dinheiro  
 Que não tem conto nem fim;  
 E as telhas do meu telhado  
 Que são de oiro e marfim.»  
 – «Não quero oiro ou dinheiro  
 Que me não pertence a mi:  
 Sou soldado, ando na guerra,  
 Nunca teu marido vi.  
 Quanto deras mais, senhora,

---

<sup>17</sup> Infante no feminino é um latinismo dos séculos XV e XVI, que nunca foi popular, me persuado.

A quem o trouxera aqui?»  
– «Dera-te as minhas jóias  
Que não têm peso e medida;  
Dera-te o meu tear de oiro,  
Roca de prata polida.»  
– «Não quero oiro nem prata:  
Com ferro minha mão lida.  
Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi:  
Mas quanto deras senhora,  
A quem no trouxera aqui?»  
– «Das três filhas que eu tenho,  
Eu tas dera a escolher,  
São formosas como a lua,  
Como o sol a amanhecer.»  
– «Eu não quero tuas filhas,  
Não me podem pertencer.  
Sou soldado, ando na guerra;  
Nunca teu marido vi:  
Mas quanto deras, senhora,  
A quem no trouxera aqui?»  
– «Não tenho mais que te me dar  
Nem tu mais que me pedir.»  
– «Inda tens mais que dar,  
Não estejas a mentir;  
Tens teu leito de oiro fino  
Onde eu quisera dormir.»  
– «Cavaleiro que tal diz  
Merece ser arrastado  
Em roda do meu jardim  
Aos pés de um cavalo atado.  
Vinde cá, criados meus,  
Castigai este soldado.»  
– «Não chames os teus criados  
Que criados são de mi.»  
– «Se tu és o meu marido  
Porque me falas assim?»  
– «Por ver se me eras leal  
É que disfarçado vim.  
Lembras-te, ó dona infante,  
Quando eu daqui saí,  
O anel de sete pedras  
Que contigo reparti?  
Se as tuas não perdeste,  
As minhas ei-las aqui.»  
– «Vinde cá, ó minhas filhas,  
Vosso pai é já chegado.  
Abri-vos, portão de jaspe  
Há tanto tempo fechado!  
Folgai, folgai, meus vassallos,

Que é Dom Infante a meu lado.»

## II

## O CAÇADOR

Os críticos de Alemanha e de Espanha contam entre os mais antigos romances da Península este que os nossos vizinhos chamam da *Infantina* e nós do *Caçador*. Também me parece o mesmo. Lockhart, o elegante tradutor inglês<sup>18</sup>, extasia-se na admirável beleza de sua poesia tão original e tão simples. Mais pasmara se o visse no texto português como no-lo conservou a memória do povo, muito mais belo e muito mais original do que anda nas colecções castelhanas donde ele Lockhart o traduziu.

E todavia essas são dos meados do século dezasseis. Três séculos depois, ainda a tradição portuguesa o tem nesta perfeição. Forçosamente ou foi escrito no nosso dialecto que, segundo o tantas vezes citado e não suspeito testemunho do Marquês de Santillana<sup>19</sup>, era o preferido para se trovar na mesma corte de Castela, e fora o primeiro em que se fizeram versos; – ou, o que me parece mais provável, foi composto na linguagem ainda comum e pouco discriminada que prevalecia, ao princípio da reconquista, na povoação cristã das Espanhas.

Acresce que o romance castelhano, propriamente dito, nunca se lançou no maravilhoso das fadas e encantamentos que a escola céltica de França e Inglaterra, e mais ainda a neo-grega de Itália fizeram depois tão familiar na Europa. Os severos descendentes de Pelaião não tinham mitologia nos seus poemas, cantados ao som da lança no escudo e a compasso das cutiladas. O sobrenatural desta história parece-se mais com as crenças, e superstições, ainda hoje existentes no nosso povo, das moiras encantadas, das aparições da manhã de S. João e de outros mitos nacionais, tão belos, tão queridos da gente portuguesa, e tão desprezados – ainda mal! – até agora pelos nossos poetas.

Seja porém como for, o romance do *Caçador* pertence à poesia popular portuguesa, é de imemorial antiguidade; e como a tal lhe dou aqui lugar entre as relíquias mais originais da. nossa primitiva literatura.

A moralidade da fábula – se permitem a palavra os escrupulosos – é a mesma que a da *maré do carvoeiro*; ocasião perdida, ocasião que não volta. A história do *Capote novo* e outras muitas do «*Decameron popular*», que é pena serem tão soltas e verdes que se não podem escrever, ilustram a mesma sentença e rifão. Bocácio e La Fontaine achariam nos contos tradicionais do nosso povo com que enriquecer muito as *Cem novelas novas* de suas gaiatas colecções.

---

<sup>18</sup> *Ancient Spanisk Ballads*, historical and romantic, translated with notes by J. G. Lockhart Esq. London 1851.

<sup>19</sup> Na colecção de Sanchez, Madrid, 1779.

## O CAÇADOR

O caçador foi à caça,  
 À caça, com soía<sup>20</sup>  
 Os cães já leva cansados,  
 O falcão perdido havia.  
 Andando se lhe fez noite<sup>21</sup>  
 Por uma mata sombria,  
 Arrimou-se a uma azinheira,  
 A mais alta que ali via.  
 Foi a levantar os olhos,  
 Viu coisa de maravilha:  
 No mais alto da ramada<sup>22</sup>  
 Uma donzela tão linda!  
 Dos cabelos da cabeça  
 A mesma árvore vestia,  
 Da luz dos olhos tão viva  
 Todo o bosque se alumia.

Ali falou a donzela,  
 Já vereis o que dizia:  
 – «Não te assustes, cavaleiro,  
 Não tenhas tamanha frima.  
 Sou filha de um rei c'roadado,  
 De uma bendita rainha.  
 Sete fadas me fadaram  
 Nos braços de mi'madrinha,  
 Que estivesse aqui sete anos,  
 Sete anos e mais um dia;  
 Hoje se acabam nos anos,  
 Amanhã se conta o dia;  
 Leva-me, por Deus to peço,  
 Leva em tua companhia.»  
 – «Espera-me aqui, donzela,  
 Té amanhã, que é o dia;  
 Que eu vou tomar conselho,  
 Conselho com minha tia.»  
 Responde agora a donzela,  
 – «Oh, mal haja o cavaleiro,  
 Que não teve cortesia:  
 Deixa a menina no souto<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> A caça de montaria. – *Alentejo*.

A caça de altanaria. – *Trás-os-Montes*.

<sup>21</sup> Fez-se noite no caminho. – *Beira Alta*.

<sup>22</sup> *Ramada* pelo ajuntamento de ramos naturais na mesma árvore, fazendo sombra e abrigo, é a significação clássica e natural. No Minho chamam *ramada* aos parreirais e latadas de vinha feitos com ramos, varas, canas, etc.

<sup>23</sup> Deixa a menina no monte. – *Beira Baixa*.



Sem lhe fazer companhia!»

Ela ficou no seu ramo,  
Ele foi-se a ter coa tia...  
Já voltava o cavaleiro  
Apenas que rompe o dia,  
Corre por toda essa mata,  
A enzina não descobria.  
Vai correndo e vai chamando  
Donzela não respondia:  
Deitou os olhos ao longe,  
Viu tanta cavalaria,  
De senhores e fidalgos  
Muito grande tropelia.<sup>24</sup>  
Levavam-na linda infanta,  
Que era já contado o dia.  
O triste do cavaleiro  
Por morto no chão caía;  
Mas já tornava aos sentidos  
E a mão à espada metia:  
– «Oh, quem perdeu o que eu perco  
Grande penar merecia!  
Justiça faço em mim mesmo  
E aqui me acabo coa vida.»

---

<sup>24</sup> *Tropelia*, em português casto e clássico, é o tumulto que se faz em tropel e também a injúria que se faz a alguém, a alguma coisa, *atropelando* direitos, posses, pessoas, razões ou conveniências. Aqui está o derivado pelo original ou primitivo; e para mim o povo é também um clássico.

## III

## A ENFEITIÇADA

E claramente de origem francesa, e vir-nos-ia porventura com os cavaleiros e os tropeiros do Conde D. Henrique, o lindo romance da *Donzela Enfeitiçada*. Foi talvez um *fabliau* na sua terra? Quem sabe?

Aqui é ele muito antigo; castelhanos e portugueses o disputam por seu, e acaso nem uns nem outros terão razão. Em algumas das nossas províncias anda confundido, na versão oral, com o romance precedente do *Caçador* e custa a desvencilhá-los.

Colacionando-o com a cópia castelhana notar-se-á quanto é mais gracioso e mais chistoso o texto português; conhece-se muito mais nele o tom e o sainete sempre picante do génio francês, que do princípio foi o que é e há-de ser, leve, fácil e engraçado com donaire e agudeza.

Chamam-lhe em Castela *Romance de la Infanta de Francia*.

A anedota não está nos nossos costumes nem nos de nossos vizinhos, nem sequer nos costumes das eras cavalleirescas. Também não é ainda do ciclo da *Távola Redonda*, de quando os nossos mesmos romancistas punham todas as suas cenas no país dos *Artures* e *Amadizes*. Essa escola prevaleceu aqui mais tarde, e começou talvez a preponderar em tempos del-rei D. Fernando, em cuja corte dominavam já muito as modas e gosto inglês, que depois triunfaram absolutamente no reinado de seu irmão e sucessor.

O ar desta pequena peça é muito mais antigo; e por tal a têm os críticos e colectores castelhanos.

## A ENFEITIÇADA

Vai correndo o cavaleiro,  
 A Paris levava a guia,  
 Viu estar uma donzela  
 Sentada na penha fria:  
 – «Que fazeis aqui donzela?  
 Que fazeis ó donzelinha?»  
 – «Vou-me à corte de Paris»<sup>25</sup>  
 Onde padre e madre tinha;  
 Perdi-me no meu caminho,  
 Pus-me a esperar companhia  
 Cansada estou de esperar  
 Sentada na penha fria,  
 Se te praz, ó cavaleiro,<sup>26</sup>  
 Leva-me em tua companhia.»  
 Respondeu-lhe o cavaleiro:  
 – «Pois que me praz, vida minha.»  
 Lá no meio do caminho  
 De amores a requeria;  
 A donzela muito enxuta<sup>27</sup>  
 Lhe disse com ousadia:  
 – «Tem-te, tem-te, cavaleiro,  
 Não façais tal vilania?  
 Que, antes que me baptizassem  
 Me deram feitiçaria:  
 Sete bruxas me embruxaram  
 Antes que eu fosse à pia;  
 O homem que a mim se chegasse,  
 Malato<sup>28</sup> se tornaria»  
 Não responde o cavaleiro,<sup>29</sup>  
 Todo na sela tremia.  
 Lá para o fim do caminho<sup>30</sup>  
 A donzela que sorria.  
 – «De que vos rides, donzela,  
 De que rides donzelinha?»  
 – «Não me rio do cavalo  
 Nem da sua fitaria,

---

<sup>25</sup> Vou-me à corte de França.– *Estremadura*.

<sup>26</sup> Quereis vós, ó cavaleiro,  
 Que eu vá em vossa companhia?»  
 Respondeu-lhe o cavaleiro:

– «Pois não quero minha vida! – *Ribatejo*.

<sup>27</sup> A donzela mui sizuda.

Sem ter medo, lhe dizia. – *Beira Alta*.

<sup>28</sup> Malato era o homem livre que descia à condição quase de servo e vilão. No sentido figurado – que parece ser o que domina – homem perdido, tolhido e invalidado?

<sup>29</sup> O cavaleiro com medo  
 Tremendo lhe respondia. – *Alentejo*.

<sup>30</sup> Passado largo caminho. – *Beira Alta*.

Rio-me do cavaleiro,  
 Mais da sua covardia;  
 Com a donzela à garupa  
 E catou-lhe cortesia;  
 Soube guardar-se das moças  
 E bruxas velhas temia.»  
 – «Atrás, atrás, ó donzela,  
 Atrás, atrás, donzelinha,  
 Que na fonte onde bebemos  
 Deixo uma espora perdida.»  
 – «Cavaleiro, adiante, adiante,  
 Que eu atrás não tornaria.  
 Se a sua espora é de prata,  
 Meu pai de oiro lha daria:  
 Que ás portas de meu pai <sup>31</sup>  
 Se mede oiro cada dia.»  
 – «Dizei-me vós ó donzela,  
 Dizei-me de quem sois filha.  
 – «Sou filha del-rei de França  
 E da rainha Constantina.»  
 – «Arrenego eu de mulheres  
 Mais de quem nelas se fia!  
 Cuidei de levar amante,  
 Levo uma irmã minha.» <sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Que ás portas do meu palácio. – *Estremadura*.

<sup>32</sup> Depois destes versos a lição do Minho acrescenta, em forma de moralidade que faz o trovador, o que aqui está na boca do cavaleiro:  
 Arrenego eu de mulheres,  
 Mais de quem nelas se fia!

## IV

## CONDE YANNO

Sir Walter Scott diz, em alguma parte do *Cancioneiro das fronteiras da Escócia*, que os romances populares foram quase todos em sua origem poemas mais longos e mais completos, que os menestrelis depois encurtavam e truncavam para os poderem cantar em dois ou três lais quando muito, como quem diz, em duas ou três cantigas: o que na íntegra era impossível. Que daí ficaram assim pela memória do povo, e assim vieram até nós.

Se tal é – e eu não defendo nem impugno agora a teoria – digo que este belo romance do *Conde Yanno* algum menestrel português o acomodou ao gosto popular, contraindo-o do poemeto castelhano que ali se chama do *Conde Alarcos* e da *Infanta Solisa*.

Em algumas províncias nossas também lhe chamam *Conde Alarcos*, noutras *Conde Anardos*; e até noutras, por muito visível rebaptização herética, *Dom Duarte*, e *Conde Alberto*. Tão somente nos distritos mais sertanejos do reino e menos próximos do contacto castelhano aparece *Conde Yanno*.

Yanno é a mais antiga degeneração do grego e latino *Joannes* – dos quais tanto mais próximo está do que os modernos *Juan*, *João* dos dois dialectos cultos das Espanhas.

Assim o nome como o modo de dizer *Conde Yanno* (Conde João) em vez de *Conde de tal* indicam já grande antiguidade. E tanta, que eu mais me inclino a que o trovador castelhano alargasse a obra do menestrel português do que vice-versa. E ou esta é uma excepção das muitas que tem a regra de Sir Walter, ou ela não é regra, absoluta pelo menos.

A verdade há-de estar no meio, que é o costume.

Lembra-me, em pequeno, a imensa alegria que eu tinha quando a minha Brígida<sup>33</sup> velha, criada que nos contava e cantava estas histórias, chegando ao passo em que a condessa ia morrer às mãos do seu ambicioso e indigno marido, mudava de repente de tom na sua sentida melopeia, e exclamava:

«Tocam nos sinos na Sé...  
Ai Jesus, quem morreria?...»

Morria a má infanta que descasava os bem casados, e a pobre condessa escapava. Que fortuna! Tirava-se um peso do coração à gente, e a história acabava como devia ser.

As despedidas da condessa moribunda «a tudo que mais queria», às suas flores, ao seu filhinho, são admiráveis aqui também e omissas na lição castelhana.

Enfim, nascesse ele dentro das nossas fronteiras, ou viesse além delas, cá se fez mais lindo o romance, muito mais.

Sismondi e Madame de Staël exaltam esta composição acima de todas as do romanceiro castelhano. Que faria se conhecessem a lição portuguesa?

É geralmente sabido por todo o reino, muito popular, e as variantes numerosas.

Quase todas as que valiam a pena as incorporei no texto, porque algumas eram complementares de outras, e muitas aclaravam o sentido e atavam o fio da narrativa. Das poucas que ficaram, se aponta à margem alguma que o merece.

<sup>33</sup> Esta criada Brigida já foi cantada na *Dona Branca*.

## CONDE YANNO

Chorava a infanta, chorava,<sup>34</sup>  
 Chorava e razão havia,  
 Vivendo tão descontente;  
 Seu pai por casar a tinha.  
 Acordou el-rei da cama<sup>35</sup>  
 Com o pranto que fazia:  
 – «Que tens tu, querida infanta.  
 Que tens tu, ó filha minha?»  
 – «Senhor pai, o que hei-de eu ter  
 Senão que me pesa a vida?  
 De três irmãos que nós éramos,  
 Solteira eu só ficaria.»  
 – «Que queres tu que te eu faça?  
 Mas a culpa não é minha.  
 Cá vieram embaixadas  
 De Guitaina e Normandia;<sup>36</sup>  
 Nem ouvi-las não quiseste,  
 Nem fazer-lhes cortesia...  
 Na minha corte não vejo  
 Marido que te daria...  
 Só se fosse o conde Yanno,<sup>37</sup>  
 E esse já mulher havia».<sup>38</sup>  
 «Ai! rico pai da minha alma,  
 Pois esse é que eu queria.  
 Se ele tem mulher e filhos,  
 A mim muito mais devia,  
 Que me não soube guardar  
 A fé que me prometia».

Manda el-rei chamar o conde,  
 Sem saber o que faria:  
 Que lhe viesse falar...  
 Sem saber que lhe diria.  
 – «Inda agora vim do paço,  
 Já el-rei lá me queria!  
 Ai! será para meu bem?  
 Ai! para meu mal seria?»

---

<sup>34</sup> Chorava a infanta Solisa,  
 Razão de chorar havia. – *Alentejo*.  
 Chorava Dona Silvana. – *Estremadura*.  
 Despertou el-rei seu pai. – *Beira Alta*.

<sup>35</sup> Despertou el-rei seu pai – *Beira Alta*.

<sup>36</sup> De Leão e de Castilha. – *Trás-os-Montes*.

Guitaina é Aquitania, bem claramente

<sup>37</sup> Só se fosse o conde Albano. – *Minho*.

Só se fosse o conde Alarcos. – *Beira Baixa*.

<sup>38</sup> E esse tem mulher e filhas. – *Beira Alta, Lisboa*.

Conde Yanno que chegava,  
 El-rei a que buscar o vinha:  
 – «Beijo a mão a vossa alteza;  
 Que quer vossa senhoria?»  
 Responde-lhe agora o rei  
 Com grande merencoria:  
 – «Beijai, que mercê vos faço;  
 Casareis com minha filha.»  
 Cuidou de cair por morto  
 O conde que tal ouvia:  
 – «Senhor rei, que sou casado  
 Já passa mais de ano e dia!»  
 – «Matareis vossa mulher,  
 Casareis com minha filha.»  
 – «Senhor, como hei-de matá-la,  
 Se a morte me não mer'cia?»  
 – «Calai-vos conde, calai-vos,  
 Não vos quero demasia;  
 Filhas de reis não se enganam  
 Como uma mulher cativa.»  
 – «Senhor, que é muita razão,  
 Mais razão que ser devia,  
 Para me matar a mim  
 Que tanto vos ofendia;  
 Mas matar uma inocente  
 Com tamanha aleivosia!  
 Nesta vida nem na outra  
 Deus me não perdoaria.»  
 – «A condessa há-de morrer  
 Pelo mal que cá fazia;  
 Quero ver sua cabeça  
 Nessa doirada bacia».

Foi-se embora o conde Yanno,  
 Muito triste que ele ia,  
 Adiante um pajem del-rei  
 Levava a negra bacia,  
 O pajem ia de luto,  
 De luto o conde vestia:  
 Mais dó levava no peito  
 Cos apertos da agonia.  
 A condessa que o esperava,  
 De muito longe que o via,  
 Com o filhinho nos braços  
 Para abraçá-lo corria:  
 – «Bem-vindo sejais, meu conde,  
 Bem-vinda minha alegria!»  
 Ele sem dizer palavra  
 Pelas escadas subia.  
 Mandou fechar seu palácio,

Coisa que nunca fazia;<sup>39</sup>  
 Mandou logo pôr a ceia  
 Como quem lhe apetecia.<sup>40</sup>

Sentaram-se ambos à mesa,  
 Nem um nem outro comia;  
 As lágrimas era um rio<sup>41</sup>  
 Que pela mesa corria.  
 Foi a beijar o filhinho  
 Que a mãe aos peitos trazia,  
 Largou o seio o inocente,  
 Como um anjo lhe sorria.  
 Quando tal viu a condessa,  
 O coração lhe partia;  
 Desata em tamanho chora  
 Que em toda a casa se ouvia;  
 – «Que tens tu, ó querido conde,  
 Que tens tu, ó vida minha?  
 Tira-me já destas ânsias  
 El-rei o que te queria?»  
 Ele afogava em soluços,  
 Responder-lhe não podia;  
 Ela, apertando-o nos braços,  
 Com muito amor lhe dizia:  
 – «Abre-me o teu coração,  
 Desafoga essa agonia,  
 Dá-me da tua tristeza  
 Dar-te-ei da minha alegria».  
 Levantou-se o conde Yanno,  
 A condessa que o seguia.  
 Deitaram-se ambos no leito;  
 Nem um nem outro dormia.  
 Ouvireis a desgraçada;  
 Ouvides ora o que dizia:  
 – «Peço-te por Deus do céu  
 E pela Virgem Maria,  
 Antes me mates, meu conde,  
 Que eu ver-te nessa agonia.»  
 – «Morto seja quem tal manda,  
 Mais a sua tirania!  
 – «Ai! não te entendo; meu conde,  
 Dize-me, por tua vida,  
 Que negra ventura é esta.  
 Que entre nós está metida?»

---

<sup>39</sup> O que dantes não fazia. – *Minho*.

<sup>40</sup> Como quem comer queria. – *Lisboa*.

<sup>41</sup> As lágrimas eram tantas  
 Que pela mesa corriam. – *Várias*.



– «Ventura da sem ventura.  
Grande foi tua mofina!<sup>42</sup>  
Manda-me el-rei que te mate,  
Que case com sua filha.»

Palavras não eram ditas,  
Inda mal lhas ouviria,  
A desgraçada condessa  
Por morta no chão caía.  
Não quis Deus que ali morresse...

Triste que ali não morria!  
Maior dor que a da morte  
A torna a chamar à vida.  
– «Cala, cala, conde Yanno,  
Que inda remédio haveria;  
Ai! não me mates, meu conde,  
E um alvitre te daria:<sup>43</sup>

A meu pai me mandarás,  
Pai que tanto me queria!  
Ter-me-ão por filha donzela  
E eu a fé te guardaria.  
Criarei este inocente  
Que a outra não criaria;  
Manter-te-ei castidade  
Como sempre ta mantia.»

– «Ai como pode isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se el-rei quer tua cabeça  
Nesta doirada bacia?»  
– «Cala, cala, conde Yanno,  
Que inda remédio teria.  
Meter-me-ás num convento  
Da ordem da freiraria;  
Dar-me-ão o pão por onça  
E a água por medida:  
Eu lá morrerei de pena,  
E a infanta o não saberia.»

– «Ai! como pode isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se quer ver tua cabeça  
Nesta maldita bacia?»  
– «Fecháras-me numa torre,  
Nem sol, nem lua veria,  
As horas da minha vida  
Por meus ais as contaria.»  
– «Ai como pode isso ser,  
Condessa minha querida,

---

<sup>42</sup> Mofina. Substantivo, talvez por mofina sorte, é usado dos clássicos alguma vez: é comum hoje ao povo das províncias quase todas.

<sup>43</sup> Um conselho te daria. – *Beira Baixa*.

Se el-rei quer tua cabeça  
Nesta doirada bacia?»

Palavras não eram ditas,  
El-rei que à porta batia:  
Se a condessa não é morta,  
Que então ele a mataria.  
– «A condessa não é morta  
Mas está na agonia.»  
– «Deixa-me dizer, meu conde,  
Uma oração que eu saiba.»  
– «Dizei depressa, condessa,  
Antes que amanheça o dia.»  
– «Ai! quem podera rezar,<sup>44</sup>  
Ó virgem Santa Maria!  
Que eu não me pesa da morte,  
Pesa-me da aleivosia:  
Mais me pesa de ti, Conde,  
E da tua covardia.  
Matas-me por tuas mãos,  
Só porque el-rei o queria!  
Ai! Deus te perdoe, Conde,  
Lá na hora da contia.<sup>45</sup>  
Deixar-me dizer adeus  
A tudo o que eu mais queria;  
Às flores deste jardim,  
Às águas da fonte fria.  
Adeus cravos, adeus rosas,  
Adeus flor da Alexandria!  
Guardai-me vós meus amores  
Que outrém me não guardaria.  
Dêem-me cá esse menino,  
Entranhas da minha vida;  
Deste sangue de meu peito  
Mamará por despedida.  
Mama, meu filhinho, mama  
Desse leite da agonia;  
Que até agora tinhas mãe,  
Mãe que tanto te queria,  
Amanhã terás madrasta  
De mais alta senhoria...»

Tocam nos sinos na sé...  
Ai Jesus! Quem morreria?  
Responde o filhinho ao peito,<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> No poemeto castelhano a condessa reza— e não é feia a sua preghiera: mais bonito e mais poético é o pensamento do autor português, que lhe não dá nem ânimo para rezar.

<sup>45</sup> Na hora em que contar contigo, em que te tomar contas. É a frase expressiva dos ingleses: *in the hour of reckoning*.

Respondeu – que maravilha!  
– «Morreu, foi a nossa Infanta.  
Pelos males que fazia;  
Descasar os bem casados:  
Coisa que Deus não queria.»

---

<sup>46</sup> Quase todas as lições provinciais omitem os dois versos últimos desta cópia, e o pensamento que eles encerram. Só uma lição da borda-de-água os trás e julguei que mereciam ser incorporados no texto. Este prodígio de falarem os inocentes ao peito das mães, nas grandes circunstâncias públicas ou nas grandes crises domésticas, era mui favorito dos nossos. Na aclamação de D. João I bem sabido é que uma criança tirou todas as dúvidas bradando do colo da mãe: «Real, Real, pelo mestre de Aviz rei de Portugal». Noutro romance desta colecção, o de «Dom Beltrão», veremos falar o cavalo de um morto cavaleiro.

## V

## O CONDE DA ALEMANHA

O romance-xácara do *Conde da Alemanha* tem um pensamento belo e moral, e o estilo daquela simplicidade sublime e verdadeiramente antiga, que é o selo das composições originais e primitivas, de quando a arte, espelho ainda rudo porém ainda ingénuo, não faz mais do que reflectir a natureza mas reflecte-a com toda a verdade.

Uma filha – uma Infanta, pois quase todos estes contos de «era uma vez há muito» são de Infantas e princesas—uma filha tem a desgraça de vir a descobrir a «criminal conversação» de sua mãe com um cavaleiro mancebo e estrangeiro, um certo «conde da Alemanha» – *Alamanca*, ou também *Aramenha*, como em algumas partes diz a lição do povo. El-rei anda à caça segundo é de uso usado nestes remos antigos – ao menos ocupavam-se nisso! – e a filha protesta dizer-lhe tudo em ele chegando, apesar dos rogos e peitas com que a mãe a procura fazer calar. Chega o pai, a infanta vai resolvida a ele... Horroroso espectáculo! A tremenda acusação de adultério proferida pela filha contra a mãe! O terror chega ao seu auge, a peripécia é grande e sublime... A filha acusa o sedutor, mas salva a mãe; acusa-o de um grande atentado que lhe deve custar a vida, mas outro, mas diferente: o de lhe lançar mãos violentas, o de atentar contra a honra dela infanta!

A falsa querela leva o conde ao cadafalso; mas o crime verdadeiro fica punido e a honra do pai desagradada sem se revelar a infâmia da mãe.

É visível que este romance foi composto para celebrar um facto real e histórico, alguma dessas negras e sanguinolentas tragédias, que tão frequentes se representavam nas escuras câmaras dos nossos paços e solares. Nenhuma justiça ousava entender nesses crimes dos grandes, nenhuma voz os denunciava; e apenas o trovador ou jogral em sua ronda de terra em terra, de torre em torre, ia repetir, longe numa, o que muito longe dali tinha ouvido noutra – ecos vagos e confusos da história verdadeira que nem ele saberia nem ousaria contar toda, e que mais desfigurados e confusos ficavam no monótono trovar de suas cantadas coplas, cantadas ao som uniforme daquela triste melopeia que ainda hoje dura na memória dos povos, donde toda se obliterou, se alguma houve nunca, a lembrança dos factos e nomes verdadeiros desta e de iguais tradições.

Facto conhecido na história de Portugal ou de outra parte de Espanha, não sei que o memore este romance; mas inclino-me a crê-lo de origem portuguesa, isto é, que originalmente fosse composto no dialecto português, ou légio-lusitano, porque ainda agora há mais simplicidade e mais natural na *edição* (também mais completa) que dele nos dá a tradição oral do nosso povo, do que na lição escrita e impressa em que o conservaram os colectores castelhanos desde 1511 que se publicou o seu primeiro romanceiro geral.

Ainda no ano em que isto se escreve, 1841, é esta uma das xácaras mais válidas, mais cantadas, e mais sabidas da gente dos campos. Assim de todas as províncias, até das de além-mar, obtive cópias dela; algumas visivelmente adulteradas com grosseiros *rifacimentos* modernos, adições e «melhoramentos» de algum presumido cantor de aldeia que pretendeu corrigir estas antigualhas como os nossos architectos de Lisboa corrigiram o convento de Belém, e aperfeiçoaram o frontispício da Conceição Velha.

Coleccionando umas cópias com outras e com a lição castelhana segundo Depping e Agustim Duran, apurei o que me parece o texto mais legítimo e verosímil.

Juntei no fim alguma variante mais notável e que aparecia mais repetida.

## CONDE DA ALEMANHA

Já lá vem o sol na serra,<sup>47</sup>  
 Já lá vem o claro dia,  
 E inda o conde da Alemanha  
 Com a rainha dormia.  
 Não o sabe homem nascido  
 De quantos na corte havia;  
 Só o sabia a infanta,<sup>48</sup>  
 A infanta sua filha.  
 – «Não nas chegue eu a romper<sup>49</sup>  
 Mangas da minha camisa,  
 Se em vindo meu pai da caça,  
 Eu logo lho não diria.»  
 – «Cal'-te, cal'-te, lá infanta,  
 Não digas tal, minha filha,  
 Que o conde da Alemanha  
 De oiro te vestiria.»  
 – «Não quero vestidos de oiro;<sup>50</sup>  
 Mau fogo em quem nos vestira!  
 Padrasto com meu pai vivo;  
 Nunca eu o consentiria.»

Palavras não eram ditas,  
 El-rei que à porta batia.  
 – «Deus venha co senhor pai  
 E o traga na sua guia!  
 Tenho para lhe contar  
 Um conto de maravilha.  
 Estando eu no meu tear<sup>51</sup>  
 Seda amarela tecia,  
 Veio o conde da Alemanha  
 Três fios dela me tira...»

– «Cal'-te daí, minha filha,

---

<sup>47</sup> Já o sol dá na vidraça. – *Ribatejo*.

<sup>48</sup> Sabia-o Dona Silvana. – *Minho*.

Sabia-o Dona Bernarda. – *Beira Alta*.

<sup>49</sup> Mangas da minha camisa.

Não nas chegue eu a romper,

Se em vindo meu pai da missa

Logo lho não fora dizer. – *Minho*.

<sup>50</sup> Não quero vestidos de oiro,

Pois os tenho de damasco:

Inda tenho meu pai vivo,

Já me querem dar padrasto. – *Ribatejo, Trás-os-Montes, Beira Alta*.

<sup>51</sup> Estando eu no meu tear

Tecendo seda amarela,

Veio o conde da Alemanha

Três fios me tirou dela. – *Porto e outras*.

Ninguém te oiça dizer tal:  
 Que o conde da Alemanha  
 É menino, quer brincar».  
 – «Arrenego dos seus brincos»<sup>52</sup>  
 Mais do seu negro folgar!  
 Que me tomou nos seus braços,  
 À cama me quis levar.»  
 – «Cal'te já minha filha,  
 Ninguém te oiça mais falar;  
 Que em antes que o sol se ponha  
 Vai o conde a degolar.»

Veis-lo conde da Alemanha,  
 Veis-lo vai a degolar;  
 Ao rabo do seu cavalo  
 Lá o levam a arrastar.  
 – «Venha cá, senhora mãe,»<sup>53</sup>  
 Venha ao mirante folgar,  
 Veja um conde tão formoso  
 Que aí vai a degolar.»  
 – «Mal haja, filha, o meu leite,  
 Mais quem to deu de mamar,  
 Que a um conde tão bonito  
 A morte foste causar».  
 – «Cal'te daí, minha mãe,  
 Ninguém lhe oiça dizer tal,  
 Que a morte que o Conde leva  
 Não lha faça eu levar.»<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> Arrenego de tal conde. – *Beira Baixa*.

<sup>53</sup> Aqui as variantes são infinitas: é a passagem que todos os engenhos de aldeia se comprazeram mais a parafrasear e a fazer tema de seus floreados e variações, modernizando-a sem obedecer à rima certa do romance e quando menos ao seu toante ou assoante obrigado, cujas severas leis não permitem que se mude senão em espaços regulares, e nunca mais de duas ou três vezes em todo o decurso do mais extenso deles.

Ponho aqui uma amostra destas que não são variantes, mas variações modernas:

Venha cá, senhora mãe,  
 Para a janela do meio,  
 Ver o conde da Alemanha  
 Enfeitado de vermelho.  
 Venha cá, senhora mãe,  
 À janela do quintal,  
 Ver o conde da Alemanha  
 Como vai a degolar.  
 Venha cá, ó minha mãe,  
 Venha à janela do canto  
 Venha ver o senhor conde  
 Como lhe parece o branco.  
 Venha ver, ó minha mãe,  
 À janelinha do poço,  
 Venha ver o senhor conde  
 Com uma corda ao pescoço.

---

<sup>54</sup> Algumas cópias, especialmente as da Beira Baixa e Ribatejo, trazem no fim uma espécie de conclusão ou rabo-leva; o que G. de Rezende chamaria cabo ou fim (vej. Canc. De Res.): remate que todavia se encontra quase pelas mesmas palavras em muitas outras xácaras e romances.

Numa campa rasa e triste  
Já o deixam enterrado:  
Puseram-lhe à cabeceira  
Um letreiro bem lavado.  
Para quem passar que diga:  
– «Aqui jaz o malfadado,  
Que morreu de mal de amores,  
Que é mal desesperado.»

## VI

## DOM ALEIXO

Tem este romance um viço, um frescor de originalidade que recende. Todo ele respira a graça desafeitada da poesia primitiva. E todavia é fino, elegante, cheira a um salão de castelo da meia-idade, aos perfumes do *boudoir* de uma nobre donzela do tempo da *Madre-Silva* ou da *Ala dos Namorados*. Se o cantaria o condestável à sua dama? Ou o Magriço àquelas misses de olhos azuis que foi defender a Inglaterra? Ou se o traria da Normandia o conde de Abranches?

Sabemos que estas coisas eram já mais moda do que as envezadas trovas trovadas del-rei Dom Diniz e de seus donzés e discípulos, pois temos nos cronistas a autoridade de Nuno Álvares Pereira, que era o grande modelo de seu tempo, e preferia os romances del-rei Artur e de sua Távola, a todas as pieguices alambicadas da escola provençal.

Não quero dizer que seja *Dom Aleixo* tão antigo como *Amadis* em sua linguagem e composição. Digo que a história e o modo de a contar sabem a esses primitivos tempos. Vasco de Lobeira pode ser mais velho um século ou dois; mas o menestrel que disse este cantar, não o fez mais moderno, talvez menos. Na mesma montanha e na mesma estação do ano varia a temperatura, o clima e a vegetação por tal modo, que o viajante pode imaginar-se estar no mesmo dia, na primavera e no inverno, no estio e no outono, segundo sobe para a cumeada ou desce para a falda da serra. Ainda no mesmo ponto e no mesmo jardim floresce em Janeiro a planta que está no abrigo, exposta ao sol, livre da geada; enquanto Sua igual e sua irmã gela sem flor nem folha ao desabrido sopro do nordeste. Será mais dobrada e mais brilhante a flor daquela; mas quando esta outra rebentar aos bafejos da primavera natural, o seu viço e perfume hão-de ser mais vivos e de mais força.

Assim é com a poesia: na mesma geração o poeta lido e letrado produzirá odes e sonetos que pareçam dois séculos mais modernos do que as incultas coplas do seu contemporâneo. Naqueles a moda, a imitação dos modelos estimados do tempo, lhe estampará com todas as letras o ano de sua composição: a originalidade destes não trás data, nem a tem, porque a natureza não varia com os séculos.

Não vemos nós também a gente dos campos em muitas províncias da Europa trajar ainda hoje às modas de há seis ou setecentos anos, e de mais? As populações do Oriente, os povos pastores com especialidade, não vestem ainda hoje como nos mais remotos tempos de que saibamos?

Faço e escrevo estas considerações, porque elas são precisas para avaliar conjecturalmente o que não tem livros nem monumentos nem documento outro algum por onde se estude ou se afira.

*Dom Aleixo* é dos nossos romances populares o que me chegou mais corrupto, interpolado, e de que menos lições provinciais pude obter; só uns fragmentos da Beira Alta e outros de Lisboa. Se não fora a cópia do cavalheiro de Oliveira – de que me não valho senão em extremos, porque lhe dou menos fé que às tradições orais do povo – tinha-me sido impossível restitui-lo. Ainda assim algumas raras palavras foram por mim conjecturalmente substituídas. Tais são na cópia que diz:

Ou se és alma que anda em penas,  
Te farei encomendar.

A tradição oral de Lisboa diz:



Eu por ti menos daria,

o que não faz sentido algum; e devia de ser:

Eu te encomendaria,

sendo ali a rima em *ia*, não em *ar* como na nossa.

O argumento do romance é gracioso e lindo, posto que remate bem tragicamente. De três irmãs que viviam juntas, a mais pequena era tão amiga de saltar e folgar, que uma noite se vestiu de pajem, e passeando, rua abaixo rua acima ao pé de sua casa, fingia querer cortejar alguma das três irmãs que ali moravam, e que tão parecidas eram, tão de *igualhar*, que ela dizia, em desprendido estilo leonino – e esse sim que é o mesmo em todos os tempos:

Das três irmãs que aqui moram  
A qual hei-de eu namorar?

Dom Aleixo, seu apaixonado dela, sentado no poial ao pé da porta, e disfarçado em ermitão, viu com despeito as fanfarrônicas daquele atrevido pajem que não reconheceu, e lhe quis meter medo com uma suposta espera que lhe estavam fazendo. Mas a dama pajem tinha ânimos de cavaleiro, afrontou o perigo em vez de fugir. E quando Dom Aleixo reconhece a sua amada e lhe vai a deitar os braços, ela o fere mortalmente com um punhal. É singela a história, mas verosímil e interessante, como são todas estas que os nossos menestréis cantavam.

Não aparece vestígio algum deste romance nas colecções castelhanas.

## DOM ALEIXO

Nós éramos três irmãs,<sup>55</sup>  
 Todas três de um igualhar;  
 Uma ensinava à outra  
 A coser e a bordar.  
 A mais pequena de todas  
 Se foi, por noite, a folgar<sup>56</sup>  
 Com duas tochas acesas  
 À porta do laranjal.<sup>57</sup>  
 Vestiu vestido de pajem  
 Que lhe ficava a matar,  
 Seu punhal de oiro na cinta,  
 Seu borzeguim de alamar.  
 Foi-se pela rua a baixo,  
 Tornou acima a voltar:  
 – «Das três irmãs que aqui moram,  
 A qual hei-de eu namorar?»  
 Nós de dentro do balcão,  
 A rirmos do seu brincar.<sup>58</sup>  
 As tochas tinha apagado,  
 Vinha saindo o luar,  
 Passando junto da porta,  
 Que os olhos foi a baixar,  
 Viu estar um ermitão  
 Assentado no poial.  
 – «Que fazeis aqui, meu padre,  
 Que fazeis neste lugar?»  
 O ermitão, sem responder,  
 Começou-se a levantar...  
 Tão alto em demasia,  
 Alto, alto de pasmar<sup>59</sup>  
 – «Se tu és coisa má,  
 Eu te quero esconjurar,  
 Ou se és alma que anda em penas  
 Te farei encomendar.»<sup>60</sup>  
 – «Eu não sou a coisa má  
 Que tenhas de esconjurar;  
 Também não sou alma em penas

---

<sup>55</sup> É visível o erro e corrupção das lições que, faltando à rima obrigada, lêem nesta:

Nós éramos três irmãs,  
 Todas três de um parecer;  
 Uma ensinava a outra.  
 A bordar e a coser. – *Beira Alta*.

<sup>56</sup> Andava pelo pomar. – *Lisboa*.

<sup>57</sup> Ao redor do laranjal. – *Beira Alta*.

<sup>58</sup> Folgar. – *Beira Alta*.

<sup>59</sup> Que era coisa de pasmar. – *Lisboa*

<sup>60</sup> Farei encomendar a tua alma, rezar por ti, dizer missas, etc.

Para tu me encomendar:  
 Sou a alma de Dom Aleixo,  
 Que aviso te venho dar: <sup>61</sup>  
 Sete te estão esperando  
 Na esquina, àquele portal,  
 E juram por Deus sagrado  
 Que a vida te hão-de tirar.»

– «Pois eu por esse lhe juro, <sup>62</sup>  
 E pela virgem Maria  
 Que outros sete que eles foram,  
 Eu atrás não tornaria.  
 Oh lá, oh lá, cavaleiros,  
 Não levem de covardia,  
 Puxem por suas espadas,  
 Que eu puxarei pela minha.  
 O que não trouxer espada,  
 Eu esta lhe emprestaria,  
 Que eu cá com meu punhal de oiro  
 Defenderei minha vida».

Palavras não eram ditas,  
 O ermitão se descobria;  
 Foi a tomá-la nos braços  
 Com sobeja demasia...  
 Ela com seu punhal de oiro,  
 Que na cintura trazia,  
 Tal golpe lhe deu nos peitos,  
 Que ali por morto caía.  
 – «Quem te matou, D. Aleixo,  
 Quem te matou, minha vida?»  
 – «Mataste-me tu, senhora,  
 Que outro ninguém não podia.»  
 Ergue-te, Dona Maria,  
 Bem calçada e mal vestida,  
 Agora, por mais que chores  
 Tua alma fica perdida. <sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> Que te venho avisar. – *Lisboa*.

<sup>62</sup> Pois pelo mesmo te juro. – *Beira Alta*.

<sup>63</sup> Esta última copla, que em todas as lições aparece, pertencerá com efeito ao romance? Ou será fragmento de outro que se lhe cozeu pela ignorância do vulgo? As minhas conjecturas inclinam-se á segunda destas opiniões; mas conservei a copla no texto por não encontrar uma só lição em que ela não venha. Certo é porém que as lições aqui são todas fragmentos.

## VII

## SILVANINHA

A rudeza da linguagem, a descompostura do estilo, e a nudez, posto que inocente, de algumas expressões e imagens caracterizam o romance popular da *Silvaninha* por uma das mais antigas composições que a tradição dos povos tem conservado, de tempo imemorial da nossa península. Não dei com ele em nenhum romanceiro ou cancionero castelhano; mas não há província de Portugal onde, mais ou menos completo, se não cante.

A cópia de que me servi quando pela primeira vez o publiquei em 1828, como fundamento e ilustração da *Adosinda*<sup>64</sup>, tinha sido obtida em Lisboa pelo paciente zelo de uma menina da minha amizade, que ia escrevendo no papel o que ora lhe cantava ora lhe rezava uma criada velha da província do Minho, há muito ano aqui residente. Vai agora melhor restituído o texto com o auxilio de outras cópias que me mandaram da Beira do Ribatejo.

O assunto deste romance é feio e desnatural; mas são os que mais interessam o vulgo em toda a parte, e que preferiram sempre os poetas nas primitivas idades das nações. O coração áspero e cru, os sentimentos duros dos povos semibárbaros precisam desses violentos estímulos para vibrar – diz Sir Walter Scott<sup>65</sup> – o espírito ainda não está purificado bastante para fugir, como em tempos mais civilizados, de tão asquerosos meios de excitar interesse.

A vaidade de poeta moço fez-me escolher esta xácara para provar nela a mão quando me ensaiava a *traduzir* para a língua e poesia de hoje, alguns dos antigos vestígios dos nossos obscuros Énios da meia idade, porque me irritavam essas mesmas dificuldades e me lisonjeava de as vencer. Da *Silvana* nasceu pois a *Adosinda*, e em tão boa hora que daí data o gosto da poesia popular entre nós: por onde não fui tão infeliz apesar dos escrúpulos com que fiquei, assim da perigosa trama que escolhera, como da tímida urdidura com que a cobri.

Hoje seria affectação ridícula omitir aqui aquele texto em toda a sua crua nudez. Boa é a máxima dos romanos: *Facinora ostendi dum puniantur, flagitia autem abscondi debent*. Mas não será da publicação pela imprensa de uma xácara velha, que anda na memória dos povos, que há-de vir a poluição do espírito, e menos ainda o derrancar do coração, que é a verdadeira doença-mãe de todas as doenças morais.

Quanto se pode julgar de uma coisa tão desbotada do tempo e das mãos por que tem passado, inclino-me a crer que esta singela rapsódia popular é anterior ou, se contemporânea, estranha à polida e estudada literatura provençal do século XIII.

Que já no tempo de D. Francisco Manuel de Melo ela era havida por coisa muito antiga, e de nenhum modo castelhana, temos bom documento no seu *Fidalgo aprendiz, jornada segunda*<sup>66</sup>:

*Brites*

Entoai, por meu prazer.  
Qualquer coisa.

*Gil*

<sup>64</sup> Veja prefácio e notas do 1º vol. do *Romanceiro* segunda edição (da *Adosinda*), Lisboa, 1843.

<sup>65</sup> *Minstrelsy of the Scottish Borders*.

<sup>66</sup> Ed. de Leão de França, 1665, pág. 247.

Sem guitarra?

*Brites*

Ei-la; tomai.

*Gil*

«Passeava-se Silvana  
Por um corredor um dia...»

*Brites*

Ai senhor! eu não queria  
Senão letra castelhana.

*Gil*

Cantarei algaravia,  
Se mandais pois que quereis!

*Brites*

Uma letra nova quero...

O pensamento, o fundo das ideias, o primeiro desenho e, quando muito, o tom do colorido geral, é o que se deve examinar e considerar nestes esbocetos antigos, tantas vezes pintados e repintados por pincéis de cada vez mais grosseiros e ignorantes, e sobretudo empenhados sempre em modernizar, pôr à moda e *fazer bonito* o que lhes parecia tosco e grosseiro, só porque era simples e original.

O estilo, as palavras, a forma toda exterior de um destes romances parecerá muitas vezes, à primeira vista, de um século, e desse é com verdade, porque nele foi feito já na sexta ou sétima tradução oral; quando originalmente ele foi composto outros tantos séculos antes.

Não ponho senão as variantes mais notáveis; tem muitas outras, e infinitas quase, este romance, por ser dos mais populares e espalhados em todas as províncias. Num curioso exemplar, da Beira Alta, em vez de começar como aqui começa e geralmente se diz, o princípio é estoutro, acrescentado decerto por mão ignorante e sem tacto:

O Conde de vila Flor  
Com ser o Conde maior,  
Com ter já três filhos homens,  
Lindos como o mesmo sol,  
A sua filha Silvana  
De amores acometia:  
– Bem puderas tu, Silvana,  
Comigo falar um dia.

No resto difere pouco da lição geral.

A *Adosinda* feita sobre a *Silvana* e em geral a poesia popular portuguesa deram motivo a um interessante artigo que se publicou no número XX do *Foreign Quarterly Review* de Londres, Outubro de 1832.

## SILVANINHA

Passeava-se a Silvana  
 Pelo corredor acima;<sup>67</sup>  
 Viola de oiro levava,  
 Oh! Que tão bem a tangia!  
 Melhor romance fazia.  
 A cada passo que dava,  
 Seu padre a acometia:  
 – «Atreves-te tu, Silvana,  
 Uma noite a seres minha?»  
 – «Fora uma, fora duas,  
 Fora, meu pai, cada dia;  
 Mas as penas do inferno  
 Quem por mim as penaria?»  
 – «Pená-las-ei eu, Silvana,  
 Que as peno cada dia.»

Foi-se dali a Silvana,  
 Mui agastada que ia;  
 Foi-se encontrar com sua madre  
 Lá no adro da ermida;<sup>68</sup>  
 – «Que tens tu, minha Silvana,  
 Que tens tu, ó filha minha?»  
 – «Oh! Que tal pai não tivera,  
 Quem não fora sua filha!  
 Que me acomete de amores,  
 Ó minha mãe, cada dia.»  
 – «Vai filha, vai para casa,  
 Veste uma alva camisa,  
 Que o cabeção seja de oiro,<sup>69</sup>  
 As mangas de prata fina:  
 Deitar-te-ás no meu leito,  
 E no teu me deitaria...  
 E há-de valer-nos a Virgem,  
 A Virgem Santa Maria.»

Lá junto da meia-noite  
 Seu padre que a acometia...  
 – «Se eu soubera, Silvana,  
 Que estavas tão corrompida,  
 Oh! as penas do inferno  
 Por ti as não penaria...»  
 – «Esta não é a Silvana,  
 É a mãe que a paria;

---

<sup>67</sup> Por seu corredor acima. – *Minho*.

<sup>68</sup> Entre a sala e a cozinha. – *Minho, Estremadura*.

<sup>69</sup> As camisas bordadas de oiro e prata eram uma das absurdas elegâncias do luxo da Idade Média em que nada se dava aos cómodos e tudo à ostentação.

Também pariu Dom Alardos,  
 Senhor de cavalaria,  
 Também pariu a Dom Pedro,  
 Príncipe da infantaria,<sup>70</sup>  
 Também pariu a Silvana  
 Que seu pai acometia.»<sup>71</sup>  
 – «Oh! mal haja que haja a filha  
 Que seu padre descobria!»  
 – «Oh! mal haja que haja o padre  
 Que sua filha cometia!»  
 Manda-a meter numa torre  
 Que nem sol nem lua via:  
 Dão-lhe a comida por onça  
 E a água por medida;  
 Ao cabo de sete anos  
 Veis a torre que se abria...

Assomou-se a Silvana  
 A uma ventana mui alta,  
 Foi encontrar com sua madre  
 Lavrando numa almofada;<sup>72</sup>  
 – «Estejais, embora, madre,  
 Ó madre já da minha alma:  
 Peço-vos por Deus do céu  
 Que me deis um jarro de água;  
 Que se aparta a vida,  
 Que se me arranca a alma.»  
 – «Dera-ta eu, filha minha,  
 Se a tivera salgada,  
 Que há sete para oito anos  
 Que por ti sou mal casada.  
 Se teu padre tem jurado  
 Pela cruz de sua espada,  
 Quem primeiro te desse água  
 Tinha a cabeça cortada».  
 Assomou-se a Silvana  
 A outra ventana mais alta,  
 Foi-se encontrar c'os irmãos  
 Que estavam jogando as canas:  
 – «Estejais, embora, irmãos  
 Meus irmãos já da minha alma:  
 Peço-vos por Deus do Céu  
 Que me deis um jarro de água,  
 Que se me aparta a vida,  
 Que se me arranca a alma!»  
 – «Dera-ta eu, irmã minha,  
 Se a tivesse empeçonhada:<sup>73</sup>

---

<sup>70</sup> Príncipe na significação do chefe é comum na linguagem dos séculos XI, XII e XIII.

<sup>71</sup> Que de ti foi cometida. – *Beira Baixa*.

<sup>72</sup> Cosendo numa almofada. – *Estremadura*.

Que nosso pai tem jurado  
 Pela cruz da sua espada<sup>74</sup>  
 Quem primeiro te desse água  
 Tinha a cabeça cortada.»  
 Assomou-se a Silvana  
 A outra ventana mais alta,  
 Foi-se encontrar com seu padre  
 A jogar a emboscada:  
 – «Estejais embora, padre,  
 Padre meu já da minha alma:  
 Peço-vos por Deus do céu  
 Que me deis um jarro d'água,  
 Que se me aparta a vida,  
 Que se me aparta alma...  
 E de hoje por diante  
 Serei vossa namorada.  
 – «Alevantem-se, meus pagens,<sup>75</sup>  
 Criados da minha casa,  
 Uns venham com jarros de oiro,  
 Outros com jarros de prata;  
 O primeiro que chegar  
 Tem a comenda ganhada  
 O segundo que chegar  
 Tem a cabeça cortada»  
 Os criados que chegavam,  
 Silvaninha que finava  
 Nos braços da Virgem Santa,  
 Dos anjos amortalhada!<sup>76</sup>  
 – «Vai-te embora, Silvaninha,  
 Silvaninha da minha alma:  
 Tua alma vai para o céu,  
 A minha fica culpada.»

---

<sup>73</sup> Se a tivera salgada. – *Lisboa*.

<sup>74</sup> Pelos cunhos da espada. – *Alentejo*.

<sup>75</sup> Alevantem-se meus moços. – *Minho*.

<sup>76</sup> Dos anjos acompanhada. – *Ribatejo*.



## VIII

## BERNAL-FRANCÊS

Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rapsódia de poesia popular que leva este título, ela tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas línguas, já no próprio fragmento, já na reconstrução ou imitação dele que ao mesmo tempo dei à luz.

Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro Jogo Adamson <sup>77</sup>, uma nova tradução inglesa, diferente e mais acabada do que essa outra que dei no primeiro volume do ROMANCEIRO <sup>78</sup>; de Espanha chegou também há pouco uma bela e elegante versão em castelhano.

Em demonstração dum grande e importante teorema que ainda me parece não ser tão geralmente demonstrado quanto precisa sê-lo entre nós; vem a ser: Que quanto mais nacional, mais estreme e puramente nacional é uma obra, mais agrada aos próprios estrangeiros, mais segura está de se generalizar e ser conhecida no mundo literário. O que não tem cor nacional, o que pode ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.

Mas não só como obra literária, ou como coisa de imaginação e objecto de curiosidade, são interessantes estas relíquias. Eu creio nelas como coisa histórica. E tenho mais fé nesses documentos que nos conserva o povo com toda a sua ignorância, do que nesses outros que deixou escritos a sapiência dos letrados. O povo altera, traduz, corrompe, mas não inventa.

Vou pôr aqui, restituído e apurado por longo trabalho de meditação e comparação de muitos exemplares, o texto original do *Bernal-Francês*, segundo o conservou essa tradição.

É este um dos mais belos e seguramente mais antigos romances da nossa península. Não aparece, como já noutra parte disse <sup>79</sup>, em nenhum dos romances castelhanos nem na vasta colecção de Ochoa; e denota todo ele mais antiguidade que os mais antigos que naqueles códices se acham. Os neologismos da dicção devem-se às causas já referidas tantas vezes, que todas estão no variável e pouco seguro cofre da memória popular em que têm andado guardadas estas relíquias, sem mais autêntica do que essa mesma recordação imemorial, bastante em direito para outras posses; por que o não será para esta?

Além de não andar nas colecções da nação vizinha e irmã, nenhum vestígio de idiotismo seu, nenhum ressaibo castelhano se nota nesta composição toda portuguesa. As agudezas e artifício dos trovadores da corte de Dom Dinis e de Afonso III também aqui são estranhas; é mais antiga e menos polida a civilização que a produziu.

Quando sobre esta simples tela bordei o pequeno poema que se publicou em 1828 com a *Adosinda*, o original de que me servi era muito mais imperfeito e cheio de lacunas, e unicamente fora copiado da lição vulgar da Estremadura. A que dou agora, além de revista pelos manuscritos do Cavalheiro de Oliveira, foi aperfeiçoada ainda pela colação com as diversas cópias das províncias do Norte, especialmente da Beira Baixa, que são, em meu entender, as mais seguras, segundo já observei também <sup>80</sup>.

Chamei-lhe então xácara: duvido agora se a classificação foi bem feita; duvido até

<sup>77</sup> Na *Lusitânia Ilustrada*, Parte II, Newcastle-upon-time 1846, se publicou esta nova tradução.

<sup>78</sup> *Romanceiro Geral*, I. Lisboa, 1843.

<sup>79</sup> Tomo I do *Romanceiro*, pág. 91.

<sup>80</sup> Veja o vol. cit. I do *Romanceiro*.

da mesma teoria da classificação que tenho procurado estabelecer às apalpadelas. Acham-se, é verdade, estas variadas designações, *romance* ou *rimance*, *xácara*, *solau*, que parecem indicar especiais; e ainda as que parecem ser mais genéricas, de *trova*, *cantiga*, *cantar*, *canção*: mas o que elas sempre designem ou quizeram designar não é fácil determiná-lo com segurança. Mais modernas cuidos que são as denominações de *loa*, *barca*, *tenção*, *chacota*; e também estas não estão bem apuradas em suas distinções características. Uma eram talvez determinadas pela forma exterior métrica, outras pelo estilo ou tom, outras pelo objecto e assunto, outras finalmente pelo uso, pela solenidade a que eram consagradas, pela ocasião para que eram compostas.

Já disse que o romance me parecia ser em sua origem um canto épico, isto é, todo narrativo, pouco ornado, pouco lírico. Os romances pastoris, os satíricos, os facetos, os eróticos, os mesmos mouriscos do século XVII, são já aberrações visíveis, ou, pelo menos, novas espécies produzidas pela cultura artificial da planta primitiva.

A *xácara* é toda dramática; o poeta fala pouco ou nada, não narra ele, senão os seus interlocutores que apenas indica, e nem sempre claramente.

Mas estas duas espécies, se à são, juntaram-se muitas vezes e produziram, ora o *romance-xácara*, em que predomina a narrativa épica sem exclusão do drama; ora a *xácara-romance*, em que o diálogo é auxiliado de breves, brevíssimas indicações, quase rubricas ou direcções de cena, que faz o poeta a raros intervalos. O povo, em muitas das coisas que recita deste género, diz as falas em verso e cantando, e as indicações narrativas em prosa, sem restrição a texto positivo, e mais ou menos difusamente, segundo o talento ou a verbosidade do recitador.

O *romance* e a *xácara* têm em geral a mesma lei métrica, do consoante ou assoante fixo e do número octossílabo <sup>81</sup> dos versos. O chamado romance hendecassílabo dos fins do século XVII é degeneração completa; e assim foi que precedeu logo a morte dele.

O *solau* será sempre cantar triste, como indica Bernardim Ribeiro? Narrativo é ele também pelo que tão claro nos diz Sã de Miranda. Mas uma coisa não exclui a outra. Eu inclino-me a crer que o *solau* é um canto épico ornado, em que as efusões líricas acompanham a narrativa de tristes sucessos, mais para gemer e chorar sobre eles, do que para os contar ponto por ponto.

*Cantiga* deve ser a expressão lírica e improvisada de um sentimento.

*Cantar* é talvez o género de todas estas espécies.

A *trova* mais artificial, mais elaborada, *achou-a* o poeta com estudo, cingindo-se a regras mais severas de metro ou de estilo: *trovar (trouver, trovare) é achar*; e para achar, procura-se, trabalha-se.

*Canção* também é termo género, mas inculca mais artifício do que a *cantiga* e o *cantar*: entre nós designa mais estritamente a ode romântica da Meia-Idade com certas fórmulas de metro e divisões regulares de estrofes.

*Loa* virá do latim *laus*? Pode ser; é um canto de louvor, mas por certo modo e regra. A *loa deita-se* ainda hoje nos círios das províncias do Sul, recita-se nos presepes do Natal das províncias do Norte do reino. E um cantar de anjos, de génios, de espíritos; mas dramático, dialogado: é um coro hierático que se entoa, que se *deita* do céu para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deuses. Os Téspis do nosso teatro começaram talvez por aqui, antes que Gil Vicente e João da Encina subissem ao seu tablado de novos Estilos. Na descrição das festas do casamento do príncipe D. Afonso, *Crónica de D. João II*, acho que algum tanto no-lo indicam as expressões de

---

<sup>81</sup> Aparecem, por excepção, alguns romances que os nossos chamam *em endexas*, compostos, segundo uns, em versos alexandrinos de doze sílabas, segundo outros, em versos de seis sílabas, tomando o hemistíquio por unidade.

Garcia de Rezende; e mais claramente ainda o romance de Aires Teles de Menezes – que nesta colecção achará o seu lugar respectivo. Aí diz, descrevendo aquelas mesmas festas:

Depois ledos tangedores,  
 A vinda da princesa,  
 Fizeram fortes rumores,  
 Espanto da natureza;  
*Barcas e loas* fizeram,  
 E outras *representações*  
 Que a todos grão prazer deram,  
 Conforme suas tenções.

A *barca* (alguma coisa de barcarola veneziana?) era, creio eu, cantiga alternada também, e outra vez a vozes e coro, que o mar mandava à terra para tomar parte em seus regozijos. Navegantes, tritões, sereias, os habitantes reais e os imaginários do outro elemento, vinham a este, cantar e deitar suas loas, que apropriadamente tomavam neste caso o nome de *barcas*. Também se acham vestígios de *barcas ao divino*, compostas sobre assuntos religiosos. Ao diante juntarei, em seu devido lugar, um documento positivo e muito curioso exemplar desta galante variedade, tão natural de nascer em um povo navegante e marinheiro como o nosso foi sempre.

*Tenção* é a *tençon* dos provençais, dístico breve, em metáfora ou dito engenhoso, já acompanhando e explicando o símbolo heráldico de uma *empresa*, no escudo, na bandeira – já expressando, em mais pacífico ensejo, os sentimentos íntimos e recatados do poeta que quer que o adivinhem sem ele se explicar de todo. A *tenção* é originariamente cortesã, e só tarde e degenerada se relaxou ao braço popular.

Da *chacota*, do que ela era pelo menos no século XV e XVII nos dá muitos exemplos e claro conhecimento o teatro de Gil Vicente, precioso tesouro de coisas populares, o mais rico e variado que temos e, em minha opinião, mais ainda que os próprios Cancioneiros, cujos colectores, homens só de corte, desprezaram tudo o que não era alambicado pelas modas e polida affectação dos trovadores cortesãos; enquanto Gil Vicente, homem do povo no meio do palácio, divertia seus amos com os dizeres, os gracejos, os modos originaes, as superstições antigas, as tradições imemoriaes, os cantares rústicos mas cheios de alma, tintos na cor fechada e forte que só o povo sabe dar e que não desbota.

A *chacota* era uma cantiga de rir e brincar, mas que mordida nos vícios, e nos ridículos dos homens e dos tempos; uma espécie de *sirvente* menos áspera e severa, nunca séria e grave como ela, e mais popular: cantava-se a vozes; muita vez era o remate, o coro final dos entremezes e das farsas.

A mesma palavra *sirvente* ou *servente*, e a designação de versos *sirventesios*, não foi estranha aos nossos antigos que houveram a palavra, e talvez confundiram a ideia dos provençais. Sabe-se que a *sirvente* do trovador era amarga, satírica; por vezes foi o grito de guerra, o hino revolucionário dos Alceus da Meia- Idade contra a tirania real e sacerdotal a *sirvente* nossa creio que era toda ascética e religiosa, senão é que mística.

Mas repito com sinceridade, que sim tenho consciência de navegar para a verdadeira latitude, não tenho certeza da longitude: as observações são imperfeitas, e quase todos estes cálculos fundados em hipóteses vagas. Os nossos filólogos, que elucidaram tanta coisa insignificante, desprezaram sempre a literatura popular como indigna de seus clássicos estudos. Faria e Sousa, e alguns poucos mais, que tinham o instinto da sua importância, sacrificaram aos prejuízos do tempo: e, ou por credulidade ou por pouco escrúpulo, fizeram-lhe fracos serviços, porque os fizeram sem verdadeira fé e lisura.

## BERNAL-FRANCÊS

– «Quem bate à minha porta,  
 Quem bate, oh! quem 'stá aí?»  
 – «Sou Bernal-Francês, Senhora;  
 Vossa porta, amor, abri.»  
 – «Ai! se é Bernal-Francês,  
 A porta lhe vou abrir;  
 Mas se é outro cavaleiro,  
 Bem se pode daí ir.»

«Ao saltar da minha cama  
 Eu rompi o meu frandil,<sup>82</sup>  
 Ao descer da minha escada  
 Me caiu o meu chapim,<sup>83</sup>  
 Ao abrir a minha porta  
 Me apagaram o meu candil...<sup>84</sup>  
 Pegaram-lhe pela mão  
 E o levei ao meu jardim,  
 Fiz-lhe uma cama de rosas,  
 Travesseiro de jasmims;  
 Lavei-o em água de flores  
 E o deitei a par de mim...»

– «Meia-noite já é dada  
 Sem te voltares para mim;  
 Que tens tu, amor querido,  
 Que nunca te vi assim?  
 Se teme-los meus criados,  
 Não virão agora aí;  
 Se teme-los meus irmãos,  
 Eles não moram aqui;  
 Se de meu marido temes,  
 Longes terras foi daqui,  
 Por má traça o matem moiros,<sup>85</sup>  
 E a nova me venha a mim!...»  
 – «Não temo de teus irmãos  
 Que bem sei que são por mim,<sup>86</sup>  
 Não temo dos teus criados  
 Que mais me querem que a ti;  
 A teu marido não temo  
 E dele nunca temi...

---

<sup>82</sup> *Frândil*, ainda hoje usado em Trás-os-Montes, significa *fralda* no sentido metonímico antigo, por camisa ou gibão branco de fralda.

<sup>83</sup> Sapato, chinelo.

<sup>84</sup> Candeia, vela.

<sup>85</sup> Má traça! moiros o matem.

Novas me venham a mim. – *Ribatejo*.

Más cutiladas o matem. – *Beira Alta*.

<sup>86</sup> Pois cunhados são de mim. – *Alentejo*.

Teme tu, falsa traidora,  
 Pois o tens a par de ti!»  
 – «Ai! se tu és meu marido,  
 Quero-te mais que a mim,  
 Oh que sonho, tão mau sonho,  
 Que eu tive agora aqui!  
 Ergamo-nos já, marido,  
 Deixa-me vestir daí.»  
 – «Cala-te falsa traidora,  
 Que não me enganas assim.  
 Deixa tu vir a manhã,  
 Que eu é que te hei-de vestir:  
 Dar-te-ei saia de grana<sup>87</sup>  
 E gibão de carmesim,  
 Gargantilha de cutelo,  
 Pois tu o quiseste assim.»  
 – «Deixa-me ir por aqui abaixo<sup>88</sup>  
 Coa minha capa a cair,  
 Vou-me ver a minha dama  
 Se ainda se lembra de mim.»  
 – «Tua amada, meu senhor,  
 É morta, que eu bem a vi:  
 Os sinais que ela levava;  
 Eu tos digo agora aqui:  
 Levava saia de grana<sup>89</sup>  
 E gibão de carmesim,  
 Gargantilha de cutelo,  
 Tudo por amor de ti  
 Os sinos que correram  
 Por minhas mãos os corri;  
 As andas em que a levaram  
 Eu de negro lhas cobri;  
 Caixão em que a amortalharam  
 Era de oiro e marfim;  
 Os frades que a acompanhavam  
 Não tinham conto nem fim;  
 Saíram-lhe sete condes,<sup>90</sup>  
 Cavaleiros mais de mil;  
 As donzelas a chorar,  
 Os pajens iam a rir

---

<sup>87</sup> Dar-te-ei saia de guarane. – *Estremadura, Beira Alta* e várias.

Se não é corrupção de *grão* ou grão estofado, roupa tinte de grão, vermelha, só se for derivação da francês antigo *guare* (de duas cores) o *garanvaz* das nossas antigas leis sumptuárias. Em quase todas as cópias vem *guarane* e não *grana*: donde me inclino a crer que talvez a verdadeira lição original seja *guarane*. Eu adoptei *grana* por ficar mais óbvio o sentido.

<sup>88</sup> Deixa-me ir por'qui abaixo

Com minha capa caída,  
 Quero ver a minha amada  
 Se é morta ou se inda é viva. – *Minho, Ribatejo*.

<sup>89</sup> Veja nota e variante 6.

<sup>90</sup> Foram ao seu saimento ou enterro.

Levaram-na a enterrar  
À igreja de São Gil.»

Palavras não eram ditas,  
Por morto no chão caí;  
Passaram-se horas e horas  
Quando me tornei a mim.  
Fui-me àquela sepultura.  
Queria morrer ali:  
– «Abre-te, ó campa sagrada  
Esconde-me a par de ti!»  
Do fundo da cova triste  
Ouvi uma voz sair:<sup>91</sup>  
– «Vive, vive, cavaleiro,  
Vive tu que eu já morri:  
Os olhos com que te olhava  
De terra já os cobri,  
Boca com que te beijava  
Já não tem sabor em si,  
O cabelo que entrançavas<sup>92</sup>  
Jaz caído a par de mim,  
Dos braços que te abraçavam  
As canas vê-las aqui!  
Vive, vive, cavaleiro,  
Vive tu, que eu já vivi:  
A mulher com quem casares  
Chamem-lhe *Ana* como a mim,  
Quando chamares por ela  
Hás-de-te lembrar de mim,  
Conta-lhe os nossos amores,  
Que aprenda na minha fim.<sup>93</sup>  
Filhas que dela tiveres  
Ensina-as melhor que a mim,  
Que se não percam por homens,  
Como eu me perdi por ti».

---

<sup>91</sup> Uma triste voz ouvi. – *Estremadura*.

<sup>92</sup> As tranças com que folgavas. – *Açores*.

<sup>93</sup> O povo, à maneira dos nossos antigos escritores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indiferentemente nem à toa. *Fim* como alvo, objecto, etc. é sempre masculino; como termo, acabamento da vida, ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para eles.

## IX

## REGINALDO

Será este *Reginaldo* ou *Eginaldo*, o galante Eginard francês que os nossos traduziram assim, bem como de Bernard fizeram Bernal e Bernaldo, de Gerard Giraldo? E é este o celebrado secretário do Imperador Carlos Magno, de cujos muito românticos, porém mui poucos platónicos, amores com a filha de seu augusto amo, estão cheias as histórias da Meia-Idade? Tema constante de trovadores e poetas até quase aos nossos dias em que a suave e melancólica musa de Millevoye ultimamente o remoçou no seu mais admirado poema.

Se deste é que aqui se trata – e eu creio que sim – vemos que o romance popular conta o caso mui diferente do que os poetas e escritores do norte o referem. É bem sabido que, segundo esses, a namorada princesa, quando o feliz Eginaldo saía da sua câmara, um dia de madrugada de inverno e com a neve alta e recém-geada pelos átrios e jardins do palácio, o tomara ela aos ombros para que não ficassem impressas na neve as deladoras pegadas do amante. O que descobrindo por acaso o Imperador, que se levantara antes do sol, por tal modo se enternecera com aquela prova de generosa dedicação, que logo lhes perdoara a ambos, casando o ditoso secretário com a namorada princesa.

Talvez o que primeiro contou a história ao nosso povo e lha rimou para seus cantares, omitiu a cena da neve por menos familiar e comum nestes climas do sul; ou talvez a ignorasse, ou porventura não era ainda tão popular por lá como depois veio a ser. Fosse como fosse, este Reginaldo parece ser o Eginard de Carlos Magno, esta infanta a princesa sua filha, este rei o Imperador seu pai. A troca da bela cena da neve que nos falta, temos a visita da mãe de Reginaldo à prisão, e o lindíssimo solau que lhe ele canta. O que tudo parece composto nos mais ternos e desgarrados modos de Bernardim Ribeiro, ou de Crisfal. E temos por fim o rei chamando a filha ao balcão para ouvir cantar o preso: cena verdadeiramente homérica e de uma graça tão simples e tocante como não há outra que o seja mais.

Estou que nos veio de França este romance: não se encontra nas colecções castelhanas; e entre nós é dos que andam mais desfigurados e corruptos. Eu tive de reunir vários fragmentos para o restituir. No Alentejo chamam-lhe *Generaldo*, no Minho *Girinaldo*; *Eginaldo* diz uma cópia da Beira, e outra que me veio do Porto trazia por título – *Girinaldo o atrevido*.

As variantes não são muitas, porque não pude considerar como tais as ligaturas absurdas com que partes do romance andavam cosidas a partes igualmente desconjunta das de outros, dos quais tive de o estremar para reunir o que felizmente achei que acertava e quadrava num todo completo.

São infinitas e muito disparatadas as variantes que desprezei na maior parte ao emendar conjecturalmente o romance. Também não valia a pena de as mencionar em nota. Fiz somente excepção a favor de algumas que juntei por mais consideráveis.

Na citada colecção do bispo Percy<sup>94</sup> vem uma balada inglesa que tem por título *Little Musgrave and Lady Barnard*, história bastante diferente desta, mas há no princípio uns dizeres tão semelhantes aos nossos, que mais me confirmam nesta crença em que estou de que o verdadeiro romance antigo era de todos os países, como a todos pertencia o menestrel, o trovador, o cavaleiro andante, cuja pátria era o mundo. Fosse

---

<sup>94</sup> *Percy's Reliques*, XL sece. III, book the first.

onde fosse, era sua a terra ou o castelo onde havia façanhas que fazer ou celebrar – aventuras para correr ou cantar. O romance Inglês é dos que reconhecem por mais antigos os colectores daquela nação.



## REGINALDO

– «Reginaldo, Reginaldo,  
 Pajem del-rei tão querido,  
 Não sei porquê, Reginaldo <sup>95</sup>  
 Te chamam o atrevido.»  
 – «Porque me atrevi, senhora,  
 A querer o defendido.»  
 – «Não foras tu tão covarde  
 Que já dormiras comigo.»  
 – «Senhora zombais de mim  
 Porque sou vosso cativo.»  
 – «Eu não no digo zombando,  
 Que deveras te lo digo.»  
 – «Pois quando o quereis, infanta,  
 Que vá pelo prometido?»  
 – «Entre las dez e las onze <sup>96</sup>  
 que el rei não seja sentido.»

Inda não era sol posto,  
 Reginaldo adormecido:  
 As dez não eram bem dadas,  
 Reginaldo já erguido.  
 Calçou sapato de pano,  
 Que el rei não fosse ouvido,  
 Foi-se à câmara da infanta,  
 Deu-lhe um ai, deu-lhe um gemido.  
 «Quem suspira a essa porta,  
 Quem será o atrevido?  
 – «É Reginaldo, senhora  
 Que vem pelo prometido.»  
 – «Levantai-vos minhas aias,  
 Que assim Deus vos dê marido!  
 E ide abrir mansinho a porta  
 Que el-rei não seja sentido.»  
 Vela o pajem toda a noite..  
 Por manhã é adormecido;  
 Chamava o rei que chamava <sup>97</sup>  
 Que lhe desse o seu vestido:

---

<sup>95</sup> A lição da Estremadura e muitas outras omitem estes seis versos, e completam a primeira cópia com estes outros dois:

Bem puderas, Reginaldo  
 Dormir um dia comigo.

A adoptada no texto é do Alentejo.

<sup>96</sup> Entre la uma e as duas

Quando el-rei esteja dormindo. – *Alentejo*.

<sup>97</sup> Lá por sobre a madrugada

Pede el-rei o seu vestido. – *Alentejo*.

– «Reginaldo não responde,  
alguma tem sucedido!  
Ou está morto o meu pajem  
Ou grande traição há sido.»<sup>98</sup>  
Responderam os vassalos<sup>99</sup>  
Que tudo tinham sentido:  
– «Morto não é Reginaldo,  
de sono estará perdido.»

Vestiu-se el-rei muito à pressa,  
E leva um punhal consigo<sup>100</sup>  
Vai correndo sala e sala,  
Abrindo porta e postigo,  
Chega ao camarim da infanta,  
Dormiam tão sossegados  
Como mulher e marido.  
De nada do que se passava  
De nada davam sentido.  
Acudiram os vassalos,  
Que viram a el-rei perdido:  
– «Nunca vossa majestade  
Mate um homem adormecido.»<sup>101</sup>  
Tira el-rei seu punhal de oiro,  
Deixa-o entre os dois metido,  
O cabo para a princesa.  
Para o Reginaldo o bico.  
Ia-se a virar o pajem,  
Sentiu-se cortar no fio:  
– «Acorda já, bela infanta,  
Triste sono tens dormido!  
Olha o punhal de teu pai  
Que entre nós está metido.»  
– «Cala-te daí Reginaldo,<sup>102</sup>  
Não sejas tão dolorido;  
Vai já deitar-se a seus pés,  
Que el-rei é bom e sofrido.  
Para o mal que temos feito  
Não há senão um castigo;

---

<sup>98</sup> Ou traição tem cometido. – *Estremadura*.

Ou traição me há cometido. – *Beira Alta*.

<sup>99</sup> Acode dali um pajem  
Que é de Reginaldo amigo:  
«Não é morto Reginaldo  
Nem traição tem cometido.  
Então está Reginaldo

Com a princesa dormindo». – *Beira Baixa*.

<sup>100</sup> Leva um traçado consigo. – *Estremadura*.

<sup>101</sup> Dê num homem adormecido. – *Minho*.

<sup>102</sup> Vai-te deitar, Reginaldo,  
A seus pés muito rendido:  
Que el-rei tem bom coração  
E te há-de casar comigo. – *Beira Baixa, Estremadura*.

Mas se el-rei mandar matar-me,  
 Eu hei-de morrer contigo.»  
 – «Donde vens, ó Reginaldo?»<sup>103</sup>  
 – «Senhor, de caçar sou vindo.  
 – «Que é da caça que caçaste,  
 Reginaldo o atrevido?»  
 – «Senhor rei, da caça venho,  
 Mas não a trago comigo;  
 Que o trazer caça real  
 A vassalo é defendido.  
 Só vos trago uma cabeça,  
 A minha: dai-lhe o castigo.»  
 – «Tua sentença está dada,  
 Morrerás por atrevido.»  
 Vedes hora o bom do rei  
 Dando voltas ao sentido:  
 – «Se mato a bela infanta,  
 Fica o meu reino perdido...  
 Para matar Reginaldo,  
 Criei-o de pequenino...  
 Metê-lo-ei numa torre<sup>104</sup>  
 Por princípio de castigo.»  
 – «Dizei-me vós, meus vassalos,  
 Pois tudo tendes ouvido,  
 Que mais justiça faremos  
 Deste pajem atrevido?»  
 Respondem os condes todos,  
 E muito bem respondido:  
 – «Pajem de rei que tal faz,  
 Tem a cabeça perdido.»

Já o metem numa torre,<sup>105</sup>  
 Já o vão encarcerar.  
 Mas ano e dia é passado,  
 E a sentença por dar.

---

<sup>103</sup> Estas três coplas são omissas em todas as lições, salvo na do Alentejo e em uma das do Porto.

<sup>104</sup> A lição do Alentejo termina o romance aqui com esta copla.

– «Levanta-te, ó Reginaldo,  
 Reginaldo atrevido,  
 O castigo que te dou  
 É que seja seu marido.»

Queria o pérfido menestrel pôr um epigrama na boca de sua real majestade?  
 Outra lição da mesma província continua ainda depois:

Responderam os vassalos,  
 Que Reginaldo tem tido!  
 Que tudo tinham sentido:  
 Até aqui pajem del-rei,  
 – «oh! Quem teria a fortuna  
 Agora filho querido! – *Alentejo*.

<sup>105</sup> Só as versões do Ribatejo trazem este episódio da torre.

Veio a mãe de Reginaldo  
 O seu filho a visitar:  
 – «Filho, quando te pari  
 Com tanta dor e pesar,  
 Era um dia como este,  
 Teu pai estava a expirar.  
 Eu coas lágrimas nos olhos,  
 Filho, te estava a lavar;  
 Cabelos desta cabeça  
 Com eles te fui limpar.<sup>106</sup>  
 E teu pai já na agonia,  
 Que me estava a encomendar:  
 Enquanto fosses pequeno  
 De bom ensino te dar,  
 E depois que fosses grande  
 A bom senhor te entregar.  
 Ai de mim, triste viúva,  
 Que te não soube criar!<sup>107</sup>  
 A el-rei te dei por amo,  
 Que melhor não pude achar:  
 Tu vais dormir coa Infanta,  
 De teu senhor natural!  
 Perdeste a cabeça, filho,  
 Que el-rei ta manda cortar!...  
 Ai! meu filho, antes que morras,  
 Quero ouvir o teu cantar.»  
 – «Como hei-de eu cantar, mi madre<sup>108</sup>  
 Se me sinto já finar?»  
 – «Canta, meu filhinho, canta,  
 Para haver minha benção,  
 Que me estou lembrando agora  
 De teu pai nesta prisão.  
 Canta-me o que ele cantava  
 Na noite de São João;  
 Que tantas vezes mo ouviste  
 Cantar co meu coração.»  
  
 – «Um dia antes do dia  
 Que é dia de São João,  
 Me encerraram nestas grades  
 Para fazer penação.  
 E aqui estou, pobre coitado,  
 Metido nesta prisão,  
 Que não sei quando o sol nasce,  
 Quando a lua faz serão.»<sup>109</sup>

---

<sup>106</sup> Pensamento favorito dos menestréis populares, que se encontra repetido em muitos dos nossos romances e xácaras.

<sup>107</sup> Ensinar. – *Ribatejo*.

<sup>108</sup> Mãe minha. – *Ribatejo*.

De suas varandas altas  
El-rei estava a escutar;  
Já se vai onde a Princesa,  
Pela mão a foi buscar:  
– «Anda ouvir, ó minha filha,  
Este tão lindo cantar,  
Que ou são os anjos no céu,  
Ou as sereias no mar.»  
– «Não são os anjos no céu,  
nem as sereias no mar,  
mas o triste sem ventura  
a quem mandais degolar.»  
– «Pois já revogo a sentença  
E já o mando soltar;  
Prende-o tu, Infanta, agora,  
Pois contigo há-de casar.»

---

<sup>109</sup> Em uma lição ultimamente vinda da Beira Alta vem o episódio da prisão com mais uma copla neste cantar do preso. Aqui ponho a dita copla por sua singularidade, apesar de se conhecer nela visível interpolação, e desarmonia de estilo e sentido. Imagino que será fragmento de outra xácara ou cantiga segundo tantos encontram em muitas delas:

Tenho aqui dois passarinhos  
Que me trazem alcanfores;  
Eles vão e eles vêm  
Com novas dos meus amores,  
Alcanfores? e trazer alcantores? quid?

## X

## DONA AUSENDA

A tradição visivelmente corrupta dá por título a este belo romance *Dona Ausência*. Estremenhos e Alentejanos estão concordes; mas nem assim me conformo com seu dizer, porque *Ausência* não é nome próprio que jamais se usasse em nenhuma parte de Espanha. *Ausenda* há-de ser que por séculos se encontra em todos os documentos nossos da Meia- Idade, e era dos mais geralmente usados e conhecidos.

Com ser tão graciosa esta xácara, é das que menos se vulgarizaram: duas províncias apenas, a conservam em Portugal; e no resto da Península não consta que haja vestígios dela. Antiga é, e das mais antigas, porque esta *Dona Ausenda* e este Conde Dom Ramiro têm um sabor moçárabe que não engana. Mas a ponte da Aliviada de que aqui se fala é no Minho. Como é que a história de seu ermitão se não conhece ali, e veio ter e ficar-se nas duas províncias circatejanas? Caprichos e mistérios da migração das tradições humanas, mais difíceis de explicar que os de suas raças.

Encontram-se aqui várias reminiscências – por me expressar na língua musical da moda – de outros romances mais sabidos e populares. Indicará isto analogia na data?

## DONA AUSENDA

À porta de Dona Ausenda  
 Está uma erva fadada;<sup>110</sup>  
 Mulher que ponha a mão nela  
 Logo se sente pejada.  
 Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda  
 Em má hora desgraçada:  
 Assim que pôs a mão nela,  
 Logo se sentiu pejada<sup>111</sup>  
 Vinha seu pai para a mesa,  
 Veio ela muito apressada  
 Para lhe dar água às mãos,  
 Como filha bem criada.  
 Pôs-lhe ele os olhos direitos,  
 Ela fez-se mui corada.  
 – «Que é isso, Dona Ausenda?  
 Voto a Deus que estás pejada.»  
 – «Não diga tal, senhor pai,  
 É da saia mal talhada;<sup>112</sup>  
 Que eu nunca tive amores  
 Nem homem me deve nada».

Mandou chamar os dois xastres<sup>113</sup>  
 Que tinham mais nomeada:  
 – «Vejam-me esta saia, mestres;  
 Aonde está ela errada?»  
 Olharam um para o outro:<sup>114</sup>  
 – «Esta saia não tem nada;  
 O erro que ela tem  
 É a menina estar pejada.»  
 – «Confessa-te Dona Ausenda,  
 Que amanhã serás queimada.»  
 – «Ai triste da minha vida,  
 Ai triste de mim coitada!  
 Sem nunca ter tido amores,<sup>115</sup>  
 Vou a morrer desonrada!»

Foram chamar o ermitão<sup>116</sup>  
 Da ponte da Aliviada;

---

<sup>110</sup> Cresce uma erva fadada. – *Alentejo*.

<sup>111</sup> Sentiu-se logo prenhada. – *Alentejo*.

<sup>112</sup> Reminiscência do romance de Dom Claros d'Além-mar, ou vice-versa. Veja adiante neste volume.

<sup>113</sup> Alfaiates.

<sup>114</sup> Veja nota 3.

<sup>115</sup> Sem nunca saber de amores. – *Estremadura*.

<sup>116</sup> Foram buscar confessor.

Era um fradinho velho  
 Que o encontraram na estrada.  
 Mal o frade chega à porta,  
 Deitou-se à erva fadada  
 Cortou-a pela raiz,<sup>117</sup>  
 Na manga a leva guardada,  
 – «Ajoelhai, Dona Ausenda,  
 Que a vossa hora é chegada:  
 Confessai vosso pecado  
 A Deus e à Virgem sagrada.»  
 – «Padre, eu nunca tive amores,  
 Nem homem me deve nada;  
 Más artes são do demónio  
 Ver-me eu donzela – e pejada!»<sup>118</sup>  
 – «Há quanto tempo, senhora,  
 Vos sentis embaraçada?»  
 – «Os nove meses faz hoje  
 Que ali naquela ramada  
 Na noite de São João  
 Adormeci descuidada;  
 Sentia o cheiro das flores  
 E da erva rociada,  
 Sentia-me eu tão ditosa,  
 Tão feliz e regalada,  
 Que o despertar me deu pena  
 Quando veio a madrugada.  
 – «Tomai agora esta erva,  
 Que é uma erva fadada:  
 Com a bênção que lhe eu deito»<sup>119</sup>  
 Ficarà erva sagrada.»  
 – «Ai! este cheiro meu padre,  
 É o que eu senti na ramada.»  
 Não disse mais Dona Ausenda,  
 Do sono ficou tomada.  
 Virtude tinha aquela erva,  
 Outra virtude fadada:  
 Mulher pejada que a toque<sup>120</sup>  
 Logo fica despejada.  
 Ali, sem mais dor nem pena,  
 Em boa hora abençoada,  
 Pare uma linda criança  
 Bem nascida e bem medrada.  
 Meteu-a o frade na manga,  
 Foi-se sem dizer mais nada.  
 Já desperta Dona Ausenda,  
 Já se sente aliviada;

---

<sup>117</sup> Arranca raiz e tudo.– *Alentejo*.

<sup>118</sup> E prenhada. – *Alentejo*.

<sup>119</sup> Com as rezas que lhe eu rezo. – *Estremadura*.

<sup>120</sup> Mulher que ponha a mão nela.



De tudo quanto passou  
 Apenas está lembrada:  
 Um mau sonho lhe parece  
 Que a deixou perturbada.  
 Chamou por suas donzelas,  
 Chamou por sua criada,  
 Vestiu suas galas mais ricas,  
 Sua saia mais bem talhada,  
 Foi-se encontrar com seu pai  
 Que estava na alpendurada <sup>121</sup>  
 Vendo armar a fogueira  
 Em que a queria queimada:  
 – «Senhor pai, aqui me tendes  
 Já disposta e confessada;  
 Agora a vossa vontade  
 Seja em mim executada.»  
 O pai que a mira e remira  
 Tão esbelta e bem pregada,  
 O seu corpo tão gentil,  
 Sua saia tão bem talhada:  
 – «Que feitiço era este, filha,  
 Com que estavas embruxada?  
 Como se desfez o encanto,  
 Que te vejo tão mudada?»  
 – «Fosse ele poder de encanto,  
 Ou condão de erva fadada,  
 Quebrou-o aquele fradinho  
 Da ponte da Aliviada.»  
 – «Metade de quanto eu tenho,  
 Ametade bem contada,  
 A esse bom ermitão  
 Desta hora lhe fica dada.»  
 Palavras não eram ditas  
 O ermitão que chegava: <sup>122</sup>  
 – «Aceito a oferta, bom conde,  
 Se a metade é bem contada,  
 Se entra nela Dona Ausenda,  
 E ma dais por desposada.»  
 Riram-se todos do frade;  
 Ele sem dizer mais nada,  
 Despe o hábito e o capuz,  
 Ergue a cabeça curvada;  
 Ficou um gentil mancebo,  
 Senhor de capa e de espada <sup>123</sup>  
 Era o conde Dom Ramiro,  
 Que dali perto morava.  
 Em boa hora Dona Ausenda

---

<sup>121</sup> Alpendre coberto à entrada da casa.

<sup>122</sup> Assomava. – *Alentejo*

<sup>123</sup> Vestido de capa e espada. – *Estremadura*.

Pôs a mão na erva fadada!

## XI

## RAINHA E CATIVA

Nem os romances castelhanos nem escritor algum faz menção do belo romance da *Rainha e cativa*. Anda, como os precedentes, na tradição oral do povo, e parece não ser dos que mais alterações têm padecido, quer na forma, quer no estilo, apesar da renovação de palavras por que deve de ter passado na insensível mudança de língua, para se encontrar hoje em frase tão corrente.

É geralmente sabido, e com poucas variantes se repete desde a Estremadura a Trás-os-Montes; sê-lo-á também nas províncias transtaganas, mas não me veio de lá cópia dele.

Pelas referências a Galiza, a senhorio de moiros ainda perto e à «Terra de Santa Maria», que, como todos sabem, é o distrito de Entre-Douro-e-Vouga que hoje se chama «Terra da Feira», vê-se que a história e epopeia, ambas são dos primeiros tempos da monarquia. E a circunstância de «salto» por mar e «correria» por terra lhe dá uma forte cor do século XII.

Os poetas populares não compunham em geral as suas rapsódias senão sobre factos recentes. O que passou da história escrita para os versos é já feito pelos poetas letrados de uma civilização – superior não sei, porém mais adiantada.

O conto conta-se bem no romance, escusa explicado por argumento do compilador. É dos mais romanescos, cheio de situações interessantes, de lances e de aventuras. Esta volta de cativos e renegados cristãos para as suas terras, fugidos com as jóias de seus senhores infiéis, é uma feição muito sabida, e comum nas lendas populares.

Nesta há toda a singeleza homérica, todo aquele tom; até a repetição das mesmas palavras e dos mesmos versos quando ocorrem as mesmas ideias; é a Aurora da *Ilíada* que sempre abre o céu com os mesmos «dedos de rosa», os reis que são sempre «pastores de povos», é Menelau com a mesma «cabeleira loira», Juno com as mesmas «coxas pulcras», os mesmos «olhos de touro» sempre- A poesia primitiva é uma sempre, às ribeiras do Pamiso ou às do Douro.

A pintura da mãe baptizando a filha com as lágrimas de seus olhos tem já por si só mais poesia grande e sublime do que poemas inteiros de grandes poetas.

## RAINHA E CATIVA

– «À guerra, à guerra, moirinhos,  
 Quero uma cristã cativa!  
 Uns vão pelo mar abaixo,  
 Outros pela terra acima:  
 Tragam-ma cristã cativa,  
 Que é para a nossa rainha.»  
 Uns vão pelo mar abaixo,  
 Outros pela terra acima:  
 Os que foram mar abaixo,  
 Não encontraram cativa;  
 Os que foram terra acima:  
 Tiveram melhor atina,<sup>124</sup>  
 Deram com o conde Flores  
 Que vinha de romaria:  
 Vinha lá de Santiago,  
 Santiago de Galiza;  
 Mataram o conde Flores,  
 A condessa vai cativa.  
 Mal que o soube a rainha,  
 Ao caminho lhe saia:  
 – «Venha embora a minha escrava,  
 Boa seja a sua vinda!  
 Aqui lhe entrego estas chaves  
 Da despensa e da cozinha;  
 Que me não fio de moiras  
 Não me dêem feitiçaria.<sup>125</sup>  
 – «Aceito as chaves, senhora,  
 Por grande desdita minha.  
 Ontem condessa jurada,<sup>126</sup>  
 Hoje moça de cozinha!»  
 A rainha está pejada,  
 A escrava também o vinha:  
 Quis a boa ou má fortuna  
 Que ambas parissem num dia.  
 Filho varão teve a escrava,  
 E uma filha a rainha;  
 Mas as perras das comadres,  
 Para ganharem alvíssaras,<sup>127</sup>  
 Deram à rainha o filho,  
 À escrava deram a filha.

---

<sup>124</sup> Melhor fortuna, atinaram melhor. Algumas lições dizem *atima*; palavra que não sei interpretar. É opinião do meu amigo o Sr. Herculano que poderá ser *acima*, isto é, a velha palavra *cima* – complemento, conclusão, acabamento, resultado – com a expletiva *a* por causa do metro.

<sup>125</sup> Que me não dêem bruxaria. – *Estremadura*.

<sup>126</sup> Ontem condessa de Flores. – *Ribatejo*.

<sup>127</sup> Trocaram-nas à nascida. – *Beira Baixa*.

– «Filha minha da minha alma,  
 Com que te baptizaria?  
 As lágrimas de meus olhos  
 Te sirvam de água bendita.  
 Chamar-te-ei Branca Rosa,  
 Branca-flor de Alexandria,<sup>128</sup>  
 Que assim se chamava dantes  
 Uma irmã que eu tinha:  
 Cativaram-na os moiros  
 Dia de Páscoa florida,  
 Andando apanhando rosas<sup>129</sup>  
 Num rosal que meu pai tinha.»  
 Estas lástimas choradas  
 Veis-la rainha que ouvia,  
 E coas lágrimas nos olhos  
 Muito depressa acudia:  
 – «Criadas, minhas criadas,  
 Regalem-me esta cativa;  
 Que se eu não fora de cama,  
 Eu é que a serviria».<sup>130</sup>  
 Mal se levanta a rainha  
 Vai-se ter com a cativa:  
 – «Como estás, ó minha escrava,  
 Como está a tua filha?»  
 – «A filha boa, senhora,  
 Eu como mulher parida. »  
 – «Se estiveras em tua terra,  
 Que nome lhe chamarias?»  
 – «Chamara-lhe Branca Rosa,  
 Branca-flor de Alexandria;<sup>131</sup>  
 Que assim se chamava dantes  
 Uma irmã que eu tinha:  
 Cativaram-na os moiros  
 Dia de Páscoa florida,  
 Andando apanhando rosas<sup>132</sup>  
 Num rosal que meu pai tinha.»  
 – «Se vira lá tua irmã,  
 Se tu a conhecerias?»  
 – «Assim eu a vira nua  
 Da cintura para cima;  
 Debaixo do peito esquerdo  
 Um sinal preto ela tinha.»<sup>133</sup>  
 – «Ai triste de mim, coitada,

---

<sup>128</sup> Rosa flor de Alexandria. – *Minho*.

<sup>129</sup> Quando andava a apanhar rosas. – *Estremadura*.

<sup>130</sup> Eu é que a regalaria. – *Estremadura*.

<sup>131</sup> Rosa flor de Alexandria. – *Minho*.

<sup>132</sup> Quando andava a apanhar rosas. – *Estremadura*.

<sup>133</sup> Um lunar preto ela tinha. – *Estremadura*.

Al triste de mim mofina!»<sup>134</sup>  
Mandei buscar uma escrava,  
Trazem uma irmã minha!»  
Não são passados três dias,  
Morre a filha da rainha:  
Chorava a condessa Flores  
Como quem por sua a tinha;  
Porém mais chorava a mãe,  
Que o coração lho dizia.<sup>135</sup>  
Deram à língua as criadas,  
Soube-se o que sucedia:  
A mãe, co filho nos braços,  
Cuidou morrer de alegria.  
Não são passadas três horas,  
Uma à outra se dizia:  
– «Quem se vira em Portugal,  
Terra que Deus bendizia!»  
Juntaram muita riqueza  
De oiro e de pedraria;  
Uma noite abençoada  
Fugiram da moiraria.  
Foram ter à sua terra,  
Terra de Santa Maria;  
Meteram-se num mosteiro,  
Ambas professam num dia.

---

<sup>134</sup> Triste de minha mofina – *Beira Alta*.

<sup>135</sup> Que o coração lho pedia. – *Ribatejo*.

## XII

## DOM CLAROS DE ALÉM-MAR

*Dom Claros de Além-mar*, que em muitas partes o povo corruptamente diz *Dom Carlos*, não sei se nasceu português ou castelhano! propendo para a última origem, apesar de que, impresso nas antigas colecções dos nossos vizinhos, o povo de Portugal todavia o canta bastante diverso, mas não piorado decerto,

Do modo por que assim anda na tradição oral portuguesa, faz lembrar no seu princípio o romance francês do *Conde Ory*.

Creio que é das mais antigas composições deste género que temos em Espanha; nas províncias portuguesas é muito vulgar e sabido, e portanto abunda em variantes.

Observa-se aqui ser indubitável que certos versos e coplas de alguns primeiros romances, certos dizeres deles caíram em graça geral, e ficaram sendo como *bordões* poéticos em todas as línguas.

Disto aparecem contínuas provas e exemplos, não só entre provençais, portugueses, catalães e castelhanos, não só entre dinamarqueses, normandos, escoceses, alemães e ingleses, mas ainda de uma destas grandes famílias para a outra.

Compare, no presente romance, os versos onde diz:

«Haverá por aí um pajem  
Que o meu pão queira comer?...»

com estoutros do escocês *Prince Robert*, na colecção de Sir W. Scott já citada:

«O where will I get a little boy,  
That will win hose and shoon.  
To rin sac fast to Darlington  
And bid fair Eleanor came?»  
Then up and spake a little boy,  
That wad win hose and shoon:  
«O I'll away to Darlington,  
And bid fair Eleanor carne.»<sup>136</sup>

---

<sup>136</sup> *Ministrelsy of the Scottish Borders*, etc.; tomo II, pág. 124, ed. Paris 1838.

## DOM CLAROS DE ALÉM-MAR

– «Quero fazer uma aposta,  
 Ou eu não sei apostar:  
 Claralinda há-de ser minha <sup>137</sup>  
 Antes do galo cantar.»  
 – «Apostar, apostareis, <sup>138</sup>  
 Mas não haveis de ganhar;  
 Que é discreta a Claralinda,  
 Ninguém na pode enganar.»  
 Não quis ali dizer nada,  
 Não quis ali mais falar;  
 Vestiu trajos de donzela  
 E se pôs a caminhar. <sup>139</sup>  
 Lá estava a Claralinda  
 De seu balcão a mirar:  
 – «Que donzela tão bonita! <sup>140</sup>  
 Quem é e o que vem buscar?»  
 – «É a tecedeira, senhora, <sup>141</sup>  
 Que vem das praias do mar;  
 Tem a sua teia urdida,  
 E a falta <sup>142</sup> vem na buscar.»  
 – «Aí tenho a falta, donzela,  
 Mas inda está por dobar.» <sup>143</sup>  
 – «Senhora, que se faz tarde  
 E eu não posso esperar:  
 De noite pelos caminhos <sup>144</sup>

---

<sup>137</sup> De dormir com Mariana – *Beira Baixa*.

<sup>138</sup> – «Tal coisa não faças, filho,

Que a não hás-de ganhar:

Mariana é mui sisuda,

E não se deixa enganar. – *Beira Alta*.

– «Não apostes, ó meu filho,

Não te metas a apostar;

Que Mariana é discreta,

Não a podes enganar» – *Beira Baixa*.

<sup>139</sup> Vestiu trajos de donzela,

Ao jardim foi passear. – *Beira Alta*.

<sup>140</sup> – «Quem é aquela donzela

Que além anda a passear?» – *Beira Alta*.

– «Quem bate à minha porta,

Quem me vem improtunar?» – *Minho*.

<sup>141</sup> – «Tecedeira sou, senhora,

De las areias do mar;

A teia tenho-a urdida,

A seda venho-a buscar!» – *Trás-os-Montes*.

<sup>142</sup> Falta de teia é o que aparece de menos na tecedoura em desproporção com a urdidura.

<sup>143</sup> – «Essa falta eu a tenho,

Mas não a posso dobar.»

– «Dobe-a já, minha senhora,

Trate de mandar dobar.» – *Beira Alta*.

<sup>144</sup> – «Dilate-se, ó menina,

Que ainda está por dobar;



Donzelas não hão-de andar.»  
 – «Para honra da donzela,  
 Aqui hoje há-de poisar.»  
 – «Tendes criados tão moços,  
 Tão atrevidos do olhar...»  
 – «Para honra da donzela  
 No meu quarto há-de ficar.»

A donzela, de contente,  
 À noite não quis cear;  
 Tinha sono, tanto sono,  
 Que se quis logo deitar.  
 Lá por essa noite adiante <sup>145</sup>  
 Claralinda de gritar...  
 – «Cala-te, ó Claralinda,  
 Não te queiras difamar,  
 Que eu sou de nobre gente  
 E contigo hei-de casar:  
 Fia-te nesta palavra  
 De Dom Claros de Além-mar.» <sup>146</sup>

Passados são tantos dias,  
 Tão compridos de esperar:  
 Não voltou a tecedeira,  
 Mas a teia ia a dobar  
 Aos sete para oito meses  
 O pai à mesa a jantar: <sup>147</sup>  
 – «Claralinda, Claralinda,  
 Que feio é o teu trajar!»  
 – «Não diga tal, senhor pai,  
 Ninguém lhe oiça tal falar:  
 Não sou eu, é da vasquinha  
 Que é mal feita e dá mau ar.»  
 Mandou chamar alfaiates <sup>148</sup>

Donzelas pelo caminho  
 De noite parecem mal. – *Beira Baixa*.  
<sup>145</sup> Lá por essa noite velha  
 Mariana de queixar. – *Minho*.  
<sup>146</sup> – «Aos sete para oito meses  
 Se teu pai já reparar,  
 Mandarás uma cartinha  
 A Dom Carlos de Além-Mar.» – *Beira Alta*.  
<sup>147</sup> Seu pai que a estava a mirar.  
 – «O que mira senhor pai,  
 O que é que está a olhar?»  
 – «Eu miro-te, minha filha,  
 E olho no teu desar.»  
 – «Este enchumbe, senhor pai,  
 É da saia mal trajar.» – *Coimbra*.  
 – «Que te faz assim estar?»  
 – «Não é nada, senhor pai,  
 É a vasquinha mal talhada» – *Porto*.

Para se desenganar:  
 Disseram uns para os outros:  
 – «Não tem falta a saia tal.»

Não há ali mais que dizer,<sup>149</sup>  
 Não há mais que perguntar:  
 – «Prepara-te, ó Claralinda,  
 Que amanhã vais a queimar.»<sup>150</sup>  
 – «Não se me dá que me matem,  
 Que me levem a queimar,  
 Dá-se-me deste meu ventre  
 Que é de sangue real!...  
 Haverá por aí um pajem<sup>151</sup>  
 Que o meu pão queira ganhar,  
 E que me leve esta carta  
 A Dom Claros de Além-mar?»  
 Aparece um pajenzito  
 Discreto no seu falar:  
 – «Aqui está um mensageiro  
 Que o recado quer levar.»  
 – «Se o meu pão queres comer,  
 A toda a pressa hás-de andar,  
 E entregarás esta carta  
 A Dom Claros de Além-mar.»<sup>152</sup>

<sup>148</sup> Mandou logo vir dois xastres  
 Cada um e sua casa:  
 Disseram um para o outro:  
 – «A vasquinha não tem nada,  
 E a menina está pejada.» – *Porto*.  
 – «Esta saia não tem nada;  
 Ao fim de nove meses  
 Ela será abaixada.» – *Coimbra*.  
<sup>149</sup> – «Oh lá, oh lá, meus criados,  
 A lenha ao monte apanhar  
 Que amanhã por estas horas  
 Vai Claralinda a queimar a – *Beira Baixa*.  
 « Confessa-te, ó Mariana  
 Trata de te confessar  
 Que hoje te ajuntam a lenha,  
 Amanhã te hão-de queimar» – *Beira Alta*.  
<sup>150</sup> – «Não se me dá que me queimem.  
 Que me tornem a queimar» – *Coimbra*.  
<sup>151</sup> – «Não há por aí um pajem  
 Que se dois do meu mal – *Ponte de Lima*.  
 Quem me dera aqui um pajem.  
 Que me fora ao meu mandar,  
 Que me levara esta carta,  
 A Dom Claros, de pesar» – *Minho*.  
<sup>152</sup> – «Se ele estiver a dormir,  
 Façam-no logo acordar;  
 Se ele estiver a comer,  
 Não o deixem acabar» – *Beira Baixa*.  
 – «Se o achares a passear,  
 Deixá-lo-ás assentar;

– «Que quereis, ó pajenzito,  
Que vindes aqui buscar?»  
– «Trago uma carta, senhor,  
Novas de muito pesar;  
Novas lhe trago, más. Novas <sup>153</sup>  
Da sua amiga leal:  
Hoje se lhe ajunta a lenha,  
Amanhã vai a queimar.»  
Ele pôs-se a ler a carta,  
Não a podia acabar;  
As lágrimas eram tantas  
Que o faziam cegar: <sup>154</sup>  
– «Oh lá, oh lá, escudeiros,  
Os cavalos a ferrar;  
Jornada de quatro dias  
Esta noite se há-de andar.»

Chega a um convento de frades,  
Estava o sino a dobrar:  
– «Por quem dobra o sino, padre,  
Por quem está a tocar?»  
– «É a infanta Claralinda  
Que se está a agonizar:  
Ontem juntaram-lhe a lenha,  
Hoje a levam a queimar.»  
Era quase manhã clara,  
Mandou seus pajens deitar,  
Vestiu-se em trajos de frade, <sup>155</sup>

Se o achares a dormir.  
Deixá-lo-ás acordar;  
Se o achares a jantar.  
Deixá-lo-ás alevantar» – *Açores*.  
– «Se o achares a dormir,  
Deixá-lo-ás acordar;  
Se o achares acordado,  
A carta lhe há-de entregar a – *Beira Alta*.  
<sup>153</sup> – « Novas lhe trago, senhor,  
Da sua amiga leal:  
Dos sete para oito meses  
Seu pai a manda queimar a – *Beira Alta*.  
– «A sua amada menina  
Amanhã vai a queimar a – *Açores*.  
– « Menina com quem dormiu  
Vai amanhã a queimar» – *Beira Baixa*.  
<sup>154</sup> Desgraçada Mariana  
Que te levam a queimar!  
Mal-estreado do teu ventre  
Que leva sangue real – *Beira Alta*.  
Pouco me dá que a queimem  
Que a tornem a queimar;  
Dá-se-me, é do seu ventre  
Que é de sangue real – *Alentejo*.

Foi ao caminho esperar:  
 – «Parem lá os da justiça,<sup>156</sup>  
 Justiça de mau pesar,  
 Que a menina que aí levam  
 Inda vai por confessar.»

Deixaram-no ao bom do frade  
 Para a infanta confessar.  
 Mal se ele viu só com ela,  
 De amores lhe foi falar:  
 – «Venha cá, minha menina,<sup>157</sup>  
 Que a quero confessar;  
 No primeiro mandamento  
 Um beijinho me há-de dar.»  
 – «Não permita Deus do céu  
 Nem os santos do altar!  
 Onde Claros pôs a boca<sup>158</sup>  
 Não me há-de um frade beijar.»  
 – «Venha cá, minha menina,  
 Que a quero confessar;  
 No segundo mandamento,  
 Um abraço me há-de dar.»

<sup>155</sup> Vestiu-se em trajos de frade,  
 Ao caminho a foi esperar;  
 Em chegando ao pé dela  
 Aos criados foi falar – *Beira Alta*.  
<sup>156</sup> «Parem lá com a liteira,  
 E façam-na já parar,  
 Que a menina que si levam  
 Ainda vai por confessar» – *Beira Baixa*.  
 – «Ó da justiça de el-rei.  
 Alto lá, façam parar – *Coimbra*.  
 A menina que si levais  
 Ainda vai por confessar – *Beira Alta*.  
 – a Diga-me. minha menina,  
 O porque vai a queimar?»  
 – «Porque dormi uma noite  
 Com Dom Carlos de Além-Mar» – *Beira Alta*.  
<sup>157</sup> Diga-me minha menina,  
 Verdade me há-de falar:  
 Se teve amores com clérigos  
 Ou com frades. mal pesar.»  
 – «Não tive amores com clérigos  
 Nem frades de mal pesar;  
 Tive amores com Dom Carlos,  
 Por isso vou a queimar.  
 – «Pois Dom Carlos sou eu mesmo,  
 E contigo hei-de casara – *Coimbra*.  
 Segundo esta lição de Coimbra acaba o romance aqui.  
<sup>158</sup> Que onde Claros pôs a boca  
 Não há-de pôr nenhum frade – *Beira Alta*.  
 Que onde o meu bem pôs a boca – *Évora*.  
 Não me há-de um frade beijar – *Ponte de Lima*.  
 Venha um frade bafejar – *Porto*.

– «Vai-te na má hora, frade,  
Que a mim não hás-de chegar;  
Que a mim nunca chegou homem,  
Se não – inda mal pesar!  
Senão só esse Dom Claros,  
Dom Claros o de Além-mar,  
Que, por meus grandes pecados,  
Por ele vou a queimar!»

Dom Claros que tal ouviu,  
Não pôde o riso ocultar.  
– «Por esse riso que dais,<sup>159</sup>  
Sois Dom Claros de Além-mar...»  
– «Cala-te, ó Claralinda,<sup>160</sup>  
Que te venho libertar;  
Já está tecida a teia,  
Vamo-la agora a curar.»

Tomou-a logo nos braços  
Puseram-se a caminhar:  
Estava perto o convento,  
Viram-nos os pajens chegar.  
Chegavam, não chegariam...  
A justiça de bradar.  
– «Nas ancas de meu cavalo,  
Menina, haveis de montar.  
Assim foi livre a infanta  
Por Dom Claros de Além-mar.»

---

<sup>159</sup> Pelo sorriso que dais – *Beira Baixa*.

<sup>160</sup> – «Sim, senhora, sou Dom Carlos  
Que vos venho libertar.»  
Tomou-a logo nos braços  
Puseram-se a caminhar.  
Correm de além os criados  
E puseram-se a gritar:  
– «Senhor padre, deixe a moça.  
Que a manda seu pai queimar, a  
– «Pois vão dizer a seu pai  
Que a venha cá buscar;  
Que eu co este faim de prata  
A alma lhe hei-de atravessar» – *Beira Alta*.  
– «Eu Dom Claros sou, menina,  
Sou Dom Claros de Além-Mar;  
Nas ancas do meu cavalo,  
Menina, haveis de montar.  
Senhora das minhas quintas,  
Rainha do meu caudal...  
Agora diz a teu pai  
Que te venha cá buscar» – *Trás-os-Montes*.  
Nestas duas lições da Beira Alta e de Trás-os-Montes, acaba respectivamente assim o romance.

## XIII

## CLARALINDA

Ao revés do romance precedente, nós chamamos *Claralinda* a este, que os castelhanos têm muito mais extenso em suas colecções com o título de *Conde Claros*.

O tal *Dom Claros* ou *Conde Claros* devia de ser o Dou Juan daqueles tempos, à imensidade de aventuras e conquistas amorosas que os romanceiros lhe atribuem. E talvez é um mito em que os trovadores moralistas resumiram todos os Lovelaces da Meia-Idade.

O presente romance mui semelhante, na lição portuguesa, ao que leva por título *Rosalinda* na primeira parte desta colecção<sup>161</sup>, difere todavia essencialmente dele na cor local, e, para assim dizer, nas decorações da cena. O desfecho da aventura é inteiramente outro. E além disso, aquele foi construído de três fragmentos diversos: este era um deles.

Depois de publicado este primeiro tomo, obtive uma melhor e mais completa cópia; já lhe não cabe o nome de fragmento: é a que aqui dou com as suas variantes.

Seriam os menestréis os que, segundo a teoria de Sir Walter Scott, que já noutra parte mencionei<sup>162</sup>, contraíram o romance escrito na xácara para contar? Ou seriam os poetas ou os colectores letrados que da xácara popular fizeram o romance mais longo?

Neste caso especial não sei decidir; mas estou fortemente capacitado de que ora uma ara outra coisa sucedia, e que é difícil dizer quando esta ou aquela se fez.

O saio de seda, a cintura de oiro e firmal, indicam a antiguidade na lição portuguesa que não desce do décimo quinto século.

---

<sup>161</sup> *Romanceiro*, tomo I, Lisboa, 1843, pág. 177.

<sup>162</sup> Romance do *Conde Yano*.

## CLARALINDA

Meia noite já é dada,  
 Os galos querem cantar,  
 O conde Claros na cama <sup>163</sup>  
 Não podia repousar.  
 Chamou pajens e escudeiros,  
 Que se quer já levantar;  
 Que lhe tragam de vestir,  
 Que lhe tragam de calçar.  
 Deram-lhe uma alva camisa.  
 Que el-rei não a tinha tal; <sup>164</sup>  
 Deram-lhe saia de seda,  
 Cintura de oiro e firmal.  
 Trazem-lhe esporas douradas.  
 Para com elas montar;  
 Cavalgou no seu cavalo,  
 Pôs-se logo a caminhar.

– «Deus te salve, Claralinda,  
 Tão cedo estás a bordar?  
 Salve-te Deus, conde Claros!  
 Donde vais a caminhar?» <sup>165</sup>  
 – «Aos moiros me vou, senhora,  
 Grandes guerras guerrear.»  
 – «Que belo corpo que tendes  
 Para com eles brigar!»  
 – «Melhor o tenho, senhora,  
 Para convosco folgar...» <sup>166</sup>

Palavras não eram ditas  
 Um pajem que ia a passar;  
 – «As palavras que são ditas,  
 A el-rei vou já contar.»  
 – «Palavras que ditas são,  
 A el-rei não vás levar:  
 Dar-te-ei de oiro e de prata  
 Quanto possas carregar.  
 – «Não quero oiro nem prata,  
 Se oiro e prata me heis-de dar;  
 Quero guardar lealdade  
 A quem na devo guardar:  
 As palavras que são ditas,  
 A el-rei as vou contar.

---

<sup>163</sup> Conde Claros em seu leito. – *Alentejo*.

<sup>164</sup> Que el-rei a não tinha igual. – *Minho*.

<sup>165</sup> Tão cedo a caminhar. – *Lisboa*.

<sup>166</sup> Para com damas folgar. – *Beira Baixa*.

Foi dali o bom do pajem <sup>167</sup>  
 Andando de bom andar  
 À casa da Estudaria,  
 Onde el-rei estava a estudar:  
 – Deus vos salve senhor rei,  
 E a vossa coroa real!  
 Lá deixei o conde Claros  
 Com a princesa a folgar  
 – Se à puridade o dissesses,  
 Tença te havia de dar;  
 Mas pois tão alto falaste,  
 Alto hás-de ir a enforcar.

Castigar os chocalheiros  
 Boa justiça real:  
 Mas o pobre conde Claros  
 Também vai a degolar!  
 – «Vinde, vinde, Claralinda...  
 Como estais a descansar!  
 Vinde ver o conde Claros  
 Que el-rei o manda matar.»  
 – «Acudi, minhas donzelas,  
 Vinde-me acompanhar:  
 Que se el-rei lhe não perdoa,  
 Com ele quero acabar.» <sup>168</sup>

– «Deus vos salve, senhor rei,  
 E a vossa c'roa real!  
 Que vos fez a conde Claros  
 Para o mandardes matar?»  
 – «Se eu tivera outra filha  
 Para em meu reino reinar,  
 Juro-te, ó Claralinda,  
 Que o ias acompanhar.  
 Mas toma-o tu por marido,  
 Por genro o quero eu tomar;  
 E ninguém mais nesta corte  
 Se atreva a mexericar.» <sup>169</sup>

---

<sup>167</sup> Foi dali o pajenzito. – *Alentejo*.

<sup>168</sup> Com ele me hão-de matar. – *Minho*.

<sup>169</sup> A lição da Estremadura acrescenta aqui:

– «Ganhaste, mexeriqueiro,  
 Com o teu mexericar!»  
 – «Ganhei a morte, senhora;  
 E a vida me podeis dar.»  
 – «Se ela está na minha mão,  
 A vida não te hei-de dar:  
 Para outra não fazeres  
 Já irás a degolar,  
 E ao rabo de meu cavalo  
 Te mandarei arrastar.»





## XIV

## DOM BELTRÃO

Não é das menos interessantes para a história da poesia popular na Península esta lição portuguesa do romance de *Dom Beltrão*, que na castelhana se diz *De la Batalla de Roncesvalles*.

A sua origem parece ter sido provençal ou navarra; nós decerto o houvemos pelos nossos mais próximos vizinhos, os castelhanos. Em Portugal é ele arraiano, e não anda senão pelos extremos da Beira e Trás-os-Montes.

Com ser este um dos mais belos que tem o romanceiro de Castela, eu acho-o mais bonito em português, mais repassado daquela melancolia e sensibilidade que faz o carácter da poesia do nosso dialecto, e que principalmente o distingue dos outros todos de Espanha.

O cavalo moribundo que se levanta diante do pai do seu senhor, para se justificar de seu procedimento na batalha, de como fez tudo para o salvar – é digno da *Iliada* e não desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.

Variantes portuguesas não chegaram à minha mão, e este único texto me veio de Trás-os-Montes.

A novíssima edição do *Romancero General* do sr. Duran <sup>170</sup>, obra de sumo gosto e trabalho, julga pertencer este romance ao último terço do século XV.

---

<sup>170</sup> Em dois vol. grandes. Madrid, 1849-1855.

## DOM BELTRÃO

– «Quedos, quedos, cavaleiros,  
 Que el-rei os manda contar!»  
 Contaram e recontaram,  
 Só um lhe vinha a faltar:  
 Era esse Dom Beltrão,  
 Tão forte no batalhar;  
 Nunca o acharam de menos  
 Senão naquele contar,  
 Senão ao passar do rio,  
 Nos portos <sup>171</sup> do mal passar.  
 Deitam sortes à ventura  
 A qual o devia ir buscar:  
 Que ao partir fizeram todos  
 Preito, homenagem no altar,  
 O que na guerra morresse  
 Dentro em França se enterrar.  
 Sete vezes deitam sortes  
 A quem no há-de ir buscar;  
 Todas sete lhe caíram  
 Ao bom velho de seu pai.  
 Volta rédeas ao cavalo,  
 Sem mais dizer nem falar...  
 Que lha sorte não caíra,  
 Nunca ele havia de ficar.  
 Triste e só se foi andando,  
 Não cessava de chorar;  
 De dia vai pelos montes,  
 De noite vai pelo val;  
 Aos pastores perguntando  
 Se viram ali passar  
 Cavaleiro de armas brancas,  
 Seu cavalo tremedal. <sup>172</sup>  
 – «Cavaleiro de armas brancas,  
 Se cavalo tremedal,  
 Por esta ribeira fora  
 Ninguém não no viu passar.»  
 Vai andando, vai andando,  
 Sem nunca desanimar,  
 Chega àquela mortandade  
 Donde fora Roncesval:  
 Os braços já tem cansados  
 De tanto morto virar;  
 Viu a todos os franceses,  
 Dom Beltrão não pode achar.  
 Volta atrás o velho triste,

---

<sup>171</sup> Portos ou passagens dos Pirenéus, e em geral toda a passagem entre altas cordilheiras.

<sup>172</sup> Cavalo tremedal, o quê?

Voltou por um areal,  
 Viu estar um perro moiro  
 Em um adarve a velar:  
 – «Por Deus te rogo, bom moiro,  
 Me digas sem me enganar,  
 Cavaleiro de armas brancas  
 Se o viste por aqui passar.  
 Ontem à noite seria,  
 Horas de o galo cantar.  
 Se entre vós está cativo,  
 A oiro o hei-de pesar.»  
 – «Esse cavaleiro, amigo,  
 Diz-me tu que sinais traz.»  
 – «Brancas são as suas armas,  
 O cavalo tremedal.  
 Na ponta de sua lança  
 Levava um branco cendal,  
 Que lhe bordou sua dama  
 Bordado a ponto real.»  
 – «Esse cavaleiro, amigo,  
 Morto está nesse pragal,  
 Com as pernas dentro d'água,  
 O corpo no areal.  
 Sete feridas no peito  
 A qual será mais mortal;  
 Por uma lhe entra o sol,  
 Por outra lhe entra o luar,  
 Pela mais pequena delas  
 Um gavião a voar.»  
 – «Não torno culpa a meu filho,  
 Nem aos moiros de o matar;  
 Torno a culpa ao seu cavalo  
 De o não saber retirar.»  
 Milagre! quem tal diria,  
 Quem tal pudera contar!  
 O cavalo meio morto  
 Ali se pôs a falar:  
 – «Não me tornes essa culpa,  
 Que ma não podes tornar:  
 Três vezes o retirei,  
 Três vezes para p salvar;  
 Três me deu de espora e rédea  
 Co'a sanha de pelejar,  
 Três vezes me apertou cilhas,  
 Me alargou o peitoral...  
 À terceira fui a terra  
 Desta ferida mortal.»

## XV

## DOM GAIFEIROS

Eis aqui uma verdadeira preciosidade literária, a edição ou lição portuguesa de um dos mais celebrados romances da nossa península, *Dom Gaifeiros*.

Tinha-o encontrado na colecção manuscrita do Cavalheiro de Oliveira, mas confesso que fiz injúria à sua memória, supondo, sem mais exame, que era pia fraude do bom cavalheiro, e que ele não tinha feito mais do que traduzir dos romanceiros castelhanos o que lá tinha achado em muito boa letra redonda. Não é assim; julguei de leve e julguei falso; o romance é corrente na tradição de Trás-os-Montes. Tenho em minha mão cópias autênticas do cantar do povo feitas por pessoas fidedignas e inteligentes daquela província. As cópias não diferem no essencial; todas são mais curtas do que as lições castelhanas dos romanceiros, mas nenhuma as segue literalmente; e o mesmo faz a do Cavalheiro de Oliveira, que é todavia a mais completa das portuguesas.

Apurei por todas elas o texto como aqui o dou, recorrendo, nas frequentes dificuldades e dúvidas em que me achei, à lição castelhana tal como a dá Duran, que assevera tê-la copiado, não do *Cancioneiro de Ambers*, nem da *Floresta de vários*, senão de um códice muito antigo que tinha à vista. Esta cópia,<sup>173</sup> diz ele e é certo, é a que mais quadra com a descrição de mestre Pedro no *Dom Quixote*, naquele celebrado capítulo<sup>174</sup> da segunda parte que para sempre deixou imortal este romance.

A nossa lição portuguesa tem todos os caracteres de ser do século XVI.

---

<sup>173</sup> Duran, *Romancero General*, 1849-51, tom. I, pág. 218.

<sup>174</sup> *Don Quijote*, parte 2, cap. 26.

## DOM GAIFEIROS

Sentado está Dom Gaifeiros  
 Lá em palácio real,  
 Assentado ao tabuleiro  
 Para as tábulas jogar.  
 Os dados tinha na mão,  
 Que já os ia deitar,  
 Senão quando vem seu tio  
 Que lhe entra a pelear:  
 – «Para isso és, Gaifeiros,  
 Para os dados arrojor;  
 Não para ir tomar damas,  
 Com a moirisma jogar.  
 Tua esposa lá têm moiros,  
 Não sabes ir buscar:<sup>175</sup>  
 Outrem fora seu marido,  
 Já lá não havia estar.»  
 Palavras não eram ditas,  
 Os dados vão pelo ar...  
 A que não fora o respeito<sup>176</sup>  
 Da pessoa e do lugar,  
 Távolas e tabuleiro  
 Tudo fora espedaçar.  
 A seu tio, Dom Roldão,  
 Tal resposta lhe foi dar:  
 – «Sete anos a busquei, sete,  
 Sem a poder encontrar;  
 Os quatro por terra firme,  
 Os três sobre águas do mar.<sup>177</sup>  
 Andei por montes e vales,  
 Sem dormir, nem descansar;  
 O comer, da carne crua,  
 No sangue a sede matar.  
 Sangue vertiam meus pés  
 Cansados de tanto andar;  
 E os sete anos cumpridos  
 Sem a poder encontrar.  
 Agora a saber sou vindo<sup>178</sup>  
 Qua Sansonha foi parar;  
 E eu sem armas nem cavalo  
 Com que a possa ir buscar:  
 Que a meu primo Montezinhos  
 Há pouco os fui emprestar

---

<sup>175</sup> Não és para ir buscar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>176</sup> Se ali não fora o respeito. – Ms. de Oliveira.

<sup>177</sup> Os três por cima do mar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>178</sup> Ela estava em Salsonha,  
 Lá em palácio real. – *Trás-os-Montes*.

Para essa festa de Hungria  
 Onde se foi a justar.<sup>179</sup>  
 Mercê vos peço, meu tio,  
 Se ma vós quiséreis dar,  
 Vossas armas e cavalo  
 Que mos queirais emprestar.»<sup>180</sup>  
 – «Sete anos são cumpridos,  
 Bem nos debes de contar,  
 Que Melisendra é cativa  
 E a vida leva a chorar.  
 E sempre te vi com armas,  
 Com cavalos a adestrar;  
 Agora que estás sem eles  
 É que a queres ir buscar?  
 Minhas armas não te empresto  
 Que as não posso desarmar;  
 Meu cavalo bem vezeiro,<sup>181</sup>  
 Não o quero mais vezar.»  
 – «As vossas armas, meu tio,  
 Que mas não queirais negar  
 A minha esposa cativa  
 Como a hei-de eu ir buscar?  
 – Em São João de Latrão  
 Fiz juramento no altar,  
 De a ninguém não prestar armas  
 Que mas faça acobardar.»<sup>182</sup>

Dom Gaifeiros, que isto ouviu,  
 A espada foi a tirar;  
 Saltam-lhe os olhos da cara  
 De merencório a falar:  
 – «Bem parece, mal pesar!  
 O muito amor que me tendes  
 Para assim me afrontar.  
 Mandai-me dizer por outrem  
 Que me las possa pagar,  
 Essas palavras, meu tio,  
 Que vos não quero tragar.»  
 Acode ali Dom Guarino,  
 O almirante do mar,  
 Durandarte e Oliveiros  
 Que os vêm a separar;  
 Com outros muitos dos Doze  
 Que ali sucedeu de estar.  
 Dom Roldão muito sereno

---

<sup>179</sup> Onde foi a tornear. – Ms. de Oliveira.

<sup>180</sup> A minha esposa entre moiros,  
 Eu a quero ir buscar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>181</sup> Bem vezado. – Ms. de Oliveira.

<sup>182</sup> Por mas não encobardar. – Ms. de Oliveira.

Assim lhe foi a falar:  
 – Bem parece, Dom Gaifeiros,  
 Bem se deixa de mostrar  
 Que a falta de anos, sobrinho,  
 Em tudo vos faz faltar.  
 Aquele que mais te quer  
 Esse te há-de castigar:  
 Foras tu mau cavaleiro,  
 Nunca eu te dissera tal,  
 Porque sei que tu és bom, to disse... <sup>183</sup>  
 E agora, armar e selar!  
 Meu cavalo e minhas armas  
 Aí estão a teu mandar,  
 E mais, terás o meu corpo <sup>184</sup>  
 Para te ir acompanhar.»  
 – «Mercês, meu tio, hei-de ir só, <sup>185</sup>  
 Só, tenho de a ir buscar.  
 Venham armas e cavalo  
 Que já me quero marchar,  
 De covarde a mim! ninguém  
 Nunca ninguém me há-de apelidar.»  
 Dom Roldão a sua espada  
 Ali lhe foi entregar:  
 – «Pois só queres ir, sobrinho,  
 Esta te há-de acompanhar.  
 Meu cavalo é generoso,  
 Não o queiras sopear;  
 Dá-lhe mais rédea que espora,  
 Nele te podes fiar».

Andando vai Dom Gaifeiros,  
 Andando de bom andar.  
 Por essas terras de Cristo,  
 Té a Moirama chegar.  
 Ia triste e pensativo,  
 Cheio de grande pesar;  
 Melisendra em mãos de moiros,  
 Como lha há-de sacar?...  
 Pára às portas de Sansonha <sup>186</sup>  
 Sem saber como há-de entrar:  
 Estando neste cuidado  
 As portas se abrem de par.  
 El-rei com seus cavaleiros  
 Saía ao campo a folgar;

---

<sup>183</sup> Por tu seres bom, to disse. – Ms. de Oliveira.

<sup>184</sup> E aqui tendes o meu corpo  
 Para vos acompanhar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>185</sup> Só quero ir, meu tio, só  
 Para melhor a tirar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>186</sup> Salsonha diz sempre a lição de Trás-os-Montes.



Mui galãs iam de festa,  
 Mui ledos a cavalgar.<sup>187</sup>  
 Furtou-lhe as voltas de Gaifeiros,  
 Pelas portas foi entrar;  
 Deu com um cristão cativo  
 Que ali andava a trabalhar:

– «Por Deus te peço cativo,  
 E ele te venha livrar!  
 Assim me digas se ouviste  
 Nesta terra anomear  
 A uma dama cristã,  
 Senhora de alto solar,  
 Que anda cativa entre moiros  
 E a vida leva a chorar.»  
 – «Deus te salve, cavaleiro,  
 Ele te venha ajudar!  
 A assim me dê outra vida,  
 Que esta se vai a chorar.  
 Pelos sinais que me destes,  
 Já bem te posso afirmar  
 Que a dama que andas buscando  
 Em palácio deve estar.  
 Toma essa rua direita  
 Que leva ao paço real,  
 Lá verás pelas janelas<sup>188</sup>  
 Muitas cristãs a folgar.»  
 Tomou a rua direita  
 Que no passo vai dar  
 Alçou os olhos ao alto,  
 Melisendra viu estar,  
 Sentada àquela janela  
 Tão entregue a seu pensar,  
 Que as outras em redor dela  
 Não nas sentia folgar.  
 Rua abaixo, rua acima  
 Gaifeiros a passear.  
 – «Oh que lindo cavaleiro,  
 De tão gentil cavalgar!»<sup>189</sup>  
 – «Melhor sou jogando às damas,  
 Com moiros a batalhar!»  
 Melisendra que isto ouviu  
 Começava a chorar:  
 Não já que ela o conhecesse,

---

<sup>187</sup> Mui guapos. – Ms. de Oliveira.

<sup>188</sup> Pelos balcões. – Ms. de Oliveira.

<sup>189</sup> – «Donde é o cavaleiro  
 De tão lindo passear?»  
 – «O cavaleiro é cristão  
 Das bandas de além do mar». – *Trás-os-Montes*.

Nem tal se podia azar,  
 Tão coberto de armas brancas,  
 Tão dif 'rente no trajar;  
 Mas por ver um cavaleiro  
 Que lhe fazia lembrar  
 Aqueles Doze de França,  
 Aquela terra sem par,  
 As justas e os torneios  
 Que ali soíam de armar  
 Quando por sua beleza  
 Andavam a disputar.  
 Com voz chorosa e sentida  
 Começou de o chamar:  
 – «Cavaleiro, se a França ides,<sup>190</sup>  
 Recado me heis levar,<sup>191</sup>  
 Que digais a Dom Gaiifeiros  
 Por que me não vem buscar.  
 Se não é medo de moiros  
 De com eles pelejar,  
 Já serão outros amores  
 Que o fizeram olvidar...  
 Enquanto eu presa e cativa  
 A vida levo a chorar  
 E mais se este meu recado,  
 O não quis aceitar.  
 Dá-lo-eis a Oliveiros  
 A Dom Beltrão o heis-de dar.  
 E a meu pai o Imperador  
 Que já me mande buscar,  
 Pois me querem fazer moira  
 E de Cristo renegar.  
 Com um rei mouro me casam  
 De além das bandas do mar,  
 Dos sete reis de Moirama  
 Rainha me hão-de coroar.»  
 – «Esse recado, senhora,  
 Vós mesma lho haveis de dar;<sup>192</sup>  
 Dom Gaiifeiros aqui o tendes  
 Que vos vem a libertar.»

Palavras não eram ditas,<sup>193</sup>

---

<sup>190</sup> – «Se cristão sois, cavaleiro,  
 Recado me haveis de levar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>191</sup> Esta é a memorável copla citada por Cervantes no *Dom Quixote* e que daí obteve sua  
 celebridade europeia.

<sup>192</sup> Eu mesmo lho hei-de dar;  
 Pois Dom Gaiifeiros sou eu  
 Que vos venho a buscar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>193</sup> A fala não era dita,  
 Puseram-se a caminhar;  
 Tirou-a pelo balcão

Os braços lhe foi a dar,  
 Ela do balcão abaixo  
 Se deitou sem mais falar.  
 Maldito perro de moiro  
 Que ali andava a rondar!  
 Em altos gritos o moiro  
 Começava a bradar:  
 – «Acudam à Melisendra,  
 Que a vêm os cristãos roubar.»<sup>194</sup>  
 «Melisendra minha esposa,  
 Como havemos de escapar?  
 – «Com Deus e a Virgem Maria  
 Que hão-de acompanhar.»  
 – «Melisendra, Melisendra,  
 Agora é o esforçar!»  
 Aperta a cilha ao cavalo,  
 Afrouxa-lhe o peitoral,  
 Saltou-lhe em cima de um pulo  
 Sem pé no estribo poisar.  
 Tomou-a pela cintura,  
 Que o corpo ergueu por lhe dar;  
 Assenta a esposa à garupa  
 Para que o possa abraçar,<sup>195</sup>  
 Finca esporas ao cavalo,  
 Que o sangue lhe fez saltar.  
 Aqui vai, acolá voa...  
 Ninguém no pode alcançar.  
 Os moiros pela cidade  
 A correr e a gritar;  
 Quantas portas ela tinha  
 Todas as foram cerrar.  
 Sete vezes deu a volta  
 Da cerca sem a passar,  
 O cavalo às oito vezes  
 De um salto a foi saltar.  
 Já os moiros da cidade  
 O não podem avistar:  
 Acode o rei Almançor  
 Que vinha de montar,  
 Com todos seus cavaleiros  
 Lá deitam a desfilar,  
 Sentiu logo Dom Gaifeiros  
 Como o iam alcançar:  
 – «Não te assustes, Melisendra,  
 Que é força aqui apear  
 Entre estas árvores verdes  
 Um pouco me hás-de aguardar.

---

Por não haver mais lugar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>194</sup> Que se vai para além-mar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>195</sup> Ela o foi abraçar. – Ms. de Oliveira.

Enquanto eu volto a esses cães <sup>196</sup>  
 Que os hei-de afugentar.  
 As boas armas que trago  
 Agora as vou a provar.»  
 Apeou-se Melisendra,  
 Ali ficava a rezar.  
 O cavalo, sem mais rédea,  
 Aos moiros se foi voltar:  
 Cansado ia de fugir  
 Que já mal podia andar,  
 Cheirou-lhe ao sangue maldito,  
 Todo é fogo de abrasar  
 Se bem peleja Gaifeiros,  
 Melhor é seu pelejar;  
 A qual dos dois anda a lida  
 Mais moiros há-de matar  
 Já caem tantos e tantos  
 Que não têm conto nem par;  
 Com o sangue que corria  
 O campo se ia a alagar.  
 Rei Almançor que isto via,  
 Começava de bradar  
 Por Alá e Mafamede  
 Que o viessem amparar:  
 «Renego de ti, cristão,  
 E mais do teu pelejar!  
 Não há outro cavaleiro  
 Que se te possa igualar,  
 Será este Urgel de Nantes,  
 Oliveiros singular,  
 Ou o infante Dom Guarim  
 Esse almirante e do mar?  
 Não há nenhum dentre os Donze  
 Que bastasse para tal...  
 Só se fosse Dom Roldão  
 O encantado sem par!» <sup>197</sup>

Dom Gaifeiros que o ouvia,  
 Tal resposta lhe foi dar:  
 – «Cala-te daí, rei moiro,  
 Cala-te, não digas tal,  
 Muito cavaleiro em França  
 Tanto como esses val.  
 Eu nenhum deles não sou,  
 E me quero nomear:  
 Sou o infante Dom Gaifeiros,  
 Roldão meu tio carnal,  
 Alcaide-mor de Paris

<sup>196</sup> A esses perros. – *Trás-os-Montes*.

<sup>197</sup> Sem igual. – Ms. de Oliveira.

Minha terra natural.»

Não quis o rei mais ouvir  
 E não quis mais porfiar,  
 Voltou rédeas ao cavalo,  
 Foi-se em Sansonha encerrar.  
 Gaifeiros, senhor do campo,  
 Não tem com quem pelejar;  
 Cheio de grande alegria  
 Melisendra foi buscar.  
 – «Ai! se vens ferido, esposo?  
 Eram tantos esses moiros,  
 E tu só a batalhar.  
 Mangas de minha camisa,  
 Com elas te hei-de pensar;  
 Toucas de minha cabeça  
 Faixas para te apertar.»<sup>198</sup>  
 – «Cala-te daí, infanta,  
 E não queiras dizer tal;  
 Por mais que foram n'os moiros,  
 Não me haviam fazer mal:  
 São de meu tio Roldão  
 Estas armas de provar;  
 Cavaleiro que as trouxesse,  
 Nunca pode perigar.»

Cavalgam, vão caminhando,  
 Não cessam de caminhar,  
 Por essa Moirama fora  
 Sem mais temor nem pesar;  
 Falando de seus amores  
 Sem de mais nada pensar.<sup>199</sup>  
 Em terras de cristandade  
 Por fim vieram a entrar.  
 A Paris já são chegados,  
 Já saem para os encontrar,<sup>200</sup>  
 Sete léguas da cidade  
 A corte os vai esperar.  
 Saía o Imperador  
 A sua filha a abraçar;  
 Palavras que lhe dizia,  
 As pedras fazem chorar.  
 Saíu toda a fidalguia,  
 Cleresia e secular,  
 Os Doze Pares de França,  
 Damas sem conto nem par.  
 Dona Alda com Dom Roldão

---

<sup>198</sup> Serão para te apertar. – Ms. de Oliveira.

<sup>199</sup> Sem de outro al não pensar. – Ms. de Oliveira.

<sup>200</sup> A Paris a natural. – Ms. de Oliveira.

E o almirante do mar,  
O arcebispo Turpim  
E Dom Julião de além-mar,  
E o bom velho Dom Beltrão,  
E quantos soem de estar  
Ao redor do Imperador <sup>201</sup>  
Em sua mesa a jantar.

Grande honra a Dom Gaifeiros!  
Os parabéns lhe vão dar;  
Por sua muita bondade <sup>202</sup>  
Todos o estão a louvar,  
Pois libertou sua esposa  
Com valor tão singular.  
As festas que se fizeram  
Não têm conto nem par.

---

<sup>201</sup> É sempre a ideia fixa da Mesa redonda, do círculo formado pelos pares, em torno do imperante.

<sup>202</sup> *Bondade* é valor, e *Bom* valente, em estilo do tempo.

## XVI

## JUSTIÇA DE DEUS

A lição que principalmente aqui segui é a da Beira Alta, por ser nela muito mais completo o romance. A de Trás-os-Montes chama-lhe *O Conde preso*.

Poucas coisas mais bonitas tem o romancelheiro popular da nossa península. Onde nasceu não sei; mas as colecções castelhanas não o trazem. A questão, porém, de se uma composição destas foi feita nesse ou naquele reino de Espanha, além de ser mui difícil de resolver, é de bem pouca importância. O que é verdadeiramente antigo e popular, o que foi obra do trovador ou do menestrel, nasceu talvez em Catalunha. ou em Valença, talvez em Portugal ou em França, ou em Leão ou em Castela: quem sabe? Viajou e peregrinou com a harpa ou com a viola do cantor que o compôs ou que somente o aprendeu de cor: espalhou-se por essas terras de diferentes dialectos que mais ou menos tiveram de o traduzir para o conservar na tradição de seus povos. E hoje, há muitos séculos a esta parte, quem pode dizer onde foi composto o romance que nesta ou naquela província se encontra?

É daquela onde foi achado.

Já se vê que não aplico esta teoria ao que traz visível e marcando o selo de sua nacionalidade, como são os romances propriamente mouriscos ou granadinos, os que à imitação destes se fizeram em tamanha cópia nos séculos XVI e XVII, nem tão pouco aos históricos estritamente ditos.

Advertirei também, ao leitor pouco versado em nossas coisas, que lhe não faça peso, para julgar este romance castelhano por força, o ver que nele se trata de San Tiago e de suas romarias e romeiros. Depois de Galiza, nenhum reino de Espanha teve jamais tanto que fazer com o apóstolo de Compostela, como o nosso Portugal, especialmente nas duas províncias do extremo Norte. Ainda lá vamos de romaria, e o temos por nosso em tudo... menos se formos a brigar, porque então vem «San Jorge e avante», San Jorge e o seu dragão, que são dois terríveis mata-castelhanos, apesar de todos os pesares, e das heterodoxas doutrinas de desequilíbrio europeu com que nos têm obsequiado ultimamente.

## JUSTIÇA DE DEUS

Preso vai o conde, preso,  
 Preso vai a bom recado;  
 Não vai preso por ladrão,  
 Nem por homem ter matado,<sup>203</sup>  
 Mas por violar a donzela  
 Que vinha de San Tiago:  
 Não bastou dormir com ela,  
 Senão dá-la ao seu criado!  
 Acometeu-a na serra,  
 Mui longe do povoado:<sup>204</sup>  
 Por morta ali a deixara  
 Sem mais dó, sem mais cuidado  
 Chorou três dias, três noites,  
 E mais teria chorado,  
 Senão que Deus sempre acode  
 A amparar o desgraçado.  
 Passou por alo um velho,  
 Um pobre velho soldado,  
 Suas barbas brancas de neve,  
 Em sua espada abordado;<sup>205</sup>  
 Vieiras traz na esclavina,  
 O chapéu delas cercado;  
 Chegou-se à pobre romeira  
 Com muito amor, muito agrado:  
 – «Não chores mais, filha minha,<sup>206</sup>  
 Filha, demais tens chorado;  
 Que esse vilão cavaleiro<sup>207</sup>  
 Preso vai a bom recado.»  
 Levou consigo a donzela  
 O bom velho do soldado;  
 Vão à presença d el-rei,  
 Onde o conde era levado:  
 – «Eu te requeiro, bom rei,  
 Pelo Apóstolo sagrado,  
 Que nesta sua romeira  
 O foro seja guardado.  
 Da lei divina é casar-se,  
 Da humana ser degolado:  
 Que não valem fidalguias<sup>208</sup>  
 Onde Deus é o agravado.»

---

<sup>203</sup> Nem por home haver matado. – *Trás-os-Montes*.

<sup>204</sup> Em lugar despovoado. – *Beira Alta*.

<sup>205</sup> Ao seu bordão encostado. – *Beira Alta*.

<sup>206</sup> Donzela não chores mais. – *Beira Alta*

<sup>207</sup> Que preso vai esse conde. – *Beira Alta*

<sup>208</sup> Não há foro ou privilégio. – *Beira Alta*



Disse el-rei aos do conselho  
 Com semblante carregado:  
 – «Sem mais detença, este feito  
 Quero já desembargado.»  
 – «Visto está o feito, visto,  
 Julgado está, bem julgado:  
 Ou há-de casar com ela,  
 Ou se não... ser degolado.»  
 – «Pois que me praz» disse o rei:  
 O algoz que seja chamado:  
 Ou já casar, co a romeira  
 Ou aqui ser degolado.»

– «Venham algoz e cutelo.  
 Respondeu o acusado:  
 Mas antes morrer mil vezes <sup>209</sup>  
 Que viver envergonhado»

Agora ouvireis o velho,  
 O bom velho do soldado:  
 – «Fazeis, bom rei, má justiça,  
 Mau feito tendes julgado:  
 Primeiro casar com ela,  
 E depois ser degolado.  
 Lava-se a honra com sangue,  
 Mas não se lava o pecado»

Palavras não eram ditas,  
 A espada tinha arrojado,  
 Despe insígnias de romeiro, <sup>210</sup>  
 Despe as armas de soldado,  
 Nos trajos de um santo bispo  
 Aparece transformado;  
 Sua mitra de pedras finas,  
 De oiro puro o seu cajado:  
 Tomou a mão da romeira,  
 A mão do conde há tomado,  
 Por palavras de presente  
 Ali os tem desposado.  
 Choravam todos que o viam,  
 Chorava mais o culpado;  
 Chorando, pedia a morte  
 Por não ficar desonrado. <sup>211</sup>  
 O santo bispo o absolvía  
 Contrito de seu pecado:  
 Dali o levam por morto,

---

<sup>209</sup> Antes morrerrei mil vezes. – *Trás-os-Montes*.

<sup>210</sup> Tira o gaivão do romeiro. – *Beira Alta*

<sup>211</sup> Antes que ser desonrado. – *Trás-os-Montes*.

Que nem o algoz foi chamado,  
Justiça de Deus foi nele,  
Antes de uma hora é finado!  
Mas acudiu àquela alma  
O Apóstolo sagrado,  
Que outro não era o romeiro,  
O bispo nem o soldado.<sup>10</sup>

---

<sup>A</sup> lição de Trás-os-Montes suprime a intervenção de San Tiago, e também o casamento do conde que ali vai simplesmente a degolar, declarando a sua última vontade nestas coplas:

«Não me enterrem na igreja,  
Nem tão-pouco em sagrado  
Naquele Prado me enterrem  
Onde se faz o mercado,  
Cabeça me deixem fora,  
O meu cabelo entrançado,  
De cabeceira me ponham  
A sela do meu cavalo.  
Que digam os estrangeiros:  
Triste de ti, desgraçado!  
Morreste de mal de amores,  
Que é um mal desesperado.» – *Trás-os-Montes*.

## NOTAS

## Nota A

*Infante no feminino é um latinismo dos séculos XV e XVI...*

Não é desta opinião um amigo meu cujo Voto literário tem muito peso. Diz ele que as terminações *afie*, *ente* e *mie* sempre foram invariáveis para ambos os géneros; que sempre se disse amante, enchente, pedinte; que *infanta* portanto é uma excepção da regra geral, excepção só usada por alguns.

## Nota B

*Fora o primeiro em que se fizeram versos...*

Esta é a opinião de Sarmiento: Sanchez, nas nota à citada *Carta do Marques de Santillana*, a combate.

## Nota C

Malato se tornaria...

O que, a este respeito, fica apontado na nota marginal é a opinião do Sr. Alexandre Herculano. Santa Rosa no *Elucidário* lhe atribui quase a mesma significação. No sentido porém de gafo, doente, etc., a usa Berceo muitas vezes no *Poema de Alexandre*. Na nova edição do *Romanceiro* de Duran<sup>212</sup> há uma variante deste romance, que ele atribui a Rodrigo de Reinosa, porque assim se diz em um folheto solto donde a transcreve, cuja linguagem parece mais velha, porém que é decerto menos singela que as outras, e sabe mais ao enrevezado das copias dos provençais. Nesta indisputavelmente se põe *malato* por gafo, leproso, infecto de mal contagioso.

Eis aqui o lugar paralelo:

Está quedo caballero,  
Non fagas tal villania,  
Figa soy de um malato  
Que tiene la malatia,  
Y quien a mi llegare  
Luego se le pegaria.

É notável que nesta variante se acha o romance da *Enfeitiçada* confundido com o do *Caçador*, do mesmo modo que o eu encontrei confundido na tradição oral de algumas de nossas províncias.

## Nota D

Além de não andar nas colecções da nação vizinha...

No *Romancero* de Duran, nova edição<sup>213</sup>, há um fragmento com o titulo *El*

<sup>212</sup> Madrid, 1849-51, tomo I, n° 285, pág. 152.

<sup>213</sup> Madrid, 1849-51, tomo I, n° 202, pág. 158.

*Palmero*. tirado da colecção de Sepúlveda, em que aparecem alguns iguais aos do *Berna!* Duran o julga semialgórico, e daqueles que na nossa península já começavam a imitar os provençais no século XV. Não sou desta Opinião.

#### Nota E

A xácara é toda dramática...

Esta qualificação é exclusivamente portuguesa: os nossos parentes castelhanos entendem por *jacara* um romance truanesco em estilo pícaro e mais próximo do que nós chamamos ou chamávamos *chacota*.

#### Nota F

*Loa* virá do latim *laus*?...

Os castelhanos dizem hoje *loor* e *bar* por *laus* e *laudare*. No *Cancioneiro do Colégio dos Nobres* fol. 58 v. acha-se *loado* por *louvado*. A diversidade que hoje se encontra, nestas derivações, entre o português e castelhano, é comparativamente moderna.

## PARTE II

### ADVERTÊNCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Por não fazer demasiado volume, dividiu-se o segundo livro desta colecção em duas partes, cada uma das quais forma um tomo separado.

O tomo quarto está destinado a conter o terceiro livro, que é o das *Lendas e Profecias*. Se porém aparecerem no intervalo alguns romances ainda não descobertos que pertençam à classe do segundo livro, acrescentar-se-á uma terceira parte; e com ela começará, nesse caso, o seguinte quarto volume.

Lisboa, 9 de Agosto, de 1851.

## XVII

## A ROMEIRA

Aqui vai outra romeira, e não sei se de Santiago também; mas creio que não, porque o diria algures o texto do romance: não era orago que deixasse de se nomear.

É lindo, singelo, perfeito exemplar no seu género. Não me consta que ande por mais terras nossas do que pelas do Minha e Trás-os-Montes. Só pelas duas versões destas províncias o tive de apurar; e sem muito custo, porque é simples de si, e pouco o alteraram na tradição. Tem todo o sabor e ingenuidade antiga, conserva perfeitamente os costumes crus da idade bárbara a que se refere. Também não ocorre nos romanceiros dos nossos vizinhos, e estou seguro que é esta a primeira vez que se vê escrito e impresso. As variantes que valem alguma coisa vão notadas à margem, e não são muitas.

## A ROMEIRA

Por aqueles montes verdes  
 Uma romeira descia;  
 Tão honesta e formosinha  
 Não vai outra à romaria.  
 Sua saia leva baixa  
 Que nem ervas lhe prendia;  
 Seu chapelinho caído  
 Que lindos olhos cobria!  
 Cavaleiro vai atrás dela,  
 De má tenção que a seguia!<sup>214</sup>  
 Não a alcança por mais que ande,  
 Alcançá-la não podia  
 Senão junto a essa oliveira<sup>215</sup>  
 Que está no adro da ermida.  
 À sombra da árvore benta  
 A romeira se acolhia:  
 – «Eu te rogo, cavaleiro,  
 Por Deus e a Virgem Maria,  
 Que me deixes ir honrada  
 Para a santa romaria.»  
 Cavaleiro, de malvado,  
 Nem Deus nem razão ouvia;  
 Cego no desejo bruto,  
 De amores a acometia.  
 Pegaram de braço a braço:  
 Luta de grande porfia!<sup>216</sup>  
 A romeira, por mais fraca,  
 Enfim rendida caía...<sup>217</sup>  
 No cair, lhe viu à cinta  
 Um punhal que ele trazia;  
 Com toda a força lho arranca,  
 No coração lho metia.  
 O sangue negro saltava,  
 O negro sangue corria...  
 – «Por Deus te peço romeira,<sup>218</sup>  
 Por Deus e a Virgem Maria,  
 Que o não digas em tua terra,  
 Nem te vás gabar à minha  
 Da vingança que tomaste,  
 Da afronta que te eu fazia.»  
 – «Hei-de dizê-lo em tu terra,

---

<sup>214</sup> Alcançá-la não podia. – *Trás-os-Montes*.

<sup>215</sup> Alcançou-a descansando.

Debaixo da verde oliva. – *Trás-os-Montes*.

<sup>216</sup> Qual debaixo, qual de cima. – *Trás-os-Montes*

<sup>217</sup> Logo debaixo caía. – *Trás-os-Montes*.

<sup>218</sup> Eu te peço, romeirinha. – *Trás-os-Montes*.

Hei-de-me ir gabar à minha.  
Que matei um vil covarde  
Co as armas que ele trazia.»  
Tocou a campa da ermida,  
A campa que retinia:  
– «Ermitão, por Deus vos peço<sup>219</sup>  
Bom ermitão desta ermida,  
Tenhais dó dessa má alma:  
Que ainda agora se partia:  
Daí terra benta ao seu corpo,  
Que Deus lhe perdoaria.»

---

<sup>219</sup> Eu te peço ermitão  
Por Deus e Santa Maria  
Que enterres esse traidor  
Lá na tua santa ermida. – *Trás-os-Montes*.



## XVIII

## CONDE NILO

Só se encontrou este belo romancinho do *Conde Nilo* na província de Trás-os-Montes e nas ilhas dos Açores. Nas colecções castelhanas é omissa. Não sei porquê, mas sinto que tem o ar francês ou provençal. Ou talvez normando? Da nossa Espanha é que ele me não parece oriundo. Tudo isto porém é sentir; julgar não, que não tenho por onde.

Nilo não é nome português, nem sei que fosse castelhano, leonês ou de Aragão. De donde será? Ou é corrupção, como tantas, de outro nome? Mas de que nome? Séries e séries de dúvidas e perguntas às quais confesso a minha completa incapacidade de responder.

Seja como for, o romance é bonito, elegante e gracioso, tem todo o cunho antigo verdadeiro, e não parece dos que mais padeceram na sua transmissão até nós.

## CONDE NILO

Conde Nilo, conde Nilo  
 Seu cavalo vai banhar;  
 Enquanto o cavalo bebe,  
 Armou um lindo cantar.  
 Com o escuro que fazia  
 El-rei não o pode avistar.  
 Mal sabe a pobre da infanta  
 Se há-de rir, se há-de chorar.  
 – «Cala, minha filha, escuta,  
 Ouvirás um bel cantar:  
 Ou são os anjos no Céu,<sup>220</sup>  
 Ou a sereia no mar.»  
 – «Não são os anjos no Céu,  
 Nem a sereia no mar:  
 É o conde Nilo, meu pai,  
 Que comigo quer casar.»  
 – «Quem Fala no conde Nilo,  
 Que se atreve a nomear  
 Esse vassalo rebelde  
 Que eu mandei desterrar?»  
 – «Senhor, a culpa é só minha,<sup>221</sup>  
 A mim deveis castigar:  
 Não posso viver sem ele..  
 Fui eu que o mandei chamar.»  
 – «Cala-te, filha traidora,  
 Não te queiras desonrar.  
 Antes que o dia amanheça<sup>222</sup>  
 Vê-lo-ás ir a degolar.»  
 – «Algoz que o matar a ele,  
 A mim me tem de matar;  
 Adonde a cova lhe abrirem,  
 A mim me têm de enterrar.»

Por quem dobra aquela campa,  
 Por quem está a dobrar?  
 – «Morto é o conde Nilo,  
 A infanta já a expirar.<sup>223</sup>  
 Abertas estão as covas,  
 Agora os vão enterrar:  
 Ele no adro da igreja,<sup>224</sup>

---

<sup>220</sup> Mais outro exemplo do que era frequente nos antigos cantares repetirem, de uns para outros, certos dizeres que caíam em graça.

<sup>221</sup> Senhor pai, eu tenho a culpa – *Açores*.

<sup>222</sup> Antes que não rompa o dia – *Açores*.

<sup>223</sup> A infanta vai a expirar – *Açores*.

<sup>224</sup> Veja o que, a este respeito e sobre a repetição desta linda imagem, deixo escrito na *Rosalinda*, no X vol.

A infanta ao pé do altar.»  
De um nascera um cipreste,  
E do outro um laranjal;  
Um crescia, outro crescia,  
Coas pontas se iam beijar.  
El-rei, apenas tal soube,  
Logo os mandara cortar.  
Um deitava sangue vivo,<sup>225</sup>  
O outro sangue real;  
De um nascera uma pomba,  
De outro um pombo torcaz.  
Senta-se el-rei a comer,<sup>226</sup>  
Na mesa lhe iam poisar:  
– «Mal haja tanto querer,  
E mal haja tanto amar!  
Nem na vida nem na morte  
Nunca os pude separar.»

---

<sup>225</sup> Um, nobre sangue deitava – *Trás-os-Montes*.

<sup>226</sup> Sentava-se el-rei à mesa.  
No ombro lhe iam poisar – *Açores*.

## XIX

## ALBANINHA

Esta pequena xácara, curta, simples e que mais parece aludir a uma anedota sabida, do que recontá-la, não a encontrei senão na província de Trás-os-Montes. Três diferentes, mas pouco diferentes, versões dali me vieram: e, aproveitando de todas, se restituiu o texto como aqui vai. Tem não sei que ressaibo à sarcástica *sirvente* do trovador. É mordaz, epigramática; e até se permite fazer o seu *calembur*, quando a donzela requestada responde ao sedutor:

«Pouco depois são três horas,  
Mas vem depois o contar».

Onde a graça do equívoco está em que o verbo *contar* tanto significa fazer *contas* como *referir o que se passou*.

Não há variantes que mereçam a pena de se conservar, nem lição castelhana que se ache nos romanceiros.

## ALBANINHA

– «Albaninha, Albaninha,  
A filha do conde Alvar!  
Oh! Quem te vira Albaninha  
Três horas a meu mandar!»  
– «Pouco tempo são três horas,  
mas vem depois o contar.»  
– «Usança de maus vilões  
Nunca a eu soubera usar.  
Com esta espada me cortem,  
Com outra de mais cortar,  
Donzela que em mim se fie  
Se eu disse me for gabar.»

Inda bem manhã não era  
Já na praça a passear;  
Aos três irmãos de Albaninha  
Se foi de braço travar:  
– «Esta noite, cavaleiros,  
sabereis que fui caçar;  
Em minha vida não tive  
Noite de tanto folgar.  
Era uma lebre tão fina  
Que nunca vi tal saltar:  
Com três horas de corrida  
Não a cheguei a casar!»  
Disseram uns para os outros:  
– «Bom modo de se gabar!  
Será de nossas mulheres?  
Das irmãs nos quer falar?»  
Responde agora o mais moço  
Discreto no seu pensar:  
– «Não vedes que é de Albaninha,  
Que o traidor quer difamar?»

Foram os três para um canto,  
Puseram-se a aconselhar;  
Diziam os dois mais velhos:  
– «Vamo-la nós a matar?»  
E o mais moço respondia:  
– «Vamo-la nós casar?»  
– «Sim! e o dote que ela tem.  
Nós o temos de pagar.»

Vão ao quarto de Albaninha,  
De voda a foram achar;  
Duas aias a vestiam,  
Duas a estão a tocar.

– «Albaninha, Albaninha,  
A filha do conde Alvar!  
As barbas de teu pai conde  
Que bem lhas soubeste honrar!»  
– «As barbas de meu pai conde  
Tratai vós de as honrar,  
Pagando-me já meu dote,  
Que agora me vou casar.»

## XX

## A PEREGRINA

Não é dos que mais se cantam, nem tem a popularidade de outros muitos, o romance da *Peregrina*, que alguns também chamam *Princesa*. A lição que principalmente segui veio-me do Porto, e é a mais completa. Das outras províncias só obtive fragmentos muito interpolados. Contudo aproveitei bastante deles para restituir o texto e dar nexos e clareza à narrativa. O que se não utilizou para este fim vai nas variantes.

O final, sublime e poética ideia que tanta predilecção mereceu aos antigos menestrelis, é o mesmo de outros romances. Já notei <sup>227</sup> que franceses e ingleses o usaram em suas composições. Entre nós aparece repetido muitas vezes. Fez-se um «lugar-comum» romântico assim como tantas coisas belas dos poetas gregos e latinos se fizeram, por sua popularidade, lugares-comuns clássicos. Que Homero ou que Virgílio da Meia-Idade foi o original inventor deste? Não é possível sabê-lo. E sabemos nós se iguais belezas da *Ilíada* ou da *Eneida* são ou não repetições, reminiscências de outros poetas mais antigos cujas obras ou cujos nomes não chegaram até nós?

A *Peregrina* tem todos os caracteres de antiga e original. É bela e simples e verdadeira. Nos romanceiros castelhanos não vem; nem se encontra nada parecido com a singela história que ingenuamente narra. Mas destas histórias houve tantas naqueles ditos tempos da andante cavalaria! Mal haja o daninho talento de Cervantes que as fez acabar num *Dom Quixote* e na sua Dulcineia!

---

<sup>227</sup> *Romanceiro*, I. pág. 181, ed. de 1843.

## A PEREGRINA

Peregrina, a peregrina <sup>228</sup>  
 Andava a peregrinar  
 Em cata de um cavaleiro  
 Que lhe fugiu, mal pesar!  
 A um castelo torreado  
 Pela tarde foi parar:  
 Sinais certos, que trazia  
 Do castelo, foi achar.  
 – «Mora aqui o cavaleiro? <sup>229</sup>  
 Aqui deve de morar.»  
 Respondera-lhe uma dona  
 Discreta no seu falar:  
 – «O cavaleiro está fora,  
 Mas não deve de tardar.  
 Se tem pressa a peregrina,  
 Já lho mandarei chamar.»

Palavras não eram ditas,  
 O cavaleiro a chegar:  
 – «Que fazeis por'qui, senhora, <sup>230</sup>  
 Quem vos trouxe a este lugar?»  
 – «O amor de um cavaleiro  
 Por aqui me faz andar.  
 Prometeu de voltar cedo,  
 Nunca mais o vi tornar,  
 Deixei meu pai, minha casa, <sup>231</sup>  
 Corri por terra e por mar  
 Em busca do cavaleiro,  
 Sem nunca o poder achar.»  
 – «Negro fadairo, senhora,  
 Que tarde vos fez chegar!  
 Eu de vosso pai fugia  
 Que me queria matar;  
 Corri terras, passei mares,  
 A este castelo vim dar.  
 Antes que fosse ano e dia  
 (Vós me fizeste jurar)  
 Com outra dama ou donzela

---

<sup>228</sup> Anda atrás de cavaleiro  
 A princesa a bom andar. – *Minho*.

Esta lição do Minho dá por título ao romance *A Princesa*.

<sup>229</sup> Está em casa o cavaleiro  
 Que aqui deve de morar? – *Trás-os-Montes*.

<sup>230</sup> Que fazeis por'qui, princesa.  
 Que andais a procurar? – *Minho*.

<sup>231</sup> Deixei meu pai, minha gente. – *Trás-os-Montes*.



Não me havia desposar.  
 Ano e dia eram passados  
 Sem de vós ouvir falar,  
 Co'a dona desse castelo  
 Eu ontem me fui casar...»  
 Palavras não eram ditas,  
 A peregrina a expirar.  
 – «Ai penas de minha vida  
 Ai vida do meu penar!  
 Que farei desta lindeza  
 Que em meus braços vem finar?»

Do alto de sua torre  
 A dama estava a raivar:  
 – «Levai-a daí, cavaleiro,<sup>232</sup>  
 E que a deitem ao mar.»  
 – «Tal não farei eu, senhora,  
 Que ela é de sangue real...  
 E amou com tanto extremo  
 A quem lhe foi desleal.  
 Oh! quem não sabe ser firme,  
 Melhor fora não amar.»  
 Palavras não eram ditas  
 O cavaleiro a expirar.  
 Manda a dona do castelo<sup>233</sup>  
 Que os vão logo a enterrar  
 Em duas covas bem fundas  
 Ali junto à beira-mar.  
 Na campa do cavaleiro  
 Nasce um triste pinheiral;<sup>234</sup>  
 E na campa da princesa  
 Um saudoso canavial.  
 Manda a dona do castelo  
 Todas as canas cortar;  
 Mas as canas das raízes  
 Tornavam a rebentar  
 E à noite a castelhana<sup>235</sup>

---

<sup>232</sup> Leva-a dai cavaleiro,  
 E vai lançá-la no mar. – *Minho*.

<sup>233</sup> De raivosa, a castelhana  
 Os mandou logo cortar. – *Minho*.

<sup>234</sup> Nasceu um triste pinhal. – *Estremadura*.

Noto esta variante para marcar o uso indistinto das palavras *pinhal* e *pinheiral* que a língua consente.

<sup>235</sup> E, por noite, a castelhana. – *Trás-os-Montes*.

E alta noite, a castelhana. – *Minho*.

E, de noite, a castelhana. – *Trás-os-Montes*.

A lição que segui no texto é a que veio do Porto, que Minho é; mas não a acho melhor do que qualquer das Outras. Segui-a porque, no todo do romance, é a mais completa.

As ouvia suspirar.

## XXI

## DOM JOÃO

O assunto deste romance é um casamento à hora da morte, uma daquelas tardias mas solenes reparações que a religião, a honra, o amor tantas vezes têm arrancado à consciência do moribundo.

Os preconceitos de nascimento lutam, poderosos ainda nesse momento extremo, com os deveres da religião, com os sentimentos da alma, com os mesmos ditames da verdadeira honra. Ouro é a primeira coisa que o fidalgo expirante se lembra de deixar à infeliz donzela, – *infelix virgo!* – em compensação da sua honra perdida. *Mil cruzados* lhe deixa: falta aí vilão que a queira, burguês que a requeira e cubra de seu nome vulgar a doirada fragilidade de uma menina também dotada por seu senhor e sedutor?

«Mil cruzados não é nada»: lhe objectam. – Pois darei mais duzentos: regateia a soberba agonizante. – A honra não se paga aos cruzados. – «Pois, terras, vilas, senhorios e castelos a quem casar com ela. Há tanto escudeiro e cavaleiro pobre! Casar com a manceba de seu senhor, e senhor tão generoso, quem há-de recusá-lo? E para o que duvidasse..., argumento de rei velho e de republicano novo: Tenha a cabeça cortada!»

Forte é o orgulho que assim luta, quando já na beira do sepulcro. Tenaz o preconceito que ainda agora fez mentir vilmente o cavaleiro pundonoroso, quando, numa derradeira esperança de vida, falsamente prometia à enganada donzela «as bênçãos de um arcebispo e a estola da santa igreja». Vivesse ele, e tais promessas se cumpririam tanto como as primeiras que a seduziram. Porém mais forte é a piedade, a honra verdadeira de quem, até ao último, combate esse vão orgulho, esse falso pundonor. Era sua mãe; não a mãe da desgraçada, que o não ousaria se viva era – que por ventura foi morrer de vergonha a um canto. – Não, mas sua própria mãe dele, do moribundo. Verdadeira mulher de alma e de coração, tudo o mais lhe esquece e despreza, e não vê na infeliz, que ali está debulhada em lágrimas junto ao leito da agonia, senão uma mulher, uma mulher que é vítima de seu amor, que tudo quanto era deu a quem tudo lhe quer pagar com tão pouco.

A mulher triunfou. As últimas palavras do vencido são belas:

– «Pois fique esta mão já fria  
Na sua mão adorada.  
De Dom João é viúva,  
Condessa será chamada.»

Estes grandes quadros desenhados em poucos traços, vivos só de verdade e natureza, são – não me canso de o fazer notar – os que dão à poesia do romance este vigor que se não acha noutras, este carácter que a distingue em todas as nações, em todas as línguas-

Mais adiantada civilização trará poetas que *iluminem*, que repintem a cores estes simples desenhos a lápis do menestrel. Mas criar não hão-de eles nunca, se não fecharem os livros escritos, para abrirem o do coração, para estudar por ele o homem, a natureza que o cria, e o Deus que o fez.

O presente romance veio-me do Minho; variantes notáveis não me apareceram; nas colecções castelhanas não está; e não o creio – isto é, não o pressinto mais antigo do que o século XV ou princípios do XVI.

## DOM JOÃO

Lá das bandas de Castela  
 Triste nova era chegada:  
 Dom João que vem doente,  
 Mal pesar de sua amada!  
 São chamados três doutores  
 Dos que têm mais nomeada:  
 Que, se algum lhe desse vida  
 Teria paga avultada.  
 Chegaram os dois mais novos,  
 Dizem que não era nada;  
 Por fim que chega o mais velho,  
 Diz com voz desenganada:  
 – «Tendes três horas de vida,  
 E uma está meia passada;  
 Essa é para o testamento:  
 Deixar a alma encomendada!  
 A outra é para os sacramentos,  
 Que inda é mais bem empregada;  
 Na terceira as despedidas  
 Da vossa dama adorada.»

Estando nestas conversas,  
 Dona Isabel que é chegada.  
 Ergueu os olhos para ela  
 Com a vista já turvada:  
 – «Ainda bem que vieste,  
 Minha prenda desejada,  
 Que tanto queria ver-te  
 Nesta hora minguada!»  
 – «Tenho fé na Virgem santa,  
 Nela venho confiada,  
 Que me há-de ouvir e salvar-te,  
 Que o teu mal não será nada.»

– «Oh! que se eu chegar a erguer-me  
 Minha rosa namorada.  
 No vaso deste meu peito  
 P'ra sempre serás plantada,  
 Co'as bênçãos de um arcebispo  
 E de água benta regada,  
 Co'a estola da santa igreja  
 Ao meu coração atada.»

Estando nestas conversas,  
 Sua mãe que era chegada:  
 – «Que tens tu, filho querido  
 Desta alma amargurada?»

– «Tenho, mãe, que estou morrendo  
Que esta vida está acabada;  
Com só três horas por minhas,  
E uma já meio passada.»  
– «Filho de minhas entranhas,  
Nesta hora minguada  
Lembra-te se algo deves  
A alguma dama honrada.»  
– «Minha mãe, que devo, devo...  
E Deus me não peça nada!  
Dona Isabel que em má hora  
Por mim fica difamada.  
Mas deixo-lhe mil cruzados  
Para que seja casada.»  
– «A honra não se paga, filho;  
Mil cruzados não é nada.»  
– «Já lhe deixo mais duzentos  
E a cruz da minha espada.»  
– «A honra não se paga, filho;  
Os cruzados não são nada.»  
– «Deixo-a a estes três doutores  
Muito bem encomendada;  
E a vós, minha mãe, vos peço  
Que a tenhais bem guardada.  
O que com ela casar  
Tem uma vila ganhada;  
O que lhe disser que não  
Tenha a cabeça cortada.»  
– «A honra não se paga, filho;  
Nem com terras é comprada:  
Se a essa dama lhe queres,  
Não a deixes desonrada.»  
– «Pois fique esta mão já fria  
Na sua mão adorada:  
De Dom João é viúva  
Condessa será chamada.»

## XXII

## HELENA

Se a Dona Isabel da xácara antecedente achou na mãe do seu amante todas as divinas compaixões de um coração feminino, Helena, a boa Helena deste romance, não encontrou na mãe do seu marido senão a proverbial *sogra* de todos os rifões e ditados de todos os povos. Enredadora, invejosa, má-língua, sogra enfim, sogra estreme, e puro sangue – como em estilo cigano do Jockey-club, manda a moda anglo-gala que hoje se diga – a sogra excita com ditérios e mentiras a bruteza estúpida de seu filho: faz com que ele vá arrancar da cama, e trazer de noite para sua detestável casa, a infeliz mulher que, sentindo-se com dores de parto, tinha ido para a de sua mãe buscar o aninho e conforto que junto da odiosa sogra não podia achar. Cego de cólera e respeito, o bruto a nada atende. É a morte que lhe dá, bem o sabe, mas pouco lhe importa. A resignação angélica da vítima, as suas despedidas ao filhinho recém-nascido, as deixas de seu testamento quando se sente finar nas desabrigadas alturas «daquela serra» por onde a levam naquele cavalo andaluz que «anda mais que o luar» – tudo são belezas de primeira ordem, poesia de coração e verdade.

Obtive este romance em maio de 1843 de uma saloia velha das vizinhanças de Lisboa. Outra lição veio depois, da Beira Alta, que não difere muito. Sempre noto porém alguma variante, posto que elas valham pouco. Parece-me português de nascença; não há dele vestígio em colecção castelhana de que eu saiba.

## HELENA

– «Ai! Que saudades me apertam  
Pela casa de meu pai!

Também me apertam as dores,  
E minha mãe sem chegar!»

– «Se as saudades te apertam,  
Bem nas podes matar ir matar;  
Toma o caminho – e andar!»

– «E à noite meu marido,  
quem lhe dará de cear?»

– «Da caça que ele trouver,  
Eu lha farei amanhar.<sup>236</sup>

Do meu pão e do meu vinho  
O que ele quiser tomar.»

– «Onde está mi' esposa Helena  
Que me não dá de cear?»

– «Tua esposa Helena, filho  
Foi-se para não tornar,

Que ia para sua casa,

Que nos não pode aturar.

Chamou-me a minha perra velha,  
A ti filho de mãe tal.»

– «O meu cavalo andaluz<sup>237</sup>

Já e já mo vão selar

Essa mulher por Deus juro

Que ela mas tem de pagar.»

– «As boas novas, meu genro,<sup>238</sup>

Que tenho para vos dar!

Filho barão, e tão lindo,

Um anjo de pôr no altar!»

– «Novas me dão, boas novas;

Más as trago eu para dar:

Que a mãe que o pariu

Não é que o há-de criar.

Ergue-te daí, Helena,

Que me tens de acompanhar.»

– «Paridinha de uma hora,

Onde a quereis levar?»

– «Para perto, e bom caminho;

Não tem muito que penar,

Que o meu cavalo andaluz

Anda mais do que o luar.»

– «Ande ele, que não ande,

---

<sup>236</sup> Aprestar. – *Beira Alta*.

<sup>237</sup> Depressa, não devagar. – *Estremadura*

<sup>238</sup> Alvíssaras, meu irmão

Que já mas devias dar. – *Beira Alta*.

Onde a quereis levar?»  
 – «Cal'-se daí, minha mãe,  
 Já se havia de calar;  
 Que a mulher que é bem casada,  
 O marido a há-de mandar.  
 Que me dêem a minha cinta,  
 Para eu me conchegar,  
 E esse meu gibão forrado  
 Para melhor me abafar.  
 E agora dêem-me o meu filho,  
 Que o quero abraçar.  
 Ai! Destes beijos, meu filho,  
 Se te saberás lembrar?  
 Lembrai-vos vós, minha mãe,  
 Quando ele souber falar.»  
 – «Que dizes, filha, que dizes?»  
 – «Minha mãe, isto é folgar;  
 Que é tão perto e bom caminho  
 Para onde temos de andar;  
 Que o meu cavalo andaluz  
 Anda mais do que o luar.»  
 O cavalo era andaluz  
 Andava mais que o luar;  
 O caminho era de pedras,  
 Ele ia a tropeçar.  
 Vão andando, vão andando  
 Sem um nem outro falar,  
 Ela já tem as mãos frias,  
 O corpo está-lhe a inchar;  
 Chegando ao alto da serra <sup>239</sup>  
 Deu um ai, quis desmaiar.  
 – «Que ais são esses, Helena?  
 Porque estás a suspirar?»  
 – «É que se me acaba a vida,  
 É que me estou a finar:  
 Paridinha de uma hora,  
 Sinto-me em sangue alagar.»

Já se não tem a cavalo,  
 Ali a foi apear.  
 Era a agonia da morte  
 Que lhe estava a apertar.  
 – «A quem deixas o teu oiro, <sup>240</sup>  
 Que to hajam de estimar?»  
 – «Deixo-o a minhas irmãs,  
 Se tu lho quiseres dar.»  
 – «A quem deixas essa cruz

<sup>239</sup> Lá no mais alto da serra. – *Estremadura*.

<sup>240</sup> Oiro em estilo camponês quer dizer – jóias, ornatos de oiro de pessoa. O meu oiro é o oiro com que me adorno – como em estilo de cidade a minha prata é a prata de meu serviço de casa.



E as pedras do teu colar?»  
 – «A cruz, deixo-a a minha mãe  
 Que por mim lhe há-de rezar.  
 As pedras não as quer ela,  
 E bem nas pode guardar:  
 Se a outra as deres, marido,  
 Melhor lhas deixes lograr.»  
 – «Tua fazenda a quem deixas,  
 Que te saibam granjear?»  
 – «Deixo-ta a ti, marido;  
 que to hajam de criar?»  
 – «A tua mãe – que Deus queira  
 Amor lhe venha a ganhar!»  
 – «Não o deixes a essa perra,  
 Que é capaz de to matar.  
 Ai! Deixa-o antes á tua,  
 Que bem no há-de criar.  
 Com lágrimas de seus olhos  
 Bem no ela há-de lavar;  
 Toucas de sua cabeça <sup>241</sup>  
 Tirará para o pensar.»  
 De ouvir aquelas palavras  
 A pobre quis-se animar,  
 Ma a voz que vem do peito  
 A boca não pode achar. <sup>242</sup>  
 Inda lhe disse cos olhos  
 Que lhe estava a perdoar.  
 – «Não me perdoes, Helena,  
 Que Deus te há-de escutar.  
 Ai! As penas do inferno,  
 Já as eu começo a penar,  
 Que vejo subir ao céu.  
 O meu anjo tutelar.»  
 Mal hajam línguas traidoras <sup>243</sup>  
 E ouvidos que lhe eu fui dar!  
 Que por amor das más línguas  
 Meu anjo vim a matar!  
 Sete anos e mais um dia  
 Me irei a peregrinar,  
 À porta santa de Roma  
 Me quero ir ajoelhar.  
 E aqui um santo convento  
 Fundarei neste lugar,

---

<sup>241</sup> E as toucas da cabeça.

Despirá para o pensar. – *Estremadura*.

<sup>242</sup> Não pode à boca chegar. – *Beira alta*.

<sup>243</sup> Mal hajam as línguas

E os ouvidos que lhe eu fui dar,

Que por amor das más línguas

Mau amor vim a matar. – *Estremadura*.

Com sete missas por dia  
Cada uma em seu altar;  
Que digam todos que o virem:  
*Aqui foi seu mal-pecar,*  
*E aqui fez penitência*  
*Para Deus lhe perdoar.»*

## XXIII

## A MORENA

Este romance é vulgar na Estremadura e Beira e nas duas províncias dalém do Tejo. Seguiu-se principalmente o exemplar vindo de Castelo Branco, que era o mais amplo; mas aproveitou-se de outras lições provinciais o que foi necessário para lhe dar complemento. Transmitidas de boca em boca – não me canso de o repisar –, por tantas gerações, estas coplas foram-se alterando com mutilações e interpolações graduais, mas não constantes nem uniformes. O rústico menestrel de uma ladeia tinha às vezes pretensão de corrigir e enfeitar a singeleza dos primitivos cantares; outras, a avó velha que os recitava à lareira aos pasmados netinhos, cortava o que lhe parecia demais ou o que lhe esquecia; não poucas vezes, algum Macias namorado recorreu, na esterilidade de sua musa, ao bem parado deste depósito comum, e, com mudanças de nomes e sítios, transformou a história de uma antiga aventura em monumento moderno de suas glórias ou desgraças – como das mutiladas relíquias de um templo de Ísis se fazia nas eras bizantinas uma basílica de cristãos; como de versos de Virgílio se compunham os celebrados *centões*: de pensamentos de Homero, de frases de todos os poetas antigos, cosidos uns nos outros, se urdiam os poemas latinos de há dois e três séculos; como ainda até há bem pouco tempo se escreviam também quase todos os mesmos poemas vulgares. Dêem desconto à simplicidade da obra e à inexperiência do artista, e hão-de achar a comparação exacta.

Fazia-se isto porém desvairadamente em épocas e lugares diferentes; e daqui a necessidade de colacionar as tradições de uma província, de um distrito, de uma aldeia às vezes, com as de outra.

No romance da *Morena* não parecem descobrir-se vestígios de mui remota antiguidade. Assim a adivinhar, deitá-lo-ia pelo século dezasseis. A ele sabe o mandar os escravos *á fonte buscar água, o mantéu de cochonilha*, e outras expressões que tais. Tem contudo um certo sabor de originalidade no estilo, um tom familiar sem baixeza, um natural tão despido de todo ornato, que lhe imprimem o cunho verdadeiro e inquestionável da poesia primitiva de um povo. Quando quer que nascesse esta flor singela, foi na serra inculta, foi entre o mato virgem das florestas, longe das formalidades da arte, das fatais tesoiras e indigestos adubos do jardineiro.

O assunto é uma vulgar aventura de aldeia – dessas que fez tão comuns a devassidão dos mosteiros rurais: isso mesmo a deixou porventura conservar na memória dos homens como história do que tinha sido, do que era e seria. Na última copla há uma pincelada de mestre, dos mestres que faz a natureza, sublime de verdade e profunda de moral: ao encarar com a vítima de sua profana leviandade, estendida numa tumba, o sedutor *riu-se*, e o marido – diz o sincero trovador – *o marido é que chorava!*

Não se tomaram aqui liberdades de editor que restaura: é o quadro velho limpo, mas não repintado. Algumas camadas de cor postiza, que tinha por cima, caíram ao lavar, e ficou mais claro o desenho original. Não foi preciso, como noutros casos muitas vezes é. Coser a tela rasgada ou avivar o desenho sumido: o fundo estava são e inteiro.

Nas colecções castelhanas não há vestígio deste romance; tendo-o por inteiramente português e absolutamente popular.

## A MORENA

Fui-me à porta da Morena,<sup>244</sup>  
 Da Morena mal casada:  
 – «Abre-me a porta, Morena  
 Abre ma por tua alma!»  
 – «Como te hei-de abrir a porta,  
 Meu frei João da minha alma,  
 Se tenho a menina ao peito  
 E meu marido à ilharga?»  
 Estando nestas razões,  
 O marido que acordava:  
 – «Que é isso, mulher minha,<sup>245</sup>  
 A quem dás tuas falas?»  
 – «Digo à moça do forno,  
 Que veio ver se amassava,  
 Se amassasse pão de leite,  
 Que lhe deitasse pouca água.»  
 – «Ergue-te, ó mulher minha,  
 Vai cuidar de tua casa;  
 Manda teus moços à lenha  
 Teus escravos buscar água.»  
 – «Ergue-te daí, marido,  
 Vai ao monte pela caça;  
 Não há coelho mais certo  
 Do que é o da madrugada.»

O Marido que saía,  
 Morena que se enfeitava;  
 Sem mantéu de cochonilha<sup>246</sup>  
 De doze tostões a vara,  
 Meia de seda encarnada  
 Que na perna lhe estalava,  
 Sua bengala na mão  
 Que mal no chão lhe tocava.  
 Foi-se direita ao convento,  
 À portaria chegava

---

<sup>244</sup> Em algumas lições provinciais, designadamente nas da Estremadura, começa assim!

Ergue-se frei Joanico  
 Um dia de madrugada,  
 Vestido de ponto em branco  
 E tangendo sua guitarra,  
 Foi-se à porta de morena,  
 A Morena etc. – *Estremadura*.

<sup>245</sup> Que é isso, Morenita. – *Alentejo*.

<sup>246</sup> Com seu mantilho de lustro  
 Que o vento lho levava,  
 Seu sapatinho picado  
 Que no pé lhe rebentava. – *Estremadura*.

O porteiro é frei João <sup>247</sup>  
 Que pela mão a tomava;  
 Levou-a à sua cela,  
 Muito bem a confessava...  
 Penitência que lhe deu  
 Logo ali mesmo a rezava.

À saída do convento  
 O marido que a encontrava:  
 – «Donde vens, ó mulher minha,  
 Donde vens tão arraiada?»  
 – «Venho de ouvir missa nova,  
 Missa nova bem cantada:  
 Disse-a o padre João,  
 Que assim venho consolada.»  
 – «Consolar-te hei-de eu agora  
 Com a ponta desta espada...» <sup>248</sup>  
 Deu-lhe um golpe pelos peitos,  
 Deixou-a morta deitada.  
 – «Não se me dá de morrer,  
 Que o morrer não custa nada  
 Dá-se-me da minha filha,  
 Que a não deixo desmamada!»  
 – «Foras tu melhor mãe que és,  
 Não foras tão mal casada,  
 Não havias de morrer  
 Desta morte desastrada.»

Levaram-na ao convento,  
 Numa tumba amortalhada:  
 Sorria-se o frei João,  
 E o marido... é quem chorava.

---

<sup>247</sup> Frei João que a viu chegar,  
 Em vez de correr saltava. – *Beira Alta*.

<sup>248</sup> Com o olho desta enxada. – *Beira Alta*.

## XXIV

## DONZELA QUE VAI À GUERRA

Apesar de que se não encontra nas colecções impressas, sabemos, pelos nossos escritores portugueses, que este romance é de inquestionável origem castelhana. Por fins do século XVI ainda se cantava na *sociedade*, por gentis damas e galantes cavalheiros; e, já se vê, em castelhano de cantava. Desse tempo escrevia Jorge Ferreira na *Aulegrafia*<sup>249</sup>: «Não há entre nós quem perdoe a hũa troua portuguesa, que muitas vezes he de vantagem das castelhanas que se tem aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido.» Bem às avessas do que sucedia dois século antes, em tempos do marquês de Santillana, que os castelhanos trocavam em português para serem aceitos seus dizeres e cantares na própria corte dos reis de Castela<sup>250</sup>.

Devia dar-se, ao menos entre nós, a este romance o seu título primitivo *O Rapaz do Conde Daros*, porque assim lhe chama Jorge Ferreira em outra das muito curiosas cenas da já citada *Aulegrafia*, tão ricas todas de preciosa e rara informação para o estudo dos costumes e ursos daquele tempo. É na primeira do acto III, chistosa e desenfadada conversação entre dois galantes do paço, Dinardo Pereira e Grasiel de Abreu, que se divertem fazendo de *l'espirit* à moda do tempo com aguadezas e requintes, enquanto não vem ao jantar «que está para dois toques». Trata-se entre aqueles fashionáveis da era de quinhentos, de fazer alguma coisa elegante; sonetos, por exemplo, trovas, ou quejandas galanices de então – como hoje seria jogar um *rubet* (róber?), experimentar uma valsa nova no piano, etc. Não é o menos gracioso deste quadro, o aparte dos dois criados Rocha e Cardoso, que à socapa estão glosando e metendo a ridículo os alambicados conceitos dos amos. Dinardo, que é o mais prendado, resolve-se enfim pelo romance e a guitarra.

DINARDO

Ora poys que assi te tocarey: O rapaz do Conde Daros.

ROCHA

De prazer vem vosso amo, algum passarinho novo viu lá.

CARDOSO

Veria muyto má ventura, que sempre anda após estes...

DINARDO, canta

Pregonadas son las guerras  
De Francia contra Aragone...

ROCHA

O que ele tem para seu remédio he gentil voz!...

<sup>249</sup> *Aulegrafia*, act. II, sc. 9. fol. 66, vers. da ed. de 1619.

<sup>250</sup> Carta do marquês de Santillana ao condestável de Portugal: pág. LVII, tomo I da colecção de Sanches, Madrid, 1779.

DINARDO, continuando a cantar

Como las haria triste  
Viejo cano y pecador?...

(*Quebra-se-lhe uma corda*), Ah pesar de Mafoma!

CARDOSO

Quebrou-lhe a prima, inda bem!

DINARDO

Vedes este desar tem música, quando estais no melhor, deixa-vos em branco uma prima falsa...<sup>251</sup>

Dei mais largas à curiosa citação por ser, como é, tão indubitável e interessante documento para a história do romance em Portugal, e porque também são já raríssimos os exemplares dessa obra de Jorge Ferreira.

Assim andava pois este romance, estrangeiro, e por tal prezado na alta sociedade portuguesa; até que, descendo dos salões para o terreiro, a popularidade o naturalizou. Era castelhano no paço, foi-se fazer português na aldeia.

Vai em três séculos que Jorge Ferreira nos deu as últimas novas dele quando andava por casas de senhores; achamo-lo hoje a lareira de algum pobre abegão do Alentejo, – que para ricos lavradores, com filhas que já contradançam talvez, senão é que valsam e polcam também – é o triste de muito má companhia já. Também das províncias do Norte vieram notícias e cópias dele; dos Açores é a mais completa ou a mais extensa que me chegou. Desvairados nomes trás das diversas províncias: aqui é Dona Leonor, além Dom João, noutra parte Dom Carlos, etc.

Quando há dez anos o erudito autor de *Isabel ou a heroína de Aragão*<sup>252</sup>, o publicou sobre o mesmo título e com ilustração e fundamento do seu poema, era este o quarto romance tradicional que aparecia impresso português: contando o primeiro no suspeito «Figueiredo» de Fr. Bernardo de Brito, o segundo e terceiro na Silvana e no Bernal-Francês que eu publiquei em 1828 em Londres.

Deixo-lhe por título, o que trouxe da ilha, da *Donzela que vai à guerra*, porque lhe acho certa graça e simplicidade toda popular, bem própria sempre de tais rapsódias.

São muitas as variantes por este romance dos mais espalhados pelo reino, e mais favoritos do povo.

<sup>251</sup> *Aulegrafia*, act. III, sc. I, fol. 84.

<sup>252</sup> *Isabel ou heroína de Aragão* por J. M. da Costa e Silva, Lisboa, 1832.

## DONZELA QUE VAI À GUERRA

Já se apregoam as guerras <sup>253</sup>  
 Entre a França e Aragão:  
 Ai de mim que já sou velho,  
 Não nas posso brigar, não! <sup>254</sup>  
 De sete filhas que tenho  
 Sem nenhuma ser varão!...»  
 Responde a filha mais velha <sup>255</sup>  
 Com toda a resolução:  
 – «Venham armas e cavalo  
 Que eu serei filho varão.»  
 – «Tendes los olhos mui vivos. <sup>256</sup>  
 Filha, conhecer-vos-ão.»  
 – «Quando passar pela armada <sup>257</sup>  
 Porei os olhos no chão.»  
 – «Tendes los hombros mui altos  
 Filha, conhecer-vos-ão.»  
 – «Venham armas bem pesadas,  
 Os ombros abaterão.» <sup>258</sup>  
 – «Tendes los peitos mui altos  
 Filha, conhecer-vos-ão.»  
 – «Venha gibão apertado, <sup>259</sup>  
 Os peitos encolherão.»  
 – «Tendes las mãos pequeninas <sup>260</sup>  
 Filha, conhecer-vos-ão.»  
 – «Venham já guantes de ferro, <sup>261</sup>

---

<sup>253</sup> Pregoadas são as guerras  
 Entre França e Aragão.  
 Como as faria triste  
 Velho cano e pecador? – *Lição antiga em Jorge Ferreira.*

<sup>254</sup> As guerras me acabarão. – *Lisboa.*

Triste de mim que sou velho  
 As guerras me acabarão. – *Alentejo, Estremadura.*

<sup>255</sup> Responde Dona Guimar. – *Lisboa.*

<sup>256</sup> Tendas las tranças compridas,  
 Filha, conhecer-vos-ão.  
 – «Venham umas tesouras,  
 As tranças irão ao chão. – *Minho.*  
 – «Tendes los olhos garridos – *Açores.*

<sup>257</sup> Pela hoste. – *Beira Alta.*

Pelos homens. – *Minho.*

<sup>258</sup> Abaixarão. – *Lisboa*

Encolherei ao meus peitos  
 Dentro do meu coração. – *Minho.*

<sup>259</sup> Venha já um alfaiate

Faça-me já um justo gabão – *Estremadura, Alentejo, Algarve.*

<sup>260</sup> Delicadas. – *Alentejo, Beira Alta.*

Muito finas. – *Beira Baixa.*

<sup>261</sup> Metê-las-hei numas luvas. – *Estremadura.*  
 Calçá-las-ei numas luvas,  
 Delas nunca sairão. – *Alentejo e Minho.*  
 Venham manápuas de ferro. – *Trás-os-Montes.*



E compridas ficarão.»  
 «Tendes los pés delicados,  
 Filha, conhecer-vos-ão.»  
 – «Calçarei botas e esporas,  
 Nunca delas sairão.»

– «Senhor pai, senhora mãe,  
 Grande dor de coração;  
 Que os olhos do conde Daros <sup>262</sup>  
 São de mulher, de homem não.»  
 – «Convidai-o vós meu filho,  
 Para ir convosco ao pomar. <sup>263</sup>  
 Que se ele mulher for,  
 À maçã se há-de pegar.» <sup>264</sup>  
 A donzela por discreta,  
 O camoez foi apanhar. <sup>265</sup>  
 – «Oh que belos camoezes  
 Para um homem cheirar!  
 Lindas maçãs para damas  
 Quem lhas pudera levar.»  
 – «Senhor pai, senhora mãe,  
 Grande dor de coração;  
 Que os olhos do conde Daros <sup>266</sup>  
 São de mulher de homem não.»  
 – «Convidai-o vós, meu filho,  
 Para convosco jantar;  
 Que, se ele mulher for <sup>267</sup>  
 No estrado se há-de encruzar.» <sup>268</sup>  
 A donzela por discreta,  
 Nos altos se foi sentar. <sup>269</sup>  
 – «Senhor pai, senhora mãe,  
 Grande dor de coração;  
 Que os olhos do conde Daros <sup>270</sup>

Cs pés bem grandes serão. – *Minho, Beira Alta.*

<sup>262</sup> Dom João. – *Açores.*

D. Martinho. – *Lisboa, Alentejo.*

Dom Marcos. – *Estremadura.*

Dom Claros. – *Minho.*

<sup>263</sup> Jardim. – *Minho, Açores, Lisboa.*

<sup>264</sup> Coas rosas se há-de tentar. – *Lisboa.*

Com as flores se há-de armar. – *Minho.*

As rosas o hão-de buscar. – *Açores.*

<sup>265</sup> A lima se foi pegar:

– «Oh que bela lima esta» – *Lisboa.*

Uma cidra foi mirar. – *Algarve, Minho.*

<sup>266</sup> As mesmas variantes respectivas.

<sup>267</sup> Porque no partir do pão

Se virá a delatar:

Que se ele o partir no peito,

Por mulher se há-de mostrar. *Açores.*

<sup>268</sup> Baixo assento há-de ir buscar. – *Minho.*

<sup>269</sup> O mais alto foi buscar. – *Lisboa.*

No mais alto quis estar. – *Minho.*

São de mulher de homem não.»  
 – «Convidai-o vós, meu filho,  
 para convosco feirar,  
 Que, se ele mulher for,  
 Às fitas se há-de pegar.»  
 A donzela por discreta,  
 Uma adaga foi comprar.<sup>271</sup>  
 – «Oh que bela adaga esta  
 Para com homens brigar!  
 Lindas fitas para damas:  
 Quem lhas pudera levar!»  
 – «Senhor pai, senhora mãe,  
 Grande dor de coração;  
 Que os olhos do conde Daros  
 São de mulher de homem não.»  
 – «Convidai-o vós, meu filho,  
 Para convosco nadar;  
 Que se ele mulher for,  
 O convite há-de escusar.»<sup>272</sup>  
 A donzela, por discreta,  
 Começou a desnudar...  
 Traz-lhe o seu paje uma carta,  
 Pôs-se a ler, e pôs-se a chorar:  
 – «Novas me chegam agora,  
 Novas de grande pesar:  
 De que minha mãe é morta,  
 Meu pai se está a finar.  
 Os sinos da minha terra  
 Os estou a ouvir dobrar;  
 E duas irmãs que eu tenho,  
 Daqui as oiço chorar  
 Monta, monta, cavaleiro!  
 Se me quer acompanhar.»  
 Chegavam a uns altos paços,<sup>273</sup>  
 Foram-se logo apear.  
 – «Senhor pai, trago-lhe um genro,  
 Se o quiser aceitar;  
 Foi meu capitão na guerra,  
 De amores me quis contar...  
 Se ainda me quer agora  
 Com meu pai há-de falar.»

Sete anos andei na guerra

---

<sup>270</sup> As mesmas variantes.

<sup>271</sup> Numa adaga foi pegar. – *Lisboa*.

Foi uma espada apreçar. – *Minho*.

Oh que lindas fitas verdes

Para moças enganar! – *Açores*.

<sup>272</sup> Desculpa vos há-de dar. – *Lisboa*.

Já se há-de acovardar. – *Alentejo*.

<sup>273</sup> Chegam juntos do castelo. – *Lisboa*.

E fiz de filho varão.  
Ninguém me conheceu nunca  
Senão o meu capitão;  
Conheceu-me pelos olhos,  
Que por outra coisa não.

## XXV

## O CATIVO

Vendido no mercado de Salé pelos corsários que o tomaram, um pobre cativo cristão vai ser escravo de avaro e rico judeu, que lhe dá negra vida. É o primeiro capítulo de uma história sabida e comum: e naturalmente se espera já o segundo, que é namorar-se do interessante cativo a bela filha do mau perro judio, animá-lo, querer fugir com ele de moirama. Até aqui vamos pela estrada coimbrã destas aventuras, que por séculos foram quase quotidianas entre nós. Mas daí por diante o caso sai um tanto da marcha ordinária. O cativo não renega nem foge com a bela judia; e ela apaixonada, rendida, perdida... conhece por fim que não é amada: nos moles braços da amante, o ingrato cristão suspirava, chorava por sua terra talvez, por outros amores, quem sabe? Mas

«Chorava – que não por ela!»

Não se espera a vingança da bela judia: dá-lhe dinheiro para ser resgatar, dinheiro do seu dela que sua mãe lhe deixara. Apertada pelo pai que suspeita a verdade, ela confessa tudo, mas defende o cristão por inocente; e só de uma alta torre, contempla a última vela que lhe foge no horizonte com o ingrato amante.

O romance anda por Lisboa, Ribatejo e Estremadura fora; não me chegou informação de que se internasse mais pelas províncias; não deve de ser mais antigo que um meado do século XVII se a copla em que se alude a Ceuta e a Mazagão não é *rifacimento* moderno, como também pode ser, e me inclino a querer que é, porque no resto, o sabor e o estilo é mais velho.

Não aparece nas colecções castelhanas; e se não for originalmente escrito em português, nacionalizou-se por tal modo, que se lhe não descobre vestígio bem autorizado e certo de outra origem. Nem façam dúvida os artigos *lo, la* em vez de *o, a*; porque não só os escritores antigos, mas o povo de hoje os substitui assim a miúdo quando lhe pede o mal suante do hiato. Também dizem *mi'* por *minha, padre* e *madre* por *pai* e *mãe*; e outros que parecem castelhanismos sem o serem. *Me' pai* diz ainda hoje, por eufonia, o alentejano, como em tempos de Gil Vicente, se dizia e cantava *m'amor* por *meu amor*.

## O CATIVO

Eu vinha do mar de Hamburgo <sup>274</sup>  
 Numa linda caravela;  
 Cativaram-nos os moiros  
 Entre la paz e la guerra.  
 Para vender-me levaram <sup>275</sup>  
 A Salé, que é sua terra.  
 Não houve moiro nem moira  
 Que por mim nem branca dera; <sup>276</sup>  
 Só houve um perro judio  
 Que a li comprar-me quisera;  
 Dava-me uma negra vida,  
 Dava-me uma vida perra;  
 De dia pisar esparto,  
 De noite moer canela,  
 E uma mordação na boca  
 Para lhe eu não comer dela.  
 Mas foi a minha fortuna,  
 Dar c'uma patroa bela,  
 Que dava do pão alvo,  
 Do pão que comia ela.  
 Dava-me do que queria,  
 E mais do que não quisera;  
 Que nos braços da judia  
 Chorava – que não por ela.

Dizia-me então: – «Não chores,  
 Cristão, vai-te à tua terra.»  
 – «Como me hei-de eu ir, senhora,  
 Se me falta la moeda?»  
 – «Se fora por um cavalo,  
 Eu uma égua te dera; <sup>277</sup>  
 Se fosse por um navio,  
 Dera-te uma caravela» <sup>278</sup>  
 – «Não fora por um cavalo,  
 Não fora, senhora bela,  
 Que está longe Mazagão,  
 Ceuta tem voz de Castela.  
 Nem por navio não fora,  
 Que eu fugir não quisera,

---

<sup>274</sup> Meu pai era de Hamburgo,  
 Minha mãe de Hamburgo era – *Ribatejo*.

<sup>275</sup> Me levaram a vender

A Salé que é má terra. – *Estremadura*.

<sup>276</sup> *Ni Blanca* é claramente castelhano, dizer; mas nos mais puros nossos escritores se encontra. Dito familiar que se introduziu então, como hoje dizemos tanta palavra e frase francesa ou inglesa, por termos com as coisas, livres e usos destas nações o mesmo trato então tínhamos com castelhanos.

<sup>277</sup> Eu te daria uma égua. – *Ribatejo*.

<sup>278</sup> Dar-te-ia uma galera. – *Lisboa*.

Que era roubar a teu pai  
 Dinheiro que por mim dera.»  
 – «Toma esta bolsa, cristão  
 Feita de seda amarela;<sup>279</sup>  
 Minha mãe quando morreu  
 Me deixou senhora dela.  
 Vai-te, paga o teu resgate;  
 E às damas de tua terra  
 Dirás o amor da judia  
 Quanto mais vale que o delas.»

Palavras não eram ditas,  
 O patrão que era chegado.  
 – «Venhais embora, patrão,  
 E vinde com Deus louvado,  
 Que agora tenha recado  
 Que o meu resgate é chegado.»<sup>280</sup>  
 – «Cristão, Cristão, que disseste!  
 Olha que é muito cruzado  
 Quem te deu tanto dinheiro  
 Para seres resgatado?»  
 – «Duas irmãs mo ganharam,  
 Outra mo tinha guardado;<sup>281</sup>  
 E um anjo do céu mo trouxe,  
 Um anjo por Deus mandado.»  
 – «Dize-me, ó cristão, dize  
 Se queres ser renegado,  
 Que te hei-de fazer meu genro,  
 Senhor de todo o meu estado.»  
 – «Eu não quero ser judio  
 E nem turco arrenegado,  
 E não quero ser senhor,  
 De todo esse teu estado,<sup>282</sup>  
 Porque trago no meu peito  
 A Jesus crucificado»<sup>283</sup>

– «Que tens tu, filha Raquel?»<sup>284</sup>  
 Dize-me cá, filha amada,  
 Se é pelo cristão maldito<sup>285</sup>

---

<sup>279</sup> Com mil dobrões dentro dela.

Co'as mil doblas que estão nela. – *Ribatejo*.

<sup>280</sup> *Este é um dos muitos exemplos de se faltar de vez em quando à forçada lei da redondilha, aumentando-a com dois versos no mesmo repisado consoante ou toante obrigado.*

<sup>281</sup> Que por mim estão a soldado. – *Ribatejo*.

*Esta frase a soldado para dizer: estão servindo a soldada a soldo, como criados, etc., foi nova para mim; vê-se porém que é legítima portuguesa. Não aproveitei para o texto esta variante por causa da anfibologia.*

<sup>282</sup> De todo esse reinado. – *Estremadura*.

<sup>283</sup> Outro exemplo de acrescentar dois versos à redondilha, mas sem repetir o consoante senão em um deles.

<sup>284</sup> Anda cá, ó filha Angélica – *Lisboa*.

Que ficaste desgraçada.»  
– «Meu pai deixe o cristão, deixe  
Que ela não me deve nada;  
Deve-me a flor do meu corpo,  
Mas de vontade foi dada.»

Mandou fazer-lhe uma torre  
De pedraria lavrada;  
Que não dissessem os moiros:  
– «A judia é desonrada.»  
Viola, minha viola,  
Fica-te aqui pendurada <sup>286</sup>  
Que lá vão os meus amores  
Por essa água salgada.

---

<sup>285</sup> Se é pelo cristão que choras.

Que te deixou desonrada. – *Ribatejo*.

<sup>286</sup> Aqui te deixo por mão,

Que os amores da judia  
Pelas ondas do mar vão. – *Ribatejo*.

## XXVI

## A NAU CATRINETA

Não é para admirar que seja tão geralmente sabida e querida esta xácara. O que admira é não seja mais comum entre nós o romance marítimo. Um país de navegantes, um povo que viveu mais do mar que da terra; que as suas grandes glórias as foi buscar ao largo oceano; que por não caber em seus estreitos limites da Europa, devassou todo o império das águas para se estender pelo universo, – não pode deixar de Ter produzido muito Cooper popular e muito Camões de rua e de aldeia que, em seus pequenos Lusíadas cantasse as mil aventuras de tanto galeão e caravela que se lançavam destemidos

Por mares nunca dantes navegados

Temos em prosa muita relação popular de naufrágios que rivaliza em simplicidade antiga com os Cronicões da meia-idade, e cujos escritores parecem discípulos do arcebispo Turpin, do autor da *Formosa Magalona* ou da *Donzela Teodora*. Como cego estacionário, ou o bernal do cego ambulante; e só em meios do século passado começaram a juntar-se em volumes na bem conhecida colecção intitulada *História Trágico-Marítima*<sup>287</sup>.

Algumas destas narrativas feitas por pessoas que tiveram parte na aventura, são palpitantes de interesse e de verdade, contêm descrições inimitáveis, desenhados do vivo, e tais que fazem empalidecer, as mais animadas páginas do *Reddrover* e do *Pirata*.

Algumas destas narrativas feitas por pessoas que tiveram parte na aventura, são palpitantes de interesse e de verdade, contêm descrições inimitáveis, desenhados do vivo, e tais que fazem empalidecer, as mais animadas páginas do *Reddrover* e do *Pirata*.

Não singrariam jamais com os nossos argonautas senão os Homeros das grandes Odisseias? Nunca um pobre menestrel do povo que dissesse na harpa ou na viola esses humildes cantares que não cabem na tuba épica, mas também não precisam dos caracteres de Gerardo da Vinha ou de Craesbeck, porque se gravam na memória do povo e se perpetuam no livro vivaz das gerações?

É impossível: seus poetas tem, seus cronistas, seus historiadores; havia de Ter seus menestrelis e seus trovadores, a aventureosa vida de nossos mareantes.

Mas essas ingénuas rapsódias, quem as apagou assim do livro popular? Que estúpidos monges fizeram palimpsestos de suas páginas belas? – que apenas hoje podemos decifrar a custo algum fragmento obliterado como este!

Não é fácil responder com precisão. Mas são certas as razões inseridas do orgulho monacal, e falso gosto de nossos literatos de universidade e de corte. Se tirarmos Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, o mesmo ou pior diremos dos poetas, que todos ou quase todos venderam sua alma aos clássicos latinos, aos italianos da renascença, e desprezaram, por vulgares as primitivas formas de seus cantores naturais.

A *Nau Catrineta* foi provavelmente o nome popular de algum navio favorito; diminutivo de afeição posto na Ribeira – das – naus algum galeão Santa Catarina, ou coisa que o valha. Dar-lhe-iam esse apelido *coquete* por sua airosa mastreação; pelo talhe elegante de seu casco, por algumas dessas qualidades graciosas que tanto aprecia o

---

<sup>287</sup> *História Trágico-Marítima*, em que se escrevem, etc. Por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa ocidental, 1735.



olho exercitado e fino da gente do mar. Ou talvez é o nome suposto de um navio bem conhecido por outro, que o discreto menestrel quis ocultar por considerações pessoais e respeitos humanos. Entre a narrativa em prosa que já citei, há uma, por título – *Naufração que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no ano 1565* – que não está muito longe de se parecer com a do romance presente. Larga e difícil viagem, temporais assombrosos, fome extrema, tentativas de devorarem os mortos, resistência do comandante a esta bruteza, milagroso surgir à barra de Lisboa quando menos o esperavam, e quando menos sabiam em que paragens se achassem – tudo isto há na prosa da narração: e até o poético episódio de estarem a ver os monumentos e bosques de Cintra sem os reconhecer – como na xácara se viam, pela falsa miragem do demónio, as três meninas debaixo do laranjal.

Fosse porém este, ou fosse outro caso que celebra o romance, houve tantos semelhantes naqueles tempos, que de alguns deles, e no fim do século XV ou no XVI, se havia de compor. Mais antigo não é. Além de outras razões, é hoje averiguado que a poesia primitiva da nossa península raríssima vez admite o maravilhoso, o *Deus ex machina* para solução de suas ingénuas peripécias. Composição em que ele apareça, quase sem hesitar, se deve atribuir a ordem Francesa, franco-normanda, ou mais seguramente ainda à dos barbos e escaldos que por essas vias se derivasse até nós. Depois é que a mitologia de todas as crianças se confundiu, e ainda a mais estranha é a que mais figurava entre nós.

Tem muitas variantes a *Nau Catrineta*; as mais notáveis vão apontadas.

## A NAU CATRINETA

Lá vem a nau Catrineta <sup>288</sup>  
 Que tem muito que contar!  
 Ouvide, agora, senhores,  
 Uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia <sup>289</sup>  
 Que iam na volta do mar, <sup>290</sup>  
 Já não tinham que comer,  
 Já não tinham que manjar.  
 Deitaram sola de molho  
 Para o outro dia jantar;  
 Mas a sola era tão rija, <sup>291</sup>  
 Que a não puderam tragar.  
 Deitaram sortes ã ventura  
 Qual se havia de matar;  
 Logo foi cair a sorte  
 No capitão general.

– «Sobe, sobe, marujinho,  
 Aquele mastro real, <sup>292</sup>  
 Vê se vês terras de Espanha,  
 As praias de Portugal.»  
 – «Não vejo terras de Espanha,  
 Nem praias de Portugal.  
 Vejo sete espadas nuas  
 Que estão para te matar.» <sup>293</sup>  
 – «Acima, acima, gajeiro,  
 Acima ao tope real!  
 Olha se enxergas Espanha, <sup>294</sup>  
 Areias de Portugal.»  
 – «Alvíssaras, capitão.  
 Meu capitão general!  
 Já vejo terras de Espanha,  
 Areias de Portugal.  
 Mais enxergo três meninas <sup>295</sup>  
 Debaixo dum laranjal:

---

<sup>288</sup> Ora da nau Catrineta  
 Dela vos quero contar. – *Estremadura*.

<sup>289</sup> Sete anos e um dia. – *Minho*.

<sup>290</sup> Todas as lições dizem assim, menos a do Algarve que adoptei.

<sup>291</sup> Mas a sola era tão dura,  
 Que a não podiam rilhar. – *Minho*.

<sup>292</sup> Aquele tope real. – *Lisboa*.

<sup>293</sup> Todas para te matar. – *Estremadura*.

<sup>294</sup> Vê se vês terras de Espanha,  
 Areias de Portugal. – *Minho*.

<sup>295</sup> Também vejo três meninas. – *Lisboa*.  
 ... três donzelas. – *Beira Baixa*.

Uma sentada a coser,  
 Outra na roca a fiar,  
 A mais formosa de todas  
 Está no meio a chorar.»  
 – «Todas três são minhas filhas,  
 Oh! quem mas dera abraçar!  
 A mais formosa de todas  
 Contigo a hei-de casar.»  
 – «A vossa filha não quero,  
 Que vos custou a criar.»  
 – «Dar-te-ei tanto dinheiro  
 Que o não possas contar.»  
 – «Não quero o vosso dinheiro,  
 Pois vos custou a ganhar.»  
 – «Dou-te o meu cavalo branco,  
 Que nunca houve outro igual.»<sup>296</sup>  
 – «Guardai o vosso cavalo,  
 Que vos custou a ensinar.»  
 – «Dar-te-ei a nau Catrineta,<sup>297</sup>  
 Para nela navegar. »  
 – «Não quero a nau Catrineta,  
 Que a não sei governar.»  
 – «Que queres tu meu gajeiro,  
 Que alvissaras te hei-de dar?»  
 – «Capitão, quero a tua alma  
 Para comigo a levar.»  
 – «Renego de ti, demónio,  
 Que me estavas a atentar!  
 A minha alma é só de Deus;  
 O corpo dou eu ao mar.»<sup>298</sup>

Tomou-o um anjo nos braços,  
 Não no deixou afogar.

---

<sup>296</sup> Para nele campear. – *Ribatejo*.

<sup>297</sup> A lição de Lisboa acaba aqui o romance por diferente modo. Deixando o sobrenatural da tentação do demónio, que toma a forma de gajeiro para tentar o capitão naquele perigo, da por verdadeira a aparição da terra, e conclui assim:

Que queres tu, meu gajeiro.  
 Que alvissaras te hei-de eu dar?  
 «Eu quero a nau Catrineta  
 Para nela navegar.»  
 – A nau Catrineta, amigo,  
 É d’el-rei de Portugal,  
 Mas ou eu não sou quem sou,  
 Ou el-rei ta há-de dar.

Outra lição também diz nesta última copla:

Pede-a tu a el-rei, gajeiro,  
 Que ta não pode negar.

<sup>298</sup> O corpo da água do mar. – *Ribatejo*.

Deu um estouro o demónio,  
Acalmaram vento e mar;  
E à noite a nau Catrineta  
Estava em terra a varar.<sup>299</sup>

---

<sup>299</sup> A bom porto foi parar. – *Ribatejo*.

## XXVII

## O SEGADOR

A edição arraiana deste romance que me veio de Trás-os-Montes chama-*lhe A filha do Imperador de Roma*. Não a segui no título nem em muitas partes do texto, encostei-me antes à lição da Beira Alta. E só estas duas me chegaram; não me consta que noutras províncias do reino seja conhecido.

Que imperador será este? Teremos aqui algum episódio da crapulosa história bizantina, ou é outro capítulo licencioso da crónica secreta de Carlos Magno? O trovador, que a trovou nessa meia-idade, cujo selo visivelmente *lhe* pende de todas as coplas, não pôs nomes nem datas, segundo o geral costume: e adivinhem quem quiser se este imperador de Roma era do ocidente ou do oriente, do alto ou do baixo império, César verdadeiro ou Kaiser de imitação germânica? Deve ser destes últimos pela menção do duque de Lombardia que no fim aparece.

A lição da Beira, que segui mais que a transmontana, tem muitas variantes obscenas que forçosamente deviam ser desprezadas. Nem as creio originais, senão introduzidas pelo depravado gosto de algum *roué* de aldeia.

Nos romanceiros castelhanos não se encontra, e par o sul de Portugal é inteiramente desconhecido. Todavia, assim restituída pela colação dos dois textos que obtive, esta ficou uma das mais completas relíquias da nossa poesia popular que possam encontrar-se.

## O SEGADOR

O imperador de Roma  
 Tem uma filha bastarda  
 A quem tanto quer e tanto  
 Que a traz mui mal criada  
 Pedem-lha condes, senhores,<sup>300</sup>  
 Homens de capa e de espada;  
 Ela isenta e desdenhosa  
 A todos lhes punha tacha:  
 Um é criança, outro é velho,<sup>301</sup>  
 Este que não tinha barba,  
 Aquele que não tem pulso  
 Para puxar pela espada.  
 Dizia-lhe o pai sorrindo:  
 – «Inda hás-de ser castigada!  
 De algum vilão de porqueiro  
 Te espero ver namorada.»

Por manhã de San' João  
 Manhã de doce alvorada,  
 Ao seu balcão muito cedo<sup>302</sup>  
 A infanta se assomava,  
 Viu andar três segadores  
 Fazendo sua segada;  
 O mais pequeno dos três  
 Era o que mais trabalhava.  
 Fita que traz no chapéu  
 De oiro e seda era bordada;  
 Fina prata que luzia  
 A foice com que ceifava.  
 De seu garbo e gentileza  
 A infanta se namorava.  
 O ceifeiro vai ceifando...  
 Bem sabe ele o que ceifava!

Ali estava a aia discreta  
 Em quem toda se fiava:  
 – «Vês, aia, aquele ceifeiro  
 Que anda naquela segada?  
 Condes, duques, cavaleiros,  
 Nenhum que o ceifeiro valha.  
 Vai-mo chamar em segredo,  
 Que ninguém não saiba nada.»

---

<sup>300</sup> Pedem-lha duques e condes. – *Trás-os-Montes*.

<sup>301</sup> A uns que não eram homens,  
 Outros que não tinham barbas. – *Trás-os-Montes*.

<sup>302</sup> Subiram-se a uma ventana  
 Uma ventana mui alta. – *Trás-os-Montes*.

– «Bom segador, vem comigo,  
 Que te quer falar minha ama.»  
 – «Tua ama, não na conheço  
 Nem tão pouco a quem me chama.»<sup>303</sup>  
 – «Segador de boa estrela,  
 Traze-la vista mui baixa:  
 Alça os olhos e verás  
 A estrela da madrugada.»  
 – «Vejo o sol que vem nascendo,  
 Não vejo a estrela d’Alva.»  
 – «Estrela ou sol, vens comigo?»  
 – «Irei, pois quem pode, manda.»

Entraram por um postigo,  
 Que a porta inda era cerrada;  
 No camarim da princesa  
 O bom do ceifeiro estava.  
 – «Senhora que me quereis?  
 Pois venho à vossa chamada.»  
 – «Quero saber se te atreves  
 A fazer minha segada?»  
 – «Atrever, me atrevo a tudo;  
 Trabalho não me acovarda.  
 Dizei vós senhora minha,  
 Onde é a vossa segada.»  
 – «Não é no monte ou no vale,  
 No baldio ou na coitada;  
 Segador é nos meus braços,  
 Que de ti estou namorada.»

Passou todo aquele dia,<sup>304</sup>  
 O mais da noite passava,  
 Ceifando vai o ceifeiro...  
 Bem sabe ele o que ceifava!

---

<sup>303</sup> Eu não conheço a senhora  
 Nem tão pouco a criada. – *Trás-os-Montes*.

<sup>304</sup> Lá junto da meia-noite  
 Ao segador perguntava:  
 – «Dizei-me, bom segador  
 De quem eu fico pejada.»  
 – «Eu sou filho de um porqueiro  
 E meu pai porcos guardava.»  
 – «Oh, triste de mim, oh triste,  
 Oh, triste de mim coitada!  
 Pediram-me condes, duques,  
 Homens de capa e de espada:  
 E agora eis-me aqui  
 De um porqueiro desonrada. *Trás-os-Montes*.

– «Basta, basta, segador,  
 Feita está tua segada:  
 Vai-te, que meu pai não venha,  
 Antes de ser madrugada.»  
 Palavras não eram ditas,  
 O pai à cama chegava:  
 – «Com quem falas, minha filha,  
 Tão cedo de madrugada?»  
 – «Falo com esta minha aia  
 Que me tem desesperada:  
 Uma cama tão mal feita  
 Que dormir me não deixava.»  
 – «É forte aia essa tua  
 Que a barba tem tão cerrada!  
 Vista-se já a donzela,  
 Que, antes de ser madrugada,  
 Pelo barbeiro do algoz  
 A quero ver barbeada.»  
 O segador muito enxuto  
 Sua sentença escutava,  
 Com uma mão se vestia,  
 Com a outra se calçava.  
 Saltou no meio da casa  
 Como se não fora nada:  
 – «Venha já esse barbeiro  
 Com a navalha afiada:  
 Ao duque de Lombardia  
 Veremos quem faz a barba.»

O imperador mui contente  
 Depressa ali os casava.  
 Não quis senhores, nem condes  
 Homens de capa ou de espada,  
 Senão só o segador  
 Que andava em sua segada.  
 Podia ser um porqueiro  
 Que a deixasse desonrada...  
 Saiu-lhe um Duque reinante,  
 Senhor de alta nomeada.  
 Pois tudo é sorte no mundo,  
 A sorte foi bem deitada.



## XXVIII

## A NOIVA ARRAIANA

Veio de Almeida esta xácara; e de nenhuma outra parte do reino me chegou outra lição dela, nem vestígio. Bem antiga me parece. O fronteiro que mandou ao mar a armada do cavaleiro ausente faz pensar que isto seja coisa do tempo das nossas empresas de África. O lugar da cena é inquestionavelmente na raia – e bem posto está ao romance o título de *Noiva arraiana*. Mas aqui há mar, e armadas que vão ao mar: não pode pois ser outra a raia senão a do Algarve. O estilo da cantiga é ingénuo e puríssimo; os costumes que descreve primitivos e patriarcais; há um sabor homérico neste narrar e neste falar, que ninguém pode confundir com o dizer estudado de trovadores mais modernos. Poetas de civilização mais adiantada não sabem ou não podem chegar tanto a rés da natureza.

O facto é simples e mil vezes visto. Outra edição da *Lúcia de Lamermoor*, outro cavaleiro de Ravenswood que aparece de repente no meio da boda da sua débil e mal constante namorada, quando ela, já desposada com outro, menos esperava tornar a ver o primeiro amante – o seu, o que ela unicamente quer. Quem se não lembra de Walter Scott, e de Donizetti também, e do que vibram na alma as palavras de um, as notas do outro, inspiradas por esta situação altamente dramática, sublime de angústia e desesperação?

O nosso trovador arraiano tomou as coisas com mais tento e sossego, não endoideceu nem matou a sua Lúcia; e nem dela nem do seu Ravenswood nos diz que matassem a mais ninguém. O cavaleiro português faz justiça por outro modo nos que o tinham atraído. Levou-lhes a noiva, e deixou-lhes ficar a boda e o jantar.

## A NOIVA ARRAIANA

- «Deus vos salve, minha tia,  
Na vossa roca a fiar!»
- «Venha embora o cavaleiro  
Tão cortês no seu falar!»
- «Má hora se ele foi, tia,  
Má hora torna a voltar!  
Que já ninguém o conhece  
De mudado que há-de estar.  
Por lá o matassem moiros,  
Se assim tinha de tornar!»
- «Ai sobrinho de minha alma,  
Que és tu pelo teu falar!  
Não vês estes olhos, filho,  
Que cegaram de chorar?»
- «E meu pai e minha mãe,  
Tia, que os quero abraçar?»
- «Teu pai é morto, sobrinho,  
Tua mãe foi a enterrar.»
- «Que é da minha armada, tia,  
Que eu aqui mandei estar?»
- «A tua armada, sobrinho,  
Mandou-a o fronteiro ao mar.»
- «Que é do meu cavalo, tia,  
Que eu aqui deixei ficar?»
- «O teu cavalo, sobrinho,  
El-rei o mandou tomar.»
- «Que é da minha dama, tia,  
Que aqui ficou a chorar?»
- «Tua dama faz hoje a voda,  
Amanhã se vai casar.»
- «Dizei-me onde é, minha tia,  
Que me quero lá chegar.»
- «Sobrinho, não digo, não,  
Que te podem lá matar.»
- «Não me matam, minha tia;  
Cortesia eu sei usar:  
E onde faltar cortesia,  
Esta espada há-de chegar.»
- «Salve Deus, ó lá da voda,  
Em bem seja o seu folgar!»
- «Venha embora o cavaleiro,  
E que se chegue ao jantar!»
- «Eu não pretendo da voda  
Nem tão-pouco do jantar;  
Pretendo falar à noiva,  
Que é minha prima carnal.»

Vindo ela lá de dentro  
Toda lavada em chorar,  
Mal que viu o cavaleiro,  
Quis morrer, quis desmaiar.  
– «Se tu choras por me veres,  
Já me quero retirar;  
Se é os teus gastos que choras,  
Aqui estou para os pagar.»  
– «Pagar devia coa vida  
Quem me queria enganar,  
Quando te deram por morto  
Nessas terras de além-mar.  
Mas que fiquem com a voda  
E bem lhes preste o jantar,  
Que os meus primeiros amores  
Ninguém mos há-de quitar.»

– «Venha juiz de Castela,  
Alcaide de Portugal;  
Que, se aqui não há justiça,  
Co esta espada a hei-de tomar.»

## XXIX

## GUIMAR

*Dona Gaimar* – ou *Dona Águeda de Mexia*, como lhe chama a lição do Alentejo, é um interessante romancinho que aparece na tradição daquela província e na de Estremadura. Por ambas se apurou o texto que aqui dou.

Nem por outras províncias nossas, nem pelas colecções castelhanas há outro vestígio dele, que eu saiba.

Não é muito antigo o estilo. Mas o facto celebrado é o de uma morte aparente com a qual parece se julgou dissolvido o matrimónio: e disto houve exemplos em tempos remotos em que tinham por certa a morte, e por verdadeira ressurreição o tornar a si o suposto defunto.

Seja porém qual for a data desta composição, há copias dela que vão de par com o mais belo e original da poesia mais primitiva. Notarei especialmente a volta de Dom João à sua terra naquela manhã de Maio, que os passarinhos cantavam, os sinos tangiam e o rir da natureza se misturava com o chorar dos homens. Também não creio que haja nada mais belo que estoutros versos quando a morta vai tornando a si e pondo os olhos no amante:

Volta a vida que se fora  
Com todo o amor que não se ia.

## GUIMAR

Era a menina mais linda <sup>305</sup>  
 Que naquela terra havia;  
 Tão formosa e tão discreta  
 De outra igual se não sabia.  
 Muito lhe quer Dom João,  
 Muito de mais lhe queria:  
 Seus amores, seus requebros  
 Não cessam de noite e dia.  
 Por fidalgo e gentil moço  
 Ninguém tanto a merecia;  
 Senão que o pai da donzela <sup>306</sup>  
 Outro conselho seguia:  
 Casá-la quer muito rica  
 Com um mercador que aí havia,  
 Sem fazer caso de amores,  
 Sem lhe importar fidalguia.  
 Dom João, quando isto soube, <sup>307</sup>  
 Por pouco se não morria.  
*Foi-se dali muito longe*  
 Sem dizer para onde ia.  
 Três meses por lá andou,  
 Três meses nessa agonia  
 A vida que lhe pesava  
 Sofrê-la já não podia.  
 Mandou selar seu cavalo  
 Sem cuidar no que fazia;  
 Deitou por esses caminhos  
 Sem saber adonde ia.  
 O seu cavalo é quem mandava  
 Cavaleiro obedecia.  
 Passou por terras e terras,  
 Nenhuma não conhecia.  
 À sua tinha chegado,  
 Onde estava não sabia.  
 Era por manhã de Maio,  
 Todo o campo florescia,

---

<sup>305</sup> Era uma menina bela  
 Discreta e bem parecida,  
 Dom João a namorava,  
 Mil requebros lhe fazia. – *Alentejo*.

<sup>306</sup> Mas o pai daquela moça  
 Por melhor conselho havia  
 Casá-la com um mercador  
 Que aquelas partes vivia. – *Alentejo*.

<sup>307</sup> Dom João quando isto ouviu  
 Fora da terra se ia;  
 Por lá estivera três meses  
 Que sofrê-los não podia. – *Estremadura*.

Os passarinhos cantavam,  
 O prado verde sorria;  
 Lá de dentro da cidade  
 Um triste clamor se ouvia.  
 Eram sinos a dobrar,  
 E era toda a clerezia,  
 Eram nobres, era povo  
 Que da igreja saía...  
 Entrou de portas adentro,  
 De rua em rua seguia,  
 Chegou à de sua dama,<sup>308</sup>  
 Essa sim que a conhecia.  
 As casas onde morava,  
 Janelas aonde a via,  
 Tudo é coberto de preto,  
 Mais preto que ser podia.<sup>309</sup>  
 Mandou chamar uma dona<sup>310</sup>  
 Que ela consigo trazia:  
 – «Dizei-me por Deus, senhora,  
 Dizei-me por cortesia,  
 Esse luto tão pesado  
 Por quem trazeis, que seria?»  
 – «Trago por minha senhora,  
 Dona Guimar de Mexia,<sup>311</sup>  
 Que é com Deus a sua alma,  
 Seu corpo na terra fria.  
 E por vós foi, Dom João,  
 Por vosso amor que morria.»<sup>312</sup>  
 Dom João quando isto ouviu<sup>313</sup>  
 Por morto em terra caía,  
 Mas a dor era tamanha<sup>314</sup>  
 Que à força dela vivia.  
 Os seus olhos não choravam,  
 Sua boca não se abria.  
 Mirava a gente em redor  
 Para ver o que faria.  
 Vestiu-se todo de preto,  
 Mais preto que ser podia,<sup>315</sup>  
 Foi-se direito à igreja

---

<sup>308</sup> Veio-se a passear

À rua de sua amiga. – *Alentejo*.

<sup>309</sup> Do mais preto que havia – *Estremadura*.

<sup>310</sup> Mandou chamar uma dama

Por Deus à cortesia:

– «Dize-me tu por quem trazes

Ausências tão doloridas». – *Alentejo*.

<sup>311</sup> Dona Águeda de Mexia – *Alentejo*.

<sup>312</sup> Por vós foi sua partida – *Estremadura*.

<sup>313</sup> Palavras não eram ditas – *Estremadura*.

<sup>314</sup> Mas a dor era tão forte – *Estremadura*.

<sup>315</sup> Do mais preto que havia – *Estremadura*.

Onde sua dama jazia:<sup>316</sup>  
 – «Eu te rogo sacristão,  
 por Deus e Santa Maria,  
 eu te rogo que me ajudes<sup>317</sup>  
 a erguer esta campa fria.»  
 Aí a viu tão formosa  
 Tal como dantes, a via;  
 Aí, morta, sepultada,  
 Inda outra igual não havia,  
 Pôs os joelhos em terra,  
 Os braços ao céu erguia,  
 Jurou a Deus e à sua alma  
 Que mais a não deixaria.  
 Puxou de seu punhal de oiro,<sup>318</sup>  
 Que na cintura trazia,  
 Para a acompanhar na morte  
 Já que em vida não podia.  
 Mas não quis a Virgem santa,<sup>319</sup>  
 A Virgem Santa Maria,  
 Que assim se perdesse uma alma  
 Que só de amor se perdia.  
 Por juízo alto de Deus  
 Um milagre se fazia:  
 A defunta a mão direita  
 Ao seu amante estendia,  
 Seus lindos olhos se abriram,  
 A sua boca sorria;  
 Volta a vida que se fora,  
 Com todo o amor que não se ia.  
 Seu pai, o foram buscar,  
 Que já estava na agonia;  
 Vêm amigos, vêm parentes,  
 Todos em grande alegria.  
 Dão graças à Santa Virgem,  
 Cujo milagre seria;  
 E a Dom João dão a esposa,  
 Que tão bem a merecia.

---

<sup>316</sup> Onde a sua dama tinha – *Alentejo*.

<sup>317</sup> Que me ajudes a erguer

A campa de minha amiga. – *Alentejo*.

<sup>318</sup> Puxou por um punhal de oiro

Por lhe fazer companhia.

<sup>319</sup> Permitiu a Virgem Santa,

A Virgem Santa Maria,

Que se não perdesse uma alma

Por um preceito que tinha. – *Alentejo*.

## XXX

## O CORDÃO DE OIRO

Não parece esta uma daquelas *verdes* anedotas que a prosa de Bocácio e os versos de La Fontaine immortalizaram? O estilo é menos licencioso, porque sincera e nua às vezes, contudo é sempre mais casta a poesia primitiva. O seu pudor é o da ingenuidade que se despe porque mal não pensa, não o da hipocrisia que por maliciosa se cobre. Contudo os dois últimos versos são um verdadeiro remate de epigrama que faria honra a um poeta da escola de Voltaire, e podia ser feixo de uma cantiga de vaudeville de Scribe. Entre portugueses, só D. Francisco Manuel de Melo ou Nicolau Tolentino os faria tão naturais e tão picantes ao mesmo tempo.

Assim a adivinhar, que é o único modo de entrar nestes pontos, orço a data desta composição pelos tempos da guerra da Aclamação, isto é, por meados do século XVII.

É omissos nos romances dos nossos vizinhos; e em Portugal não tenho notícia de que se encontre senão na tradição oral de Trás-os-Montes, onde achei três cópias dele, uma mais completa que as outras; delas se apurou o presente texto. As variantes quase todas desprezíveis.



## O CORDÃO DE OIRO

Lá se vai o capitão  
 Cos seus soldados à guerra:  
 Duzentos eram quintados,<sup>320</sup>  
 Eram duzentos de leva.  
 Se todos eles vão tristes,  
 Um mais que todos o era;  
 Baixa trás a sua espada,  
 Seus olhos postos em terra.  
 Lá no meio do caminho  
 O capitão lhe dissera:  
 – «Porque vais triste, soldado,  
 Essa paixão por quem era?»  
 – «Não é por pai nem por mãe,  
 nem por irmã que eu tivera,<sup>321</sup>  
 É pela esposa que deixo  
 Lá tão só na minha terra.  
 Este cordão de oiro fino,  
 Que sete arráteis bem pesa,  
 Mais me pesa a mim levá-lo,  
 Que ao partir lho não dera!»  
 – «Soldado, tens sete dias  
 Para que voltes a vê-la.  
 Se a encontrares chorando,  
 Ficas sete anos com ela:  
 Senão, nem mais uma hora  
 Terás de aguardo ou de espera.»

Quem saltava de contente  
 O meu soldadito era.  
 Deixou estrada direita,  
 Por atalhos se metera;  
 Inda não é meia-noite,  
 À sua porta batera.  
 – «Quem bate à minha porta,  
 quem bate com tanta pressa?»  
 – «É um soldado, senhora;  
 que vos traz novas da guerra.»  
 – «Mal haja a nova que traz,  
 e mais quem veio trazê-la!  
 Ergue-te tu, a minha vida,  
 Assoma-te a essa janela;  
 Despede-me esse soldado  
 Que a tão má hora aqui chega.»  
 – «Amigo vindes errado

---

<sup>320</sup> Duzentos quintados eram – *Trás-os-Montes*.

<sup>321</sup> Nem por minha irmã mais velha – *Trás-os-Montes*.

Co as vossas novas da guerra:  
Deixai-nos dormir em paz,  
Que bem precisamos dela.»

Foi-se dali o soldado  
Mais pronto do que viera:  
– «Bem haja o meu capitão  
Pelo bem que me fizera!  
Com sete dias de aguardo...  
Nem sete horas carecera  
Para me quitar saudades,  
Livrar-me de toda a pena!  
Tomai lá meu capitão  
Os mimos da minha terra;  
Este cordão de oiro fino,  
Que agora ainda mais me pesa.  
Minha mulher não precisa,  
Que os primos podem mantê-la.»  
– «Pois tua mulher tem primos,  
E tu vinhas com dó dela!...»

## XXXI

## O CEGO

Há duas baladas escritas em dialecto escocês por ei-rei James V de Escócia, que ambas se parecem muito com esta. Uma especialmente, *The Gaberlunzie man*, até no metro e nas formas exteriores dá bastantes ares da nossa xácara. Começa assim:

The pauky auld earle come ovir the lee  
 wi' mony good-eens and days to mee,  
 Sayinh Goodwife, for zour courtesie,  
 Will ze ledge a silly poor man?<sup>322</sup>

O rei James que morreu de trinta e três anos, em 13 de Dezembro de 1542, era um jovem rei, tunante e maganão, que se disfarçava em trajos de mendigo, de adelo, ou que tais, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeias ou pelos bairros escusos das cidades. Cantor de seus próprios feitos, celebrava-os depois em galantes trovas, a que não falta a graça nem o chiste do género. A que se intitula *The Jolly Beggar*, e que por licenciosa e fresca de mais, a não admitiu o bispo Percy na sua colecção, talvez tenha ainda mais mérito de arte.

O *Gaberlunzie man* da real balada é porém todo inteiro o *Cego* da nossa xácara, menos em certos incidentes, que são mais poéticos e mais interessantes na composição portuguesa.

Disfarçado em trajos de cego mendigo, um senhor de alta jerarquia falou de amores a uma donzela de muito inferior nascimento que vivia com sua velha mãe. Por acordo, mais ou menos expresso entre os dois amantes, se apresenta este por noite à porta da velha com a sua caramunha. A mãe dorme; e Aninhas, que responde ao cego, parece fazê-lo ou com ironia ou em pique de ciúmes, e por nenhum modo lhe quer abrir porta ou postigo a.

Põe-se o cego a cantar lamentosamente a sua desgraça; e com a chorada cantilena se abranda ou finge abrandar-se o coração da rapariga. Desperta a mãe para que o venha ouvir; e quando esta condoída lhe manda dar esmola, o cego recusa, não quer senão que o ponham no caminho que perdeu. E a própria velha, coitada, a que diz à filha que lho vá ensinar. E assim fogem os dois, com a maior tranquilidade, com que ainda fugiram amantes.

Note porém a mestria do nosso poeta popular. A fugitiva sustenta sempre aquela tão perdoável hipocrisia feminina, último protesto do pudor moribundo. Fiando homericamente na sua roca, vai fingindo guiar o cego, vai parecendo acreditar que não sabe aonde nem a que vai. Senão quando, aparece um tropel de cavaleiros: é a comitiva do nosso rei encoberto, príncipe ou conde pelo menos. Adeus gaivão de cego, e andrajos de mendigo! A cavalo e trotar largo! Já o cego vê, já a donzela sabe onde vai. E com este seu fino e malicioso dito, conclui a trova:

Um cego me leva, e vejo o caminho.

Tal é o argumento da cantiga portuguesa muito mais romanesco do que o das escocesas, posto que seja o mesmo o fundo da anedota.

Não duvido supor que talvez de Glasgow ou de Oberdeen trouxessem os nossos

<sup>322</sup> Percy's *Reliques of ancient english poetry*, Séries II, book I, 10.

mareantes esta história, e de Viana ou do Porto se internasse pelo Minho onde ela é mais vulgar. Não lho pagaríamos só em vinho e fruta aos nossos amigos do norte, porque em mercadorias daquele mesmo género para lá temos exportado bastante.

A forma métrica é a do romance de Santa iria, O texto foi restituído com dificuldade, porque esta forma se presta ainda mais à corrupção do que a outra, desafiando o prolífico talento dos nossos trovadores de aldeia a bordar seus pretensiosos floripôndios sobre a singela telagarça do original.

Vão por ementa, apontadas algumas variantes menos absurdas.

## O CEGO

- «Abre a porta, Ana, abre de mansinho,<sup>323</sup>  
Que venho ferido, morto do caminho.»  
– «Se vindes ferido, pobre coitadinho!  
Ireis muito embora por outro caminho.»  
– «Ai! Abre-me a porta, abre de mansinho,  
Que tão cego venho, não vejo o caminho.»
- «Porta nem postigo não abro ao ceguinho,  
Vá-se na má hora pelo mau caminho. »  
– «Ai do pobre cego que anda sozinho  
Cantando e pedindo por esse caminho!»
- «Minha mãe acorde, oiça aqui baixinho<sup>324</sup>  
Como canta o cego que perdeu o caminho.»  
– «Se ele canta e pede, dá-lhe pão e vinho;  
E o pobre cego que vá o seu caminho.»  
– «O teu pão não quero, não quero o teu vinho,  
Quero só que Aninhas<sup>325</sup> me ensine o caminho.»  
– «Toma a roca, Ana, carrega-a de linho,  
Vai com o pobre cego, pô-lo a caminho.»
- «Espiou-se a roca, acabou-se o linho,  
Fique embora o cego, que este é o seu caminho.»  
– «Anda mais, Aninhas, mais um bocadinho,  
Sou um pobre cego, não vejo o caminho.»  
– «Ai! Arreda, arreda para este altinho,  
Que aí vêm cavaleiros por esse caminho.»  
– «Se vêm cavaleiros, vêm devagarinho,  
Que há muito me tardam por este caminho.»  
A cavalaria passou de mansinho...  
Cego, lo meu cego já via o caminho.<sup>326</sup>  
Montou-me a cavalo com muito carinho...  
Um cego me leva... e vejo o caminho!

---

<sup>323</sup> Abre a porta, Ana, abre o teu postigo.  
Dá-me um lenço, amor, que venho ferido.  
«Se vindes ferido, vinde muito embora,  
Porque minha porta não se abre agora.» – *Estremadura*.

<sup>324</sup> «Minha mãe acorde do doce dormir,  
Venha ouvir o cego cantar e pedir.» – *Estremadura*.

<sup>325</sup> Diminutivo minhoto de Ana.

<sup>326</sup> Este é um modo de dizer provinciano bastante usado do nosso povo em quase todo o reino. *Filho, lo meu filho; madre, la minha madre*, etc., ocorre em muitas cantigas populares, romances e semelhantes. São relíquias do antigo asturiano que o nosso dialecto conservou tanto e mais do que o castelhano. O mesmo fizeram os nossos vizinhos de Galiza. Tem sido tenaz nestes belos arcaísmos a poesia do povo, porque a salva dos iatos que tanto repugnam.

## XXXII

## LINDA-A-PASTORA

Quem desce Tejo abaixo, por esta margem do Norte onde está Lisboa, e tendo saudado o precioso monumento de Belém, a sua torre não menos bela, entra no fashionável Pedreiro e daí segue às praias do Dafundo até à Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pode dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sítios que, depois de Cintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de Agosto a princípios de Novembro é que tudo ali corre, e que os banhos do mar povoam aqueles belos ermos, nas outras estações desamparados.

Quem tiver porém o bom gosto de resistir ao despotismo tarifeiro da moda, e se abalançar em Maio ou Junho a este largo passeio, que no estado dos nossos caminhos é antes uma pequena viagem, creia que há-de ser pago de sua nobre ousadia. Não há palavras que digam todas as belezas daquela terra, daquele céu, daquelas águas. A esquerda o Tejo, os navios que entram e saem, as frotas de barcos pescarejos, a areia alva junto à beira da água, e logo pegada à salsugem, a prodigiosa vegetação das plantas que a amam e em que se pasce guloso e largo à vontade o gado. Perto, um saveiro que chegou à terra e cuja campanha puxa ao longo da praia pela rede que arrasta os inumeráveis cardumes de peixes que logo virão saltar na areia. À direita nas eminências, as ruínas pitorescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto encastado na verdura viçosa e florida da Primavera que ainda não queimou o sol do Estio. No fim do Verão quando vai todo o mundo, já não há senão resteva nos campos, talos de ervas secas nos montes, árvores sem folhas, poeira nos ares, e uma ventaneira despregada que não cessa.

Já me eram familiares de anos aqueles sítios; mas posso dizer que os não conheci bem e como eles são deveras, senão quando, haverá hoje três anos, ali fui um dia primeiro de Maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas chegando à ribeira de Jamor, parei extasiado no meio da sua ponte, porque a várzea que daí se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma beleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velejam centenas de moinhos. Árvores grandes e belas, como rara vez se encontram nesta província *dendroclasta*, rodeavam melancolicamente, no mais fundo do vale, a velha mansão do Rodízio. E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia de Suíça com suas casinhas brancas, suas ruas em socacos, seu presbitério ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreirais, jardinzitos, quase pênsis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difícil de encontrar tão perto de uma grande capital.

O lugarejo é bem conhecido de nome e fama, chama-se Linda-a-Pastora. Porquê? Não sei. Têm-me jurado antiquários de «meia-tigela» que o seu nome verdadeiro é *Niña a Pastora*. Mas enquanto não achar algum de «tigela inteira» que me saiba dar a razão por que se havia de chamar assim, meio em português meio em castelhano, um aldeote de ao pé de Lisboa – hei-de chamar-lhe eu, como os seus habitantes e toda a gente diz: Linda-a-Pastora.

Namorei-me do sítio por modo, que ali passei o Verão todo: e dali fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças, que todas são bonitas. Foi neste próprio e apropriado sítio que a sr<sup>a</sup> Francisca, lavadeira bem conhecida do lugar, me deu a última e, ao parecer,

mais correcta lição que do presente romance tinha obtido. Em outras partes do reino traz ele o título de *Pastorinha*; aqui era justo e natural que se lhe desse o de Linda-a-Pastora, que assentei conservar-lhe.

Na forma é um romance em endeixas, mas o fundo é de uma verdadeira pastorela do género provençal; nem a fariam mais graciosa Giraud Riquier ou Giraud de Borneill.

Tem muitas variantes, porque todo o reino a sabe e canta. Eu noto somente as principais.

## LINDA-A-PASTORA

– «Linda pastorinha, que fazeis aqui?»  
 – «Procuro o meu gado que por aqui perdi.»  
 – «Tão gentil senhora a guardar o gado!»  
 – «Senhor, já nascemos para esse fado.»  
 – «Por estas montanhas em tão grande p'rito!  
 Diga-me, ó menina, se quer vir comigo.»  
 – «Um senhor tão guapo dar tão mau conselho <sup>327</sup>  
 Querer que se perca o gado alheio!»  
 – «Não tenha esse medo que o gado se perca <sup>328</sup>  
 Por aqui passarmos uma hora de sesta.»  
 – «Tal razão como essa não na ouvirei, <sup>329</sup>  
 Já dirão meus amos que de mais tardei.»  
 – «Diga-lhe, menina, que se demorou  
 Co esta nuvem d'água que tudo molhou.»  
 – «Falarei verdade, que mentir não sei:  
 À volta do gado eu me descudei.»  
 – «Pastorinha, escute, que oiço balar gado...»  
 – «Serão as ovelhas que me tem faltado.»  
 – «Eu lhas vou buscar já muito depressa,  
 Mas que me espedace por essa charneca.»  
 – «Ai como vai grave de meias de seda!  
 Olhe não as rompa por essa resteva.» <sup>330</sup>  
 – «Meias e sapatos <sup>331</sup>, tudo rompere <sup>332</sup>  
 Só por lhe dar gosto, minha alma, meu bem.»  
 – «Ei-lo aqui vem; é todo o meu gado.»  
 – «Meu destino foi ser vosso criado.»  
 – «Senhor, vá-se embora, não me dê mais pena,  
 Que há-de vir meu amo trazer-me a merenda.»  
 – «Se vier seu amo, venha muito embora;  
 Diremos, menina, que cheguei agora.»  
 – «Senhor, vá-se, vá-se, não me dê tormento:  
 Já não quero vê-lo nem em pensamento.»  
 – «Pois adeus, ingrata da Linda-a-Pastora!  
 Fica-te, eu me vou pela serra fora.» <sup>333</sup>  
 – «Venha cá, senhor, torne atrás correndo...  
 Que amor é cego, já está rendendo.»  
 Sentaram-se à sombra... tudo estava ardendo... <sup>334</sup>

<sup>327</sup> Não deve ser nobre quem dá tal conselho. – *Minho, Beira Baixa.*

<sup>328</sup> Eu não digo isso, que o gado se perca.

Mas que descansemos uma hora de sesta. – *Beira Alta, Estremadura.*

<sup>329</sup> Que dirão meus amos em que me ocupei. – *Beira Alta.*

<sup>330</sup> Por essas estevas. – *Alentejo.*

<sup>331</sup> Meias e vestidos. – *Ribatejo.*

<sup>332</sup> Romperem. – *Coimbra.*

<sup>333</sup> Vai guardar teu gado pela serra fora. – *Beira Alta.*

<sup>334</sup> Senta-te a esta sombra que está o mundo ardendo

– «Eu bem não queria, mas estou querendo.»

– «Cala-te, pastora, não digas mais nada,



Quando elas não querem, então 'stão querendo.

---

Que a aposta que eu fiz já está ganhada.»  
– «Senhor, vou sentar-me não por má tenção.  
Pois sabe a verdade, que sou teu irmão. – *Beira Alta*.  
– «Sente-se a esta sombra, passemos a sesta,  
Já pouco me importa que o gado se perca.»  
Oh gente da casa, acudi ao gado,  
Que foge a pastora co seu namorado. – *Minho*.

## ROMANCES COM FORMA LITERÁRIA

## XXXIII

## DOM DUARDOS

O último conhecido dos nossos poetas populares antigos, o verdadeiro fundador do teatro de Espanha, Gil Vicente, não era só poeta cómico, segundo vulgarmente se crê às cegas, porque poucos abrem os olhos para o lerem com atenção, para estudar nele, como todos deviam, língua, costumes, estilo, cor e tom nacional da época: nenhum outro escritor português os teve tão verdadeiros, tão caracterizados e sinceros.

O romance heróico ou épico, isto é, o que celebrava grandes feitos e sucessos nacionais, ou interessantes aventuras de guerras e de amores – que dele tomaram depois o apelido de *romancescas*, ou porque não *romancescas*? hoje mais inglesadamente *românticas* – este que também rimou muitas vezes devotas legendas de santos e de milagres, os passos da história sagrada de ambos os Testamentos, e até os próprios mistérios do dogma; o romance épico em toda a sua primitiva simpleza foi também cultivado por Gil Vicente.

Com ele e com Bernardim Ribeiro creio que morreu, literariamente falando nos fins do século XV, princípios do XVI, para ressuscitar depois, à primeira trombeta do seiscentismo, como todos os géneros populares que por essa reacção ressurgiram: mas rebicado e contrafeito, secante de metáforas, pesado de conceitos, escrito enfim, com a pena de asa da *Fénix renascida*.

Quanto ele fora estimado e cultivado entre nós em tempos de Gil Vicente, vê-se de muitos lugares de seus dramas. E aí se vê também que promiscuamente compunham os nossos trovadores já no dialecto de Castela, já no de Portugal, e ainda o mesmo romance ou solau ora se cantava em uma, ora noutra linguagem.

Para exemplo e prova, leia-se com atenção o diálogo do feiticeiro com a ama de Cismena na cena II de Rubena<sup>335</sup>. Aí vêm citados como portugueses e em português, a par de outras cantigas castelhanas, muitos romances que alguns passam hoje por legítimos filhos de Castela em suas colecções se encontram; de outros nem por elas há memórias. Tal é o que começa:

«Eu me sam Dona Giralda»

de que não achei outro vestígio nem nos romanceiros castelhanos, nem na nossa tradição oral. Tal é est'outro:

«En Paris está Donalda;»

que vem nos citados romanceiros, posto que diferentemente escrito.

Também no auto dos *Quatro tempos cantam estes «ate chegar ao presépio»*, manda a rubrica<sup>336</sup>, *uma cantiga francesa que diz:*

«Ai de la noble  
Villa de Paris!

<sup>335</sup> *Gil Vicente*, edição de Hamburgo, 1834, tomo II, pág. 27.

<sup>336</sup> *Ibid.* tom. I, pág. 92.

É claro que este é um romance; e romance conhecido, e que não era castelhano nem português, mas francês. E daqui se depreende também uma coisa que muitas vezes tenho julgado entrever, e de que tenho quase uma consciência íntima, sem ousar dá-la por certa, porque não há ainda todas as provas documentais que se precisam para uma asserção que há-de parecer atrevida: e é – que os romances primitivos quase que eram comuns às línguas *romanas*, e que nenhuma os vindicava exclusivamente: porque o trovador catalão ou provençal, português, normando ou castelhano pertencia mais à *república literária* e artística de sua profissão, do que a nenhum reino ou nação, ou divisão política do país. Cantava-se o romance para lá do Ebro? davam-se às palavras desinências mais curtas e contraídas; dizia-se para cá dele? produziam-se mais arredondadas. Entre Portugal e Castela menos era preciso ainda, porque as línguas, já eram semelhantes, ainda o eram mais então, e no especial dialecto do romance dobradamente.

Aponto isto aqui somente como emenda, para mais devagar se reflectir e estudar no que indico. Há grande verdade na indicação; mas até onde ela chega, não sei dizer por hora, nem saberei talvez nunca, porque me não sobra tempo nem paciência para dar professadamente a estas coisas. Vou escrevendo o que me ocorre como curioso. A ciência fará o seu ofício com o tempo. Eu não pretendo a literato nem a crítico, e nestas coisas menos que em nenhuma. Ocupo as minhas horas vagas com estes divertimentos inocentes; não faço mais nada.

Tornando ao nosso Gil Vicente, na segunda cena – acto, jornada, ou parte II – da *Rubena*, canta a Cismena em português outro princípio de romance mui notável pelo metro pouco usado na nossa língua:

«Grandes bandos andam na corte,  
Traga-me Deus meu bonamore.»

Muitas outras provas achará ali o leitor curioso de que este género era o mais popular então entre nós. Como tal o cultivou Gil Vicente; e assim o mostra o romance dos *Padres no Limbo* no auto da *História de Deus*, o da *Barca dos Anjos* no auto do *Purgatório*, o da *Infanta* no auto das *Cortes de Júpiter*, e muitos outros dispersos por suas obras dramáticas, além dos dois bem conhecidos que expressamente compôs, um à morte del-rei Dom Manuel, outro à aclamação de Dom João III.

Este primeiro que aqui ponho é o de *Dom Duardos* que vem no fim da tragicomédia (aliás drama cavalheiresco) do mesmo título. Em castelhano foi escrita a tragicomédia, e em castelhano ali vem o romance; na colecção, que por vezes tenho citado, do cavalheiro de Oliveira, aparece em português com declaração de se encontrar assim num antigo manuscrito do século XVI que visivelmente era contemporâneo do poeta. Eu dou-o em ambas as línguas. E posto que os nossos vizinhos o codificassem em seus romanceiros como próprio, fica assim evidente o ser ele de fábrica portuguesa e do nosso Gil Vicente, quer primitivamente o compusesse ele na nossa língua, quer na deles.

Eis aqui o que no fim da trágicomédia, diz Artada, antes de cantar o romance:

«Por memoria de tal trance  
Y tam terrible partida  
venturosa,  
Cantemos nuevo romance  
A la nueva despedida  
Peligrosa.»

Acabado de cantar e findo o auto, diz o patrão, virando-se para el-rei – não o rei

da comédia, mas o rei português Dom João III, em cuja corte e presença ela se representava:

«Lo mismo iremos cantando  
Por esa mar adelante,  
A las sirenas rogando;  
Y Vuestra alteza mandando:  
Que en la mar siempre se cante.»

Era pois novo o romance, por seu o dava Gil Vicente, que não precisava nem usava de brilhar com o alheio, e a el-rei seu amo e seu protector, como tal o endereçava. Não posso deixar de o crer e aceitar como seu.

A lição portuguesa de Oliveira difere algum tanto da castelhana de Gil Vicente; e esta não pouco da que vem no ROMANCEIRO GERAL de Duran e no TESORO de Ochoa.

DOM DUARDOS <sup>337</sup>

Era pelo mês de Abril,  
 De Maio antes um dia,  
 Quando lírios e rosas  
 Mostram mais sua alegria;  
 Era a noite mais serena  
 Que fazer no céu podia,  
 Quando a formosa infanta,  
 Flérida já se partia;  
 E na horta de seu padre  
 Entre as árvores dizia:  
 – «Com Deus vos ficade, flores,  
 Que éreis a minha alegria!  
 Vou-me a terras estrangeiras  
 Pois lá ventura me guia;  
 E se meu pai me buscar,  
 Pai que tanto me queria,  
 Digam-lhe, que amor me leva,  
 Que eu por vontade não ia;  
 Mas tanto ateimou comigo  
 Que me venceu coa porfia.  
 Triste, não sei onde vou,  
 E ninguém não mo dizia!...»  
 Ali fala Dom Duardos:  
 – «Não choreis, minha alegria,  
 Que nos reinos da Inglaterra  
 Mais claras águas havia,  
 E mais formosos jardins,  
 E flores de mais valia.  
 Tereis trezentas donzelas  
 De alta genealogia;  
 De prata são os palácios  
 Para vossa senhoria;  
 De esmeraldas e jacintos  
 E oiro fino de Turquia,  
 Com letreiros esmaltados,  
 Que a minha vida se lia,  
 Contando das vivas dores  
 Que me destes nesse dia  
 Quando com Primalião  
 Fortemente combatia:  
 Matastes-me vós, senhora  
 Que eu a ele não o temia...»  
 Suas lágrimas enxugava  
 Flérida que isto ouvia.  
 Já se foram às galeras

---

<sup>337</sup> Lição portuguesa, segundo *Oliveira*

Que Dom Duardos havia.  
Cinquenta eram por conta,  
Todas vão em companhia  
Ao som do doce remar  
A princesa adormecia  
Nos braços de Dom Duardos,  
Que também a merecia.

Saibam quantos são nascidos  
Sentença que não varia:  
Contra a morte e contra amor  
Que ninguém não tem valia.

VERSÃO CASTELHANA DE GIL VICENTE <sup>338</sup>

En el mes era de Abril,  
 De Mayo antes um dia,  
 Cuando unos y rosas  
 Muestran mas su alegria.  
 En la noche mas serena  
 Quel el cielo hacer podia,  
 Cuando lia hermosa infanta  
 Flérida ya se partia:  
 En la huerta de su padre  
 A los árboles decia:  
 «Quedaos adios, mis flores,  
 Mi gloria que ser solia:  
 Voyme á tierras estrangeras  
 Pues ventura alla me guia.  
 Si mi padre me buscare  
 Que grande bien me queria  
 Digan que amor me lleba  
 Que no fué la culpa mia:  
 Tal tema tomó commigo  
 Que me venció su porfia.  
 Triste nó se adó vá.  
 Ni nadie me lo decia.»  
 Allí habla Dom Duardos:  
 «No lloreis mi alegria,  
 Que en los remos de Inglaterra  
 Mas claras aguas habia,  
 Y mas hermosos jardines  
 Y vuesos, señora mia.  
 Terneis trecientas doncellas  
 De alta genealogia;  
 De plata son los palacios  
 Para vuesa señoria,  
 De esmeraldas y jacintos,  
 De oro fino de Turquia  
 Com lettreros esmaltados  
 Que cuentan la vida mia,  
 Cuentan los vivos dolores  
 Que me distes aquel dia  
 Cuando con Primaleon  
 Fuertemente combatia:  
 Señora vos me matastes,  
 Que yo a el no lo temia.  
 Sus lágrimas consolaba.  
 Flérida qu' esto oia;  
 Fueron-se a las galeras

---

<sup>338</sup> Obras de *Gil Vicente*, ed. de Hamburgo, 1834, T. II, p. 249.

Que Don Duardos tenia.»  
Cincuenta eran por cuenta,  
Todas van eu compañía.  
Al son de sus dulces remos  
La princesa se adormia  
En brazos de Dom Duardos  
Que bien le pertenecia.  
Sepan cuantos son nacidos  
Aquesta sentencia mia:  
Que contra la muerte y amor  
Nadie no tiene valia.



## XXXIV

## A AMA

Bernardim Ribeiro foi natural da vila do Torrão no Alentejo, vivia por fins do XIV, princípios do XV século; era moço fidalgo del-rei Dom Manuel e servia no paço, onde a beleza e perfeições da infanta Dona Beatriz lhe inspiraram uma paixão de verdadeiro «Macias namorado». Ainda não estava tão longe o tempo em que princesas e rainhas ouviam sem enfado e aceitavam sem desaire as homenagens dos trovadores. Bernardim era moço, talvez bem parecido, discreto decerto; há toda a razão de crer que foi ouvido com simpatia e indulgência. Toda a sua felicidade ficou por aqui, segundo ele diz:

«Que para mais esperar  
Nunca me deram lugar.»

E esta deve de ser a verdade; ou ele, de fino amante, no-la ocultou: em qualquer dos casos devemos crê-lo sobre sua palavra.

A infanta casou por procuração com o duque Carlos de Sabóia, em Lisboa nos paços da Ribeira, a 7 de Abril de 1520<sup>339</sup>; e em Agosto seguinte partiu para Itália. As «Saudades»<sup>340</sup> do seu amante ficaram eternizadas no misterioso livro que com este título compôs. Dele se extraiu este romance, propriamente solau. Tudo aqui é contado e dito por um modo de enigmas e alegorias inteiramente inexplicáveis para quem ignorasse os misteriosos amores do trovador e da princesa. Tão sincero – e amiúde grosseiro a poder de sincero – é o modo de dizer dos antigos menestréis, quanto este é delicado por demais, e à força de o ser, obscuro.

O argumento simplíssimo diz-se em poucas palavras.. Beatriz está retirada em sua câmara. Sua paixão por Bernardim não é segredo para a boa ama que a criou e que tanto lhe quer. Canta-lhe esta um *cantar* a modo de *solau* em que tristemente conta e lamenta a má ventura que desde a nascença tem perseguido a sua querida menina, e que maiores desgraças lhe faz temer no futuro.

O estilo tem toda a ingenuidade dos antigos cantares, todo aquele perfume de bonina selvagem que só se encontra pelas devesas incultas da poesia primitiva. E todavia, se ainda são as flores singelas do monte, já se conhece arte no formar do ramalhete. Já não são as notas desgarradas, e ásperas por vezes, do primeiro trovar asturiano ou leonês que tinham à dureza de ferro dos descendentes de Pelaio. Já por aqui andam *modos* de trovador provençal. A melodia porém ainda é puramente romântica; as harmonias é que pressentem formas mais clássicas. Vê-se o antigo toante do romance peninsular cedendo à difícil e dura lei das complicadas rimas provençais. Há mais ainda; há uma perfeição no *número* dos ritmos que adivinha já as doçuras italianas. É o trovador do século XV dando a mão ao poeta do século XVI. O que predomina todavia é o modo provençal; e este é, repito, um legitimo solau.

<sup>339</sup> Garcia de Resende, *hida da infanta*, etc.

<sup>340</sup> *Saudades de Bernardim Ribeiro*, Lisboa 1795.

## A AMA

Pençando-vos<sup>341</sup> estou filha,  
 Vossa mãe me está lembrando:  
 Enchem-se-me os olhos d'água,  
 Nela vos estou lavando.

Nasceste filha, entre mágoa;  
 Pera bem inda vos seja!  
 Pois em vosso nascimento  
 Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento  
 Nenhuma alegria ouvistes;  
 Vossa mãe era finada,  
 Nós outros éramos tristes.

Nada<sup>342</sup> em dor, em dor criada,  
 Não sei onde isto há-de ir ter:  
 Vejo-vos, filha, formosa,  
 Com olhos verdes a crescer.

Não era esta graça vossa  
 Pera nascer em desterro:  
 Mal haja a desventura  
 Que pôs mais nisto que o erro!

Tinha aqui sua sepultura  
 Vossa mãe, e a mágoa a nós!  
 Não éreis vós, filha, não,  
 Pera morrerem por vós.

Não ouvem fados razão,  
 nem se consentem rogar;  
 De vosso pai hei mor dó,  
 Que de si se há-de queixar.

Eu vos ouvi a vós só  
 Primeiro que outrem ninguém;  
 Não fôreis vós se eu não fora:  
 Não sei se fiz mal se bem.

Mas não pode ser, senhora,  
 Pera mal nenhum nascerdes,  
 Com esse riso gracioso  
 Que tendes sob olhos verdes.

---

<sup>341</sup> No sentido de dar o penço à criança; com a qual significação o verbo se deve escrever com ç e não com s.

<sup>342</sup> Nascida.

Conforto, mas duvidoso,  
Me é este que tomo assi!  
Deus vos dê melhor ventura  
Do que tivestes 'té aqui.

A Dita e a Formosura,  
Dizem patranhas antigas,  
Que pelejaram um dia.  
Sendo dantes muito amigas.

Muitos hão <sup>343</sup> que é fantasia:  
Eu, que vi tempos e anos,  
Nenhuma coisa duvido,  
Como ela é aso de danos. <sup>344</sup>

Nem nenhum mal não é crido,  
O bem só é esperado:  
E na crença e na esperança,  
Em ambas há hi cuidado,  
Em ambas há hi mudança.

---

<sup>343</sup> Tem para si.

<sup>344</sup> De nenhuma coisa duvido, que seja azo de danos.

## XXXV

## AVALOR

Este, que é verdadeiro romance na forma assim como no estilo, parece ter sido feito à partida da infanta para Sabóia, ou talvez por ocasião da viagem que Bernardim Ribeiro ali fez para a ver.

Fosse como ou quando fosse, ele é admirável. Há menos artifício métrico, não menos beleza de poesia que nos outros, não menos sentimento. O estilo é mais desleixado, mais vago, mais de romance.

Em todas as vastíssimas colecções castelhanas não há nada tão belo de elegante simplicidade.

Já se vê que não faço a comparação no género heróico ou histórico, digo-o dos romances de amor e aventura.

## AVALOR

Pela ribeira de um rio  
 Que leva as águas ao mar,  
 Vai o triste de Avalor,  
 Não sabe se há-de tornar.  
 As águas levam seu bem,  
 Ele leva o seu pesar;  
 E só vai, sem companhia,  
 Que <sup>345</sup> os seus fora ele deixar;  
 Ca quem não leva descanso  
 Descansa em só caminhar.  
 Descontra donde ia a barca,  
 Se ia o sol a baixar;  
 Indo-se abaixando o sol,  
 Escurecia-se o ar;  
 Tudo se fazia triste  
 Quanto havia de ficar.  
 Da barca levantam remos,  
 E ao som do remar  
 Começaram os remeiros  
 Da barca este cantar:  
 – «Que frias eram as águas!  
 Quem as haverá de passar?»  
 Dos outros barcos respondem:  
 – «Quem as haverá de passar?»  
 Frias são as águas, frias,  
 Ninguém mas pode passar;  
 Se não quem pôs a vontade  
 Donde a não pode tirar.  
 Trá-la <sup>346</sup> barca lhe vão olhos  
 Quando o dia dá lugar:  
 Não durou muito, que o bem  
 Não pode muito durar.  
 Vendo o sol posto contr'ele <sup>347</sup>  
 Não teve mais que pensar;  
 Soltou rédeas ao cavalo  
 À beira do rio a andar.  
 A noite era calada  
 Pera mais o magoar,  
 Que ao compasso dos remos  
 Era o seu suspirar.  
 Querer contar suas mágoas  
 Seria areias contar;  
 Quanto mais ia alongando,  
 Se ia alongando o soar

---

<sup>345</sup> Que, pois que.

<sup>346</sup> Trás a, após a.

<sup>347</sup> Defronte dele.

Dos seus ouvidos aos olhos  
A tristeza foi igualar;  
Assi como ia a cavalo  
Foi pela água dentro entrar.  
E dando um longo suspiro  
Ouvia longe falar:  
Onde mágoas levam olhos,  
Vão também corpo levar.  
Mas indo assi por acerto,  
Foi cum barco na água dar  
Que estava amarrado à terra,  
E seu dono era a folgar.  
Saltou assi como ia, dentro,  
E foi a amarra cortar:  
A corrente e a maré  
Acertaram-no ajudar,  
Não sabem mais que foi dele,  
Nem novas se podem achar:  
Suspeitaram que foi morto,  
Mas não é pera afirmar:  
Que o embarcou ventura,  
Pera só isso aguardar.  
Mas mais são as mágoas do mar.  
Do que se podem curar.

## XXXVI

## CUIDADO E DESEJO

Todo este solau – e creio que propriamente este é também um verdadeiro solau – todo ele é alegórico dos misteriosos amores do *poeta das saudades*.

Bernardim Ribeiro vaga, triste e solitário pelas margens de um rio escuro e coberto de arvoredos. Aparece-lhe o seu *Cuidado* na figura de um velho encanecido que lhe mostra o seu fatal *Desejo* todo coberto de dó; chorando e pensativo declara-lhe que em má hora o viu porque nunca mais o há-de esquecer. Some-se a visão: e ele caminha rio abaixo, até dar «antre uns medrosos penedos» (se será Sintra?) onde a *Fantasia* lhe apresenta sua triste *Lembrança* na figura de uma bela mulher de «loiros cabelos e olhos verdes», coberta de um negro manto. E Beatriz que ele ama; que o adora e que não pode ser sua! Escura noite lhe esconde a visão bem aventurada; e de um «alto oiteiro» lhe bradam (porque não dos Alpes, do Piemonte onde lha tinham levado?) – «Bernardim Ribeiro, olha onde estás.»

Da demasiada altura onde subiram, seus atrevidos pensamentos lhe fazem recordar quão baixo o tinha posto a sorte para se atrever a tanto. – O namorado trovador cerra os olhos para nunca mais os abrir. Que lhe resta a ele que ver no mundo?

Este romance seria feito ao ordenar-se o casamento da infanta com o duque de Sabóia? Não vem inserto nas *Saudades*, como o antecedente, da *Ama*, e o subsequente de *Avalor*: por isso aqui pôs claro o seu nome de Bernardim Ribeiro, que no misterioso livro de cavalarias, ora se disfarça em anagramas de suas próprias letras, ora sob a de outros se desfigura, para confundir e enredar a todo o que não tivesse a chave do querido segredo. O nome porém da infanta nem aqui, nem em parte nenhuma o expôs a ser decifrado pela mais remota indução. Neste romance não há nomes femininos; os que se encontram em tudo quanto escreveu assim podem ser Maria, Antónia, como Joana, etc. Em nenhum há letras ou sons que se pareçam com os de Beatriz.

Nada digo do estilo, é o mesmo da peça precedente. As belezas são infinitas; nenhum poeta português escreveu tanto com o sangue de seu coração.

## CUIDADO E DESEJO

Ao longo de uma ribeira  
 Que vai pelo pé da serra,  
 Aonde me a mi fez a guerra  
 Muito tempo o grande amor;  
 Me levou a minha dor:  
 Já era tarde do dia,  
 E a água dela corria  
 Por entre um alto arvoredado,  
 Onde às vezes ia quedo  
 O rio, e às vezes não.

Entrada era de Verão,  
 Quando começam as aves  
 Com seus cantares suaves  
 Fazer tudo gracioso,  
 Ao ruído saudoso  
 Das águas cantavam elas:  
 Todalas minhas querelas  
 Se me puseram diante;  
 Ali morrer quisera ante  
 Que ver por onde passei.  
 Mas eu que digo – passei!  
 Antes ainda hei-de passar,  
 Em quanto hi houver pesar,  
 Que sempre o hi há-de haver.

As águas, que de correr  
 Não cessavam um momento,  
 Me trouxera, ao pensamento  
 Que assim eram minhas mágoas,  
 Donde sempre correm águas  
 Por estes olhos mesquinhos,  
 Que têm aberto caminhos  
 Pelo meio do meu rosto.  
 E já não tenho outro gosto  
 Na grande desdita minha.  
 O que eu cuidava que tinha  
 Foi-se-me assim não sei como,  
 Donde eu certa crença tomo  
 Que, para me deixar, veio.

Mas, tenho-me assi alheio  
 De mi o que ali cuidava,  
 Da banda donde água estava  
 Vi um homem todo cá<sup>348</sup>

---

<sup>348</sup> Encanecido, de cabelo branco.



Que lhe dava pelo chão  
 A barba e o cabelo.  
 Ficando eu pasmado delo,  
 Olhando ele para mi,  
 Falou-me e disse-me assi:  
 – «Também vai esta água ao Tejo.»

Nisto olhei, vi meu desejo  
 Estar de trás triste e só,  
 Todo coberto de dó,  
 Chorando sem dizer nada,  
 A cara em sangue lavada,  
 Na boca posta aa mão,  
 Como que a grande paixão,  
 Sua fala lhe tolhia.  
 E o velho que tudo via,  
 Vendo-me também chorar  
 Começou assi a falar:  
 – «Eu mesmo são <sup>349</sup> teu Cuidado  
 Que noutra terra criado,  
 Nesta primeiro nasci,  
 E essoutro que está aqui  
 É o teu Desejo triste;  
 Que má hora o tu viste  
 Pois nunca te esquecerá!  
 A terra e mar passará  
 Trespessando a mágoa a ti.»

Quando lhe eu aquisto ouvi,  
 Soltei suspiros ao choro;  
 Ali clarante o foro  
 Meus olhos tristes pagaram  
 De um bem só que eles olharam,  
 Que outro nunca mais tiveram.  
 Nem o tive, nem mo deram,  
 Nem o esperei somente:  
 De só ver fui tão contente,  
 Que pera mais esperar  
 Nunca me deram lugar.

E naquisto, triste estando  
 Com os olhos tristes olhando  
 Daquelas bandas de além,  
 Olhei e não vi ninguém  
 Dei então a caminhar  
 Rio abaixo, até chegar  
 A cerca de Montemor,

---

<sup>349</sup> Sou.

Com meus males de redor  
 Da banda do meio-dia,  
 Ali minha Fantasia,  
 De antre uns medrosos penedos,  
 Onde aves que fazem medos  
 De noite os dias vão ter,  
 Me saiu a receber  
 Com fia mulher pelo braço,  
 Que, ao parecer de cansaço  
 Não podia ter-se em si,  
 Dizendo: – «Vês triste, aqui  
 A triste lembrança tua.»  
 Minha vista então na sua  
 Pus, dela todo me enchi:  
 A prima coisa que vi  
 E a derradeira também,  
 Que no mundo vão e vem!  
 Seus olhos verdes rasgados  
 De lágrimas carregados,  
 Logo em vendo-os, pareciam  
 Que de lágrimas enchiam  
 Contino as suas faces,  
 Que eram, grão tempo, paces <sup>350</sup>  
 Antre mi e meus cuidados.

Loiros cabelos ondados  
 Um negro manto cobria:  
 Na tristeza parecia  
 Que lhe convinha morrer.  
 Os seus olhos de me ver,  
 Como furtados, tirou,  
 Depois em cheio me olhou,  
 Seus alvos peitos rasgando  
 Em voz alta se aqueixando,  
 Disse a si mui só sentida:  
 – «Pois que mor dor há na vida  
 Para que houve aí morrer?»  
 Calou-se sem mais dizer.  
 Eu de mi gemidos dando,  
 Fui-me para ela chorando  
 Para a haver de consolar...

Nisto pôs-se o sol ao mar,  
 E fez-se noite escura,  
 E disse mal à ventura  
 E à vida, que não morri...  
 E muito longe dali,  
 Ouvi de um alto oiteiro

---

<sup>350</sup> Pazes.

Chamar: – «*Bernardim Ribeiro!*»  
E dizer: – «Olha onde estás!»  
Olhei de ante e de trás  
E vi tudo escuridão,  
Cerrei meus olhos então,  
E nunca mais os abri,  
Que depois que a perdi  
Nunca vi tão grande bem.  
Porém inda mal, porém!

## XXXVII

## O MARQUES DE MÂNTUA

Ei-lo que se apeia de seu clássico barbante em que tantos anos cavalgou, e despindo o papel pardo em que o embrulhavam os cegos e vendilhões de nossas feiras, vem o nobre *Marques de Mântua*, tomar o seu lugar entre os mais venerandos e antigos romances do ciclo de Carlos Magno. Sua nobre origem bem sabida é e bem manifesta: francesa ou provençal. Se foi a língua *d'oeil* ou a língua *d'oc* a primeira que falou, não sei; quando atravessou os Pirenéus e veio para nós, certo que era já familiar com ambas. Passou muito tempo em Espanha por ser composição de Jerónimo Treviño <sup>351</sup>; hoje com razão se crê que o Treviño não foi senão o editor que em 1598 o imprimiu: sem dúvida o romance é muito mais antigo que isso; só da lição portuguesa me parece que posso responder que é dos fins do XIV, princípios – quando muito – do XV século. E todavia a forma em que ele aparece em português não creio que fosse a primitiva que entre nós teve, e me inclino a que ela seja posterior à que têm os nossos vizinhos castelhanos em suas colecções <sup>352</sup>. Aqui é mais dramático, já mais épico: nas multiplicadas edições dos cegos chegou a obter o nome de tragédia. Todavia, não deixarei de observar que revestidos desta mesma forma há romances muito mais antigos do que os narrativos. As rubricas de *aqui fala o marques, agora diz o imperador* etc., não são indisputável prova de que a composição fosse para se representar teatralmente.

Sem profundar nenhuma destas questões, contento-me de sacar do lixo da «feira da ladra»), esta bela relíquia da nossa literatura popular e romanesca, e de restituir ao seu eminente lugar o nobre marquês de Mântua, embora me criminem e escarneçam os superciliosos académicos de todas as academias reais e não reais deste mundo.

---

<sup>351</sup> Pelicer, notas a *Dom Quixote*.

<sup>352</sup> *Cancioneiro de romances; Silva de vários romances; floresta de vários*; e ultimamente Duran, *Romanceiro General*, ed. de 1849-51, tom. I, pág. 207.

## O MARQUES DE MÂNTUA

Na caça andava perdido  
 De Mântua o velho marquês,  
 E no peito pressentido  
 O coração trás de envés;  
 Mais, não sabe o sucedido!  
 Farto já de caminhar  
 Por tão fragosa montanha,  
 Cansado assim sem companha,  
 Sem ter onde repousar  
 Nessa terra tão estranha,  
 Vendo o mato tão cerrado,  
 Assentou de se apeiar  
 E o seu cavalo deixar  
 Porque estava de cansado  
 Que já não podia andar:

## FALA O MARQUÊS

– Fortunosa caça é esta  
 Que a fortuna me há mostrado,  
 Pois que, por ser manifesta  
 Minha pena e grão cuidado,  
 Me mostrou esta floresta.  
 Nunca vi tão forte brenha  
 Des'que me acordo de mi,  
 Eu creio que Margasi  
 Fez esta serra Dardenha,  
 Estes campos de Methli  
 Quero tocar a buzina  
 Por ver se algum me ouvirá;  
 Mas cuido que não será,  
 Porque minha grão mofina  
 Comigo começou já.  
 Todavia quero ver  
 Se mora alguém nesta serra  
 Que me diga desta terra  
 Cuja é para saber;  
 Que quem pergunta não erra  
 Agora vejo-me aqui  
 Nesta tão grande espessura,  
 Que nem eu me vejo a mi,  
 Nem sei de minha ventura  
 Nem menos será cordura.

## DIZ VALDEVINOS

– Oh Virgem minha senhora,

Madre do rei da verdade,  
 Por vossa grão piedade  
 Sede minha intercessora  
 Em tanta necessidade.  
 Oh suma *regina pia*,  
 Radiante luz febeia,  
 Custódia *animae meae*,  
 Pois está na terra fria  
 A alma de pesar cheia,  
 Pois és amparo dos teus,  
 Consola os desconsolados,  
 Rainha dos altos céus,  
 E roga a meu senhor Deus  
 Que perdoe meus pecados.

#### FALA O MARQUÊS

– Não sei quem ouço gemer  
 E chorar de quando em quando:  
 Alguém deve de aqui estar...  
 Segundo se está queixando,  
 Deve ter grande pesar.

#### FALA VALDEVINOS

– *Domine, memento mei*,  
 Lembrai-vos de minha alma,  
 Pois que sois da glória rei,  
 Nascido da flor da palma,  
 Remédio da nossa lei.

#### DIZ O MARQUÊS

–Segundo dele se espera,  
 Aquele home anda perdido,  
 Ou por ventura ferido  
 De alguma besta fera.  
 Quero ver este mistério,  
 Que a fala me dá ousadia,  
 Porque dois em companhia  
 Terão grande refrigério  
 Para qualquer agonia.

#### DIZ VALDEVINOS

– Oh minha esposa e senhora,  
 Já não tereis em poder  
 Vosso esposo que assim chora,  
 Pois a morte roubadora  
 Vos roubou todo o prazer.

Oh vida do meu viver,  
Resplandecente narciso,  
Grão pena levo em saber  
Que nunca vos hei-de ver  
Até o dia de juízo.  
Oh esperança por quem  
Tinha vitória vencida!  
Oh minha glória, meu bem,  
Porque não partis também,  
Pois que sois a minha vida?  
Senão for vossa vontade  
De haver de mim compaixão,  
Mandai-me meu coração,  
Minha fé e liberdade,  
Que está em vossa prisão.  
Madre minha muito amada.  
Que é de o filho que paristes,  
De quem éreis consolada?  
Como se há tornado nada  
Quanta glória possuístes?  
Já me não vereis reinar,  
Já me não dareis conselho,  
Nem eu o posso tomar;  
Que quebrado é o espelho  
Em que vos sabeis olhar.  
Já nunca me haveis de ver.  
Fazer justas e torneios,  
Nem vestir nobres arreios,  
Nem cavaleiros vencer,  
Nem tomar bandos alheios.  
já não tomareis prazer  
Quando me virdes armado;  
Já vos não virão dizer  
A fama de meu poder,  
Nem louvar-me de esforçado.  
Oh valentes cavaleiros,  
Reinaldos de Montalvão,  
Oh esforçado Roldão,  
Oh Marquês Dom Oliveiros,  
Dom Ricardo, Dom Dudão,  
Dom Gaifeiros, Dom Beltrão,  
Oh grão-Duque de Milão,  
Que é da vossa companhia?  
Duque Maime de Baviera,  
Que é de vosso Valdevinos?  
Oh esforçado Guarinos,  
Quem consigo vos tivera!  
Meu amigo Montesinhos,  
Já nunca mais vos verei;  
Dom Alonso de Inglaterra,

Já nunca acompanharei  
 O conde Dirlos na guerra.  
 Oh esforçado marquês  
 De Mântua, teu senhorio,  
 Já não me poreis arnês,  
 Nem me vereis outra vez  
 Gozar vosso senhorio.  
 Já não quero o vosso estado,  
 Já não quero ser pessoa,  
 Nem mandar, nem ter reinado;  
 Já não quero ter coroa,  
 Nem quero ser venerado.  
 Oh Carlos imperador,  
 Senhor de mui alta sorte,  
 Como sentireis grão dor  
 Sabendo da minha morte,  
 E quem dela é causador:  
 Bem sei, se sois informado  
 Do caso como passou,  
 Que serei mui bem vingado,  
 Ainda que me matou  
 Vosso filho mui amado.  
 Oh príncipe D. Carloto,  
 Quem, sendo tão desigual,  
 Te moveu a fazer mal  
 Em um lugar tão remoto  
 A teu amigo leal?  
 Alto Deus omnipotente,  
 Juiz direito sem par,  
 Sobre esta morte inocente  
 Justiça queirais mostrar,  
 Pois morro tão cruelmente.  
 Oh Madre de Deus benigno,  
 E fonte de piedade,  
 Arca de Santa Trindade,  
 De donde o Verbo Divino  
 Trouxe sua humanidade,  
 Oh Santa *Domina mea*,  
 Oh Virgem *gratia plena*  
 Em que a alma se recreia,  
 Dai remédio à minha pena,  
 Pois que morro em terra alheia.

#### FALA O MARQUÊS

– Senhor, porque vos queixais?  
 Quem vos tratou de tal sorte,  
 E quem é o que tal morte  
 Vos deu, como publicais,  
 Que assaz é esta má sorte?



Não me negueis a verdade,  
 Contai-me vosso pesar,  
 Que vos prometo ajudar  
 Com toda a força e vontade.

#### DIZ VALDEVINOS

– Muito me agasta, amigo,  
 Certamente teu tardar,  
 Dize se trazes contigo  
 Quem me haja de confessar?

#### DIZ O MARQUÊS

– Eu não sou quem vós cuidais:  
 Nunca comi vosso pão,  
 Mas vossos gritos e ais  
 Me trouxeram aonde estais  
 Mui movido a compaixão.  
 Dizei-me vossa agonia,  
 Que, se remédio tiver,  
 Eu vos prometo fazer  
 Com que tenhais alegria.

#### DIZ VALDEVINOS

– Meu senhor, muitas mercês  
 Por vossa boa vontade!  
 Bem creio que me fareis  
 Muito mais do que dizeis,  
 Segundo vossa bondade,  
 Mas minha dor é mortal  
 Meu remédio só é morte,  
 Porque estou parado tal,  
 Que nunca homem mortal  
 Foi tratado de tal sorte.  
 Tenho, senhor, vinte e duas  
 Feridas todas mortais,  
 As entranhas rotas, nuas,  
 E passo penas tão cruas,  
 Que não poderão ser mais.  
 Há-me morto à traição  
 O filho do Imperador,  
 Carloto, a grão sem razão,  
 Mostrando-me todo o amor,  
 Não o tendo no coração.  
 Muitas vezes requeria  
 Minha esposa com maldade,  
 Mas ela não consentia  
 Pelo bem que me queria,

Por sua grande bondade.  
 Carloto com grão pesar,  
 Como mais traidor do que forte,  
 Ordenou de me matar,  
 Cuidando com minha morte  
 Com ela haver de casar.  
 Matou-me com grão falsia,  
 Trazendo cinco consigo,  
 Sem eu trazer mais comigo  
 Que um pajem por companhia.  
 A mim chamam Valdevinos,  
 Sou filho de el-rei de Dácia,  
 E primo de el-rei de Grécia,  
 E do forte Montesinos,  
 Que é herdeiro de Dalmácia.  
 Dona Hermelinda formosa  
 Minha madre natural,  
 Sibila minha esposa  
 De graças especial,  
 Mas com primores famosa.  
 Esta nova contareis  
 À triste de minha madre  
 Que em Mântua achareis,  
 E ao honrado marquês  
 Meu tio, irmão de meu padre.

#### FALA O MARQUÊS

– Oh desestrado viver,  
 Oh amargosa ventura,  
 Oh ventura sem prazer,  
 Prazer cheio de tristura,  
 Tristura que não tem ser!  
 Oh desventurada sorte,  
 Oh sorte sem sofrimento,  
 Desemparedado tormento,  
 Muito pior do que a morte,  
 Morte de desabrimento  
 Oh meu sobrinho, meu bem,  
 Minha esperança perdida,  
 Oh glória que me sustém,  
 Porque vos partis de quem  
 Sem vós não terá mais vida?  
 Oh desventurado velho,  
 Cativo sem liberdade!  
 Quem me pode dar conselho,  
 Pois perdido é o espelho  
 De minha grão claridade!  
 Oh minha luz verdadeira,  
 Trevas do meu coração.

Penas de minha paixão,  
 Cuidado que me marteira,  
 Tristeza de tal traição!  
 Por que não quereis falar  
 A este marquês coitado,  
 Que tio sóeis chamar?  
 Falai-me, sobrinho amado,  
 Não me façais rebentar.

#### DIZ VALDEVINOS

– Meu tormento tão molesto  
 Me faz não vos conhecer  
 Nem na fala nem no gesto;  
 Nem entendo vosso dizer  
 Se não for mais manifesto.  
 Estou tão posto no fim.  
 Que não sei se sou alguém,  
 Nem menos conheço a mim;  
 Pois quem não conhece a sim,  
 Mal conhecerá ninguém.

#### DIZ O MARQIJES

– Como não me conheceis,  
 Meu sobrinho Valdevinos?  
 Eu sou o triste marquês  
 Irmão de el-rei Dom Salmos,  
 Que era o pai que vos fez.  
 Eu sou o marquês sem sorte,  
 Que devera rebentar  
 Chorando a vossa morte,  
 Por com vida não ficar  
 Neste mundo sem de porte,  
 Oh triste mundo coitado,  
 Ninguém deve em ti fiar.  
 Pois és tão desventurado,  
 Que o tens mais exaltado,  
 Mor queda lhe fazes dar!

#### FALA VALDEVINOS

– Perdoa-me, senhor tio,  
 A minha descortesia,  
 Que a minha grande agonia  
 Me pôs em tanto desvio,  
 Que já vos não conhecia.  
 Não me queirais mais chorar;  
 Deveis de considerar  
 Que para isso é o mundo.

Que dobrais meu mal profundo.  
 Para bem é mal passar:  
 E bem sabeis que nascemos  
 Para ir a esta jornada,  
 E que, quanto mais vivemos,  
 Maior ofensa fazemos  
 A quem nos criou de nada.  
 Assim que, necessidade  
 Não tendes de me chorar,  
 Pois que Deus me quis levar  
 No melhor da minha idade  
 Para mais me aproveitar,  
 Mas o que haveis de fazer,  
 E por minha alma rogar,  
 Porque o muito chorar,  
 À alma não dá prazer,  
 Mas antes mui grão pesar.  
 Quero-vos encomendar  
 Minha esposa e minha madre.  
 Pois que não tem outro padre  
 Que as haja de amparar,  
 Senão vós, como é verdade,  
 Mas o que me dá paixão  
 Em esta triste partida,  
 E morrer sem confissão;  
 Mas se parto desta vida,  
 Deus receberá a tenção.

*Vem o ermitão e o pajem*

#### DIZ O ERMITÃO

A paz de Deus sempiterno  
 Seja convosco, irmão!  
 Lembrai-vos de sua paixão  
 Que, por nos livrar do inferno,  
 Padeceu quanto a varão.

#### DIZ VALDEVINOS

– Coisa mais não folgara  
 Do que vê-lo aqui chegado,  
 Padre de Deus enviado,  
 Que se um pouco mais tardara,  
 Não me achara neste estado.

#### FALA O PAJEM

– Oh que desestrada sorte,  
 Meu senhor Danes Ogeiro!

Olhai vosso escudo forte,  
 Olhai, senhor, vosso herdeiro,  
 Em que extremo o pôs a morte!  
 Oh desditoso caminho,  
 Caça de tanto pesar,  
 Que cuidando de caçar  
 A morte o vosso sobrinho  
 Vieste, senhor, buscar.

#### DIZ O ERMITÃO

– A grão pressa que trazia  
 Não me deu, senhor, lugar  
 De conhecer nem falar  
 A vossa grão senhoria.  
 Neste erro se há culpa  
 Peço-lhe dela perdão,  
 Ainda que a discrição  
 Sua me dará desculpa.

#### FALA O MARQUÊS

Rogai a Deus, padre honrado,  
 Que me queira dar paciência;  
 Que o perdão é escusado,  
 Porque vossa diligência  
 Vos não deixa ser culpado.

#### DIZ O ERMITÃO

– O filho de Deus enviado  
 Vos mande consolação!  
 E pois que aqui sou chegado,  
 Quero ouvir de confissão  
 Este ferido e angustiado.  
 Coisa é mui natural  
 A morte a toda a pessoa,  
 A todo mundo em geral,  
 Pois que a nenhum perdoa.  
 Não a tínhamos por mais,  
 Porque o pecado de Adão  
 Foi tão fero e de tal sorte,  
 Que não só foi perdição:  
 Mas Deus, que é salvação,  
 Quis também receber morte.  
 E por tanto, filho meu,  
 Não se deve de espantar  
 Da morte que Deus lhe deu.  
 Pois em provimento seu  
 Lha deu para o salvar

Lembre-lhe sua paixão:  
 Veja este mundo coitado,  
 E não o engode o malvado,  
 Que não dá por galardão  
 Senão tristeza e cuidado.  
 Enquanto, filho, tem vida,  
 Chame a Madre de Deus,  
 Aquela que foi nascida  
 Sem pecado concebida,  
 E coroada nos céus.  
 Esta foi santificada  
 E visitada dos anjos  
 E em corpo e alma levada  
 A glória, onde exaltada  
 Lá está sobre os arcanjos.  
 Assim, que ao Redentor  
 E a esta Virgem sem par  
 Se há-de, filho, encomendar  
 Depois que aos santos for  
 Sua vontade chamar.  
 As mãos levante aos céus,  
 Faça confissão geral,  
 Confessando-se a Deus  
 E à virgem celestial  
 E a todos os santos seus.

#### DIZ O MARQUÊS

– Oh bonância aborrecida,  
 Oh desestrada fortuna,  
 De prazeres grão tribuna!  
 Por que não desemparais  
 A quem sois tão importuna?  
 Tristeza, desconfiança,  
 Por que não desesperais  
 A quem não tem confiança?  
 Contai-me, pajem burlor,  
 O caso como passou,  
 Quem foi aquele traidor  
 Que matou vosso senhor,  
 Ou por que causa o matou.

#### FALA O PAJEM

– Seria mui mal contado  
 Se a sua grão senhoria  
 Não contasse o que é passado,  
 Eu sei certo que faria  
 O que não é esperado  
 Conta quem me deu estado,

E há feito tantas mercês  
Que nunca meu pai me fez:  
Que é meu senhor amado.  
E mais vós senhor marquês.  
Estando pois em Paris  
O filho do Imperador,  
Mandou chamar meu senhor  
Nos passos da Imperatriz:  
Falaram muito a sabor;  
O que falaram não sei,  
Se não que logo nessa hora,  
E sem fazer mais demora,  
Com quatro detrás de si  
Foram da cidade fora,  
Armados secretamente,  
Segundo depois ouvi.  
Partimos todos daí,  
E Dom Carloto presente  
Também armado outrossi.  
E tanto que aqui chegaram.  
Neste vale de pesar  
Todos juntos se apearam  
E fizeram-me ficar  
Cos cavalos que deixaram.  
E logo todos entraram  
Em este esquivo lugar,  
Onde meu senhor mataram,  
E depois de o matar,  
Nos cavalos se tornaram.  
Como eu os vi tornar,  
Sentindo muito tal dor,  
Temendo de lhe falar,  
Não ousei de perguntar  
Onde estava meu senhor.  
Vendo-os assim caminhar,  
Porque nenhum me falava,  
Quis o meu senhor buscar,  
Porque o coração me dava  
Sobressaltos de pesar.  
Não o podia topar  
Porque a grande espessura  
E a noite medrosa, escura  
Me fazia não o achar:  
De que tinha grão tristura.  
Buscando-o com grão paixão,  
Naquele lugar remoto  
O achei desta feição.  
Disse-me como à traição  
O matara Dom Carloto.  
Perguntei por que razão:

Triste, cheio de agonias,  
 Disse-me com aflição:  
 – «Vai-me buscar confissão,  
 Já se acabaram meus dias.  
 Como tais novas ouvi,  
 Com grande tribulação  
 E pesar de vê-lo assi.  
 Me parti logo daqui  
 A buscar este ermitão,  
 Isto é, senhor, o que sei  
 Deste caso desestrado,  
 Quanto me há perguntado:  
 Outra coisa não direi  
 Mais do que lhe hei contado.

#### DIZ O MARQUÊS

– Quando sua majestade  
 Justiça me não fizer  
 Com toda a rogaridade.  
 A força do meu poder  
 Cumprirei minha vontade.

#### DIZ O ERMITÃO

– Já o senhor se há confessado,  
 E fez actos de cristão;  
 Morre com tal contrição,  
 Que eu estou maravilhado  
 De sua grão descrição.  
 Muito não pode tardar,  
 Segundo nele senti.  
 Acabei de lhe falar  
 Porque lhe quero rezar  
 Os psalmos del-rei David.

#### FALA VALDEVINOS

– Não tomeis, tio, pesar,  
 Que me parto de vos ver  
 Para nunca mais tornar,  
 Pois Deus me manda chamar  
 E não posso mais fazer.  
 Torno-vos a encomendar  
 Minha esposa e minha mãe,  
 Que as queirais consolar.  
 E ambas as amparar,  
 Pois que não têm mais a quem.

#### ORAÇÃO DE VALDEVINOS



– Em as tuas mãos, Senhor,  
 Encomendo meu espírito;  
 Pois que és Salvador meu,  
 Meu Deus e meu Redentor,  
 Não me falte favor teu:  
 Pois, Senhor, me redimiste.  
 Como Deus, que és de verdade,  
 Senhor de toda a piedade,  
 Lembra-te desta alma triste  
 Cheia de toda a maldade.  
 Salve, Senhor benigna,  
 Madre de misericórdia,  
 Paz de nossa grão discórdia,  
 Dos pecadores mezinha,  
 Vida doce e concórdia,  
*Spes nostra*, a ti invocamos,  
 Salva-nos da escura treva.  
 A ti, senhora, chamamos  
 Desterrados filhos de Eva,  
 A ti virgem, suspiramos,  
 A ti gemendo e chorando  
 Em aqieste lagrimoso  
 Vale sem nenhum repouso,  
 Sempre, Virge', a ti chamamos,  
 Que és nosso prazer e gozo.  
 Ora, pois nossa advogada,  
 Amparo da cristandade,  
 Volve os olhos de piedade  
 A mim, Virgem consagrada,  
 Pois que és nossa liberdade.  
 Dá-me, Senhora, virtude  
 Contra todos meus imigos;  
 Pois que és nossa saúde,  
 Eu te rogo que me ajudes  
 Nos temores e perigos:  
 Roga tu por mim, Senhora,  
 Oh Santa Madre de Deus,  
 A quem a minha alma adora,  
 Pois és rainha dos céus  
 E dos anjos superiora.

*Aqui expira Valdevinos*

DIZ O MARQUÊS

– Oh triste velho coitado,  
 Oh cãs cheias de tristura!  
 Oh doloroso cuidado,  
 Oh cuidado sem ventura,

Sem ventura desestrado!  
 Quebrem-se minhas entranhas,  
 Rompa-se meu coração  
 Com minha tribulação.  
 Chorem todas as campinas  
 Minha grande perdição,  
 Escureça-se o sol com dó,  
 Caiam estrelas do céu,  
 As trevas de Faraó  
 Venham já sobre mim só.  
 Pois minha luz se perdeu  
 Na luz de mui claro dia,  
 Claridade sem clareza,  
 Minha doce companhia,  
 Onde está vossa alegria,  
 Que me deixa tal tristeza?  
 Oh velhice desestrada,  
 Sem glória e sem prazer,  
 Para que me deixais ter,  
 Pois que sendo, não sou nada,  
 Nem desejo de viver?  
 Por que não vens, padecer,  
 Por que não vindes, tormentos,  
 Para que não sofrimentos  
 A quem os não quer já ter,  
 Nem busca contentamentos?  
 Para que quero razão,  
 Para que quero prudência,  
 Nem saber, nem discrição?  
 Para que é paciência,  
 Pois perdi consolação?

#### DIZ O PAJEM

– Oh meu senhor muito amado  
 Por que vos tomastes pá?  
 Por que me deixastes só  
 Em este mundo coitado  
 Com tanta tristeza e dó?  
 Levareis-me em companhia,  
 Pois sempre vos tive vivo.  
 Oh minha grande alegria,  
 Por que me deixais cativo,  
 Metido em tanta agonia?  
 Meu senhor, minha alegria,  
 Dizei por que nos deixais  
 Com tanta pena notória?  
 Lembrai-vos, tende memória  
 De quantos desamparais.  
 Oh sem ventura Burlor!

De quem serás amparado,  
De quem terás o favor  
Que tinhas de teu senhor,  
Pois que já te há faltado?

#### FALA O ERMITÃO

– Não tomeis, filho, pesar,  
Pois claramente sabeis  
Que pelo muito chorar  
Não cobrais o que perdeis.  
Deveis, filho, de cuidar  
Que nossa vida é um vento  
Tão ligeiro de passar,  
Que passa em um momento  
Por nós assim como o ar.  
Quem viu o senhor infante,  
Tão pouco há fazer guerra,  
E ser nela tão possante,  
E agora em um instante  
Ser tornado escura terra,  
Diria com grão razão  
Que este mundo coitado  
Não dá outro galardão,  
Senão tristeza e paixão,  
Como a vós outros foi dado.  
Olhai a el-rei Salomão  
O galardão que deu;  
A Amon e Absalão,  
E ao valente Sansão,  
E ao forte Macabeu.  
Em a Sacra Escritura  
Muitos mais podia achar  
Se os quisesse contar;  
Mas vossa grande cordura  
Suprirá donde faltar.  
E pois que não tem já cura  
O mal feito e o Passado,  
Cesse a vossa tristura,  
E dêmos à sepultura  
Este corpo já finado.  
Levemo-lo onde convém  
Para que seja enterrado;  
E pode ser bem guardado  
Naquela ermida que vêm  
Até ser embalsamado.

*Aqui levam a Valdevinos à ermida. E entra o imperador, o conde Ganalão, e*

#### DIZ O IMPERADOR

– Certo, conde Ganalão,  
 Muito grão perda perdemos.  
 Pesa-me no coração,  
 Porque na corte não temos  
 Reinaldos de Montalvão,  
 Nem o conde Dom Roldão,  
 Nem o marquês Oliveiros,  
 Nem o duque de Milão,  
 Nem o infante Gaifeiros  
 Nem o forte Meredião.

#### DIZ GANALÃO

– Muito alto imperador,  
 Muito estou maravilhado  
 Porque mostrais tal favor  
 A quem vos há desonrado  
 Com tanta ira e rigor,  
 Que, chamando-se Almansor,  
 Com o seu rosto mudado  
 Aquele falso traidor  
 Com mui grande desonor  
 Quis desonrar vosso estado:  
 Porquê, senhor, não sentis  
 Que este malvado ladrão  
 Vos prendeu de sua mão  
 Tomando-vos a Paris  
 Com muita grande traição?  
 Pondo-vos em Montalvão  
 Apesar do vosso império,  
 Onde com grão vitupério  
 Estiveste em prisão,  
 Sem ter nenhum refrigério?

#### FALA O IMPERADOR

– Verdade é isso, cunhado:  
 Porém deveis de saber  
 Que em Reinaldos me prender  
 Eu mesmo sou o culpado:  
 Isto bem o podeis crer.  
 Se então me quis ofender  
 Não é muita maravilha,  
 Pois já me quis guarnecer  
 Matando el-rei Carmeser,  
 Que trouxe a sua filha.

#### DIZ GANALÃO

– Vossa real majestade  
 Dirá tudo o que quiser,  
 Mas eu espero a Beltrão...  
 Que se conheça a maldade  
 De quem se há-de conhecer.

*Aqui se vai Ganalão; e vêm dois embaixadores mandados pelo marquês de Mântua, chamados Dom Beltrão e duque Amão: e virão vestidos de dó: e*

DIZ BELTRÃO

– Grã César Octaviano,  
 Magno, augusto, forte rei,  
 Grande imperador romano,  
 Amparo da nossa lei,  
 Poderosa majestade,  
 Senhor de toda a Magança,  
 Da Gascunha e da França  
 Grã patrão da cristandade,  
 Esteio de segurança!  
 Pois sois senhor dos senhores,  
 Imperador dos cristãos,  
 Somos vossos servidores,  
 Amigos leais e sãos.

DIZ O IMPERADOR

– Eu me espanto, Dom Beltrão,  
 De vos ver daquela sorte,  
 E a vós, forte duque Amão:  
 Não é esta disposição  
 E traje da nossa corte.

FALA O DUQUE

– Muito será espantado  
 De nossa triste embaixada,  
 E do caso desestrado  
 O qual lhe será contado,  
 Se seguro nos é dado.

DIZ O IMPERADOR

– Bem o podeis explicar  
 Sem ter medo nem temor.  
 Para que é assegurar?  
 Pois sabeis que o embaixador  
 Tem licença de falar.

DIZ O DUQUE À EMBAIXADA

– Quis, senhor, nossa mofina  
Que o infante Valdevinos,  
Primo do forte Guarinos,  
Filho da linda Hermelinda  
E do grande rei Salmos,  
Fosse morto à traição  
Na floresta sem ventura  
A tão grande desventura  
Haverá quem não procure  
De vingar tal perdição?

#### FALA O IMPERADOR

– E certa tão grão maldade  
Que o sobrinho do marquês  
E morto, como dizeis?

#### DIZ O DUQUE

– Pela maior falsidade  
Que nunca ninguém tal fez.

#### DIZ O IMPERADOR

– Este caso é desestrado:  
Saibamos como passou  
E quem tão mau feito obrou:  
Que o tal senhor matou,  
Merece bem castigado.

#### FALA O DUQUE

– Saiba vossa majestade  
Que dez dias pode haver  
Que o marquês foi à cidade  
De Mântua com grão vontade  
À caça que sói fazer.  
Andando assim a caçar,  
Da companhia perdido  
Foi por ventura topar  
Com seu sobrinho ferido  
Quase a ponto de expirar.  
Bem pode considerar  
O grão pesar que teria  
De se ver sem companhia,  
E a morrer em tal lugar  
A coisa que mais queria.  
Perguntando a razão,  
Sendo dela mui ignoto,

Disse com grande paixão  
 Que o matara à traição  
 Vosso filho Dom Carloto.  
 A causa que o moveu  
 Dar morte tão dolorosa  
 A tão grande amigo seu,  
 Não foi outra, senhor meu,  
 Salvo tomar-lhe a esposa.  
 Matou-o à falsa fé,  
 Indo muito bem armado,  
 Com quatro homens de pé.  
 Quem mata tão sem porquê  
 Merece bem castigado.  
 O marquês Danes Ogeiro,  
 Lhe manda pedir, senhor,  
 Justiça mui por inteiro:  
 Que ainda que perca herdeiro.  
 Ele perde sucessor.

#### DIZ DOM BELTRÃO

– Não deve deixar passar  
 Tão grão mal sem o prover,  
 Por que deve de cuidar  
 Se seu filho nos matar,  
 Quem nos deve defender?  
 E mais lhe faço saber  
 Porque esteja aparelhado,  
 Se justiça não fizer,  
 Que o marquês tem jurado  
 De por armas a fazer.  
 O mui valente e temido  
 Reinaldo de Montalvão  
 Entre todos escolhido  
 Está bem apercebido  
 Como geral capitão,  
 Dom Cristão e Aguilante  
 Com o forte Dom Guarinos,  
 E o valente Montesinos,  
 Primo do morto infante,  
 Primo de el-rei Dom Salmos,  
 E o mui grande rei Jaião,  
 De Dom Reinaldo cunhado,  
 E o esforçado Dudão,  
 E o grão duque de Milão,  
 E Dom Richarte esforçado:  
 O marquês Dom Oliveiros,  
 E o famoso Durandarte,  
 E o infante Dom Gaifeiros,  
 E o muito forte Ricardo,

E outros fortes cavaleiros,  
 Todos têm boa vontade  
 De ajudar ao marquês  
 Em essa necessidade;  
 Porque foi grão crueldade  
 A que vosso filho fez,  
 Evitai, senhor, tal dano,  
 Pois que sois juiz sem par;  
 Não vos mostreis inumano,  
 Acordai-vos de Trajano  
 Em a justiça guardar.  
 Assim que, alto, esclarecido,  
 Poderoso sem igual,  
 O que fez tão grande mal  
 Bem merece ser punido  
 Por seu mandado imperial.  
 E pois, senhor, hei proposto  
 A causa porque viemos,  
 E sabeis o que queremos,  
 Mandai-nos dar a resposta  
 Com que ao marquês tornemos.

#### DIZ O IMPERADOR

– Ó poderoso Senhor,  
 Que grande é o vosso mistério!  
 Pois para meu vitupério  
 Me deste tal sucessor  
 Que desonrasse este império,  
 Se o que dizeis é verdade,  
 Como creio que será,  
 Nunca rei na cristandade  
 Fez tão grande crueldade  
 Como por mim se verá.  
 Por minha coroa juro  
 De cumprir e de mandar  
 Tudo que digo e procuro.  
 Ao marquês podeis dizer  
 Que ele pode vir seguro,  
 E todos quantos tiver,  
 Venham de guerra ou de paz,  
 Assim como ele quiser.  
 E pois que justiça quer,  
 Com ela muito me praz.

#### ENTRA DOM CARLOTO, E DIZ

– Bem sei que com grão paixão  
 Está vossa majestade  
 Pela falsa informação



Que de mim, contra razão,  
Deram com grão falsidade.  
Porque um filho de tal home  
E tão grande geração  
Não deve sujar seu nome  
Em caso tal de traição.  
Por vida de minha madre,  
Que se tão grão desonor  
Não castigar com rigor,  
Que me será cruel padre,  
Não direito julgador.

#### DIZ O IMPERADOR

– Não vos queirais desculpar  
Pois que tendes tanta culpa,  
Que se o mundo vos desculpa,  
Não vos hei-de eu desculpar.  
E portanto mando logo  
Que estejais posto a recado  
Até ser determinado,  
Por conselho do meu povo,  
Se sois livre ou condenado.  
Mando que sejais levado  
À minha grão fortaleza,  
E que lá sejais guardado  
De cem homens do estado,  
Até saber a certeza.

#### FALA DOM CARLOTO

– E como, senhor, não quer  
Vossa real majestade  
Saber primeiro a verdade,  
Senão mandar-me prender  
Por tão grande falsidade?

#### DIZ O IMPERADOR

– Não vos quero mais ouvir,  
Levem-no logo à prisão  
Onde eu o mando ir;  
Porque tão grande traição  
Não é para consentir.  
Vós outros podeis tornar,  
E contar-lhe o que é passado  
A quem vos cá quis mandar;  
Que o seguro que lhe hei dado,  
Eu o torno a afirmar.

## AQUI VEM A IMPERATRIZ E DIZ

– Eu muito me maravilho  
 De vossa grande bondade:  
 Que sem razão nem verdade  
 Tratais assim vosso filho  
 Com tão grande crueldade.  
 Olhe vossa majestade  
 Que é herdeiro principal  
 E que toda a cristandade  
 Lho há-de ter muito a mal.

## DIZ O IMPERADOR

– A mim, senhora, convém  
 Ser contra toda a traição:  
 E se vosso filho a tem  
 Castigá-lo-ei muito bem;  
 E essa é minha tenção.  
 E mais eu vos certifico  
 Que com direito e rigor  
 Hei-de castigar o iníquo,  
 Ora seja pobre ou rico,  
 Ou servo ou grão senhor.

## FALA A IMPERATRIZ

– Como quer vossa grandeza  
 Infamar o nosso estado  
 Sem causa, com tal crueza?

## DIZ O IMPERADOR

– Quem me cá mandou recado  
 Não foi senão com certeza.

## DIZ A IMPERATRIZ

– Por tal recado, senhor,  
 Quereis tratar de tal sorte  
 Vosso filho e sucessor,  
 Que depois de vossa morte  
 Há-de ser imperador?

## FALA O IMPERADOR

Em eu o mandar prender  
 Não cuideis que o maltrato.  
 Mas se ele o merecer,  
 Eu espero de fazer

A justiça de Trocato;  
 Porque pai tão poderoso,  
 Sendo de tantos caudilho,  
 Senão for tão rigoroso,  
 Nem ele será bom filho,  
 Nem será rei justo  
 Que agora, mal pecado!  
 Nenhum rei nem julgador  
 Faz justiça do maior;  
 Mas antes é desprezado  
 O pequeno com rigor.  
 Todo o mundo é afeição;  
 Julgam com rara remissa  
 O nobre que, sem razão  
 Alguma, tem opinião  
 De lhe tocar a justiça...  
 Que conta posso eu dar  
 Ao Senhor dos altos céus,  
 Se a meu filho não julgar  
 Como outro qualquer dos meus?  
 Assim que escusado é  
 Buscar este Intercessor;  
 Porque Deus de Nazaré  
 Não me fez tão grão senhor  
 Para minha alma perder.

#### DIZ A IMPERATRIZ

Ai triste de mim coitada!  
 Para que quero viver.  
 Pois que sempre hei-de ser  
 Do meu filho tão penada  
 Como uma triste mulher?  
 Pois tão triste hei-de ser  
 Por meu filho muito amado;  
 Nunca tomarei prazer,  
 Senão tristeza e cuidado.

#### DIZ O IMPERADOR

– Não façais tantos extremos,  
 Pois dizeis que tem desculpa,  
 Que antes que sentença dêmos.  
 Primeiro todos veremos  
 Se tem culpa ou não tem culpa.  
 Mostrai maior sofrimento,  
 Que o caso é desestrado;  
 E i-vos a vosso aposento,  
 Que ele não será culpado.

*Aqui se vai a Imperatriz e vem a mãe e esposa de Valdevinos,*

DIZ A MÃE

– Oh coração lastimado,  
Mais triste que a noite escura!  
Oh dolorosa tristura,  
Cuidado desesperado  
E fortunosa ventura!  
Oh vida da minha vida,  
Alma deste corpo meu!  
Oh desditosa perdida,  
Oh sem ventura nascida,  
A mais que nunca nasceu!  
Oh filho meu muito amado,  
Minha doce companhia,  
Meu prazer, minha alegria,  
Minha tristeza e cuidado,  
Minha sab'rosa lembrança,  
Que serei eu sem vos ver?  
Filho da minha alegria,  
Oh meu descanso e prazer,  
Por que me deixais viver  
Vida com tanta agonia?  
Adonde vos acharei.  
Consolo de meu pesar?  
Onde vos irei buscar,  
Pois que perdido vos hei  
Para jamais vos cobrar?  
Filho desta alma mesquinha,  
Dos meus olhos claridade,  
Onde estais, minha mezinha.  
Filho da minha saudade,  
Meu prazer e vida minha?

DIZ A ESPOSA POR NOME SIBILA

– Que é de vós, meu coração,  
Que é da minha liberdade,  
Espelho da cristandade,  
Quem vos matou sem razão  
Com tão grande crueldade?  
Quem vos apartou de mim,  
Meu querido e meu esposo?  
Oh meu prazer saudoso.  
Porque me deixais assim  
Com cuidado mui penoso?  
Oh minha triste saudade,  
Oh meu esposo e senhor,  
Minha alegria e vontade,

Escudo da cristandade,  
 Das tristes consolador!  
 Que farei pobre coitada,  
 Mais que nenhuma nascida?  
 Miserável, angustiada,  
 Para que quero ter vida,  
 Pois minha alma é apartada?  
 Oh fortuna variável,  
 Triste, cruel, matadora,  
 De prazeres roubadora,  
 Inimiga perdurável,  
 Mata-me se que's agora.

#### DIZ ERMELINDA AO IMPERADOR

– Se vossa grão majestade  
 Não der castigo direito  
 A quem tanto mal há jeito  
 Nem sustentar a verdade,  
 Não será juiz perfeito.  
 Não olhe vossa grandeza  
 Sua madre dolorosa,  
 Nem sua tanta tristeza;  
 Mas olhe tão grão princesa  
 Com esta sua esposa.

#### FALA O IMPERADOR

– Faz-me tanto entristecer  
 Este tão grão vitupério,  
 Que mais quisera perder  
 Juntamente meu império,  
 Que tal meu filho fazer.  
 Mas se a verdade assim é,  
 Como já sou informado,  
 Que tal castigo lhe dê  
 Que seja bem castigado.

#### DIZ SIBILA

– Seja justiça guardada  
 A esta órfã sem marido.  
 Viúva desamparada,  
 Tão triste e desconsolada  
 Mais que quantas têm nascido.  
 Olhai, senhor, tão grão mal  
 Como vosso filho há leito,  
 E não queirais ter respeito  
 Ao amor paternal,  
 Pois que não é por direito.

## FALA O IMPERADOR

– Senhora, não duvideis,  
 Que eu farei o que hei jurado,  
 Se é verdade o que dizeis,  
 Porque cumpre a meu estado  
 De fazer o que quereis:  
 Que mais quero ter comigo  
 Fama de regoridade,  
 Que deixar de ter castigo,  
 Quem cometeu tal maldade.  
 Para que é ser caudilho  
 De tanto povo e tão grado,  
 E imperador chamado.  
 Se não julgasse meu filho  
 Como qualquer estragado?  
 Não cuidem duques nem reis  
 Que, por meu herdeiro ser,  
 Que por isso há-de viver:  
 Que aquele que faz as leis  
 É obrigado a as manter.  
 Assim que, por bem querer,  
 Amizade nem respeito,  
 Como agora soem lazer,  
 Não hei-de negar direito  
 A quem direito tiver,  
 E bem vos podeis tornar,  
 Fazei certo o que dissestes  
 E não tomeis tal pesar,  
 Porque o bem que já perdestes  
 Não o cobrais com chorar.

## DIZ ERMELINDA

– Senhor, nós outras nos pomos  
 Em mãos de vossa grandeza:  
 Olhai bem, senhor, quem somos,  
 E de que linhagem fomos,  
 Pois Deus nos deu tal nobreza.

## DIZ SIBILA

Olhai os serviços dinos  
 Que tanto tempo vos fez  
 Meu esposo Valdevinos,  
 Também seu tio marquês,  
 E como foram continos.

*Aqui se vai Ermelinda e Sibila; e virá Reinaldos com uma carta que tomaram a*

*um pajem de Dom Carlota e,*

#### DIZ REINALDOS DE MONTALVÃO

– O sumo rei dos senhores,  
Que morreu crucificado  
Em poder dos fariseus,  
Acrescente vosso estado  
E vos livre de traidores.

#### FALA O IMPERADOR

– Mui valente e esforçado  
Reinaldos de Montalvão,  
Vós sejais tão bem chegado  
Como a sombra no Verão.  
Muito estou maravilhado,  
Invencível e mui forte,  
De ver-vos assim armado,  
Sabendo que em minha corte  
Nunca fostes maltratado.

#### FALA REINALDOS

– Senhor, não seja espantado  
De ver-me assim desta sorte,  
Porque com todo o cuidado  
Ganalão, vosso cunhado,  
Sempre me procura a morte.  
Bem sabeis que sem razão,  
Com vontade mui maligna  
Fez matar com grão traição  
A Tiranes e Erocina,  
E ao feito, Salião,  
E a mim já quis matar  
Muitas vezes com maldade;  
E para mais me danar,  
Fez à sua majestade  
Mil vezes me desterrar,  
O grande mal que me quer  
De todo o mundo é sabido,  
E por isso quis trazer  
Armas para ofender.  
Antes que ser ofendido.  
Mas deixando isto assim  
Guardado pra seu lugar,  
Onde se há-de vingar,  
Vos quero, senhor, contar.  
Notório a todo o cristão  
É o pesar lastimoso

Do marquês Danes Ogeiro,  
Que tem, com justa razão,  
Pela morte do herdeiro.  
Nesta nobre corte estão  
Muitos mui nobres senhores  
Que sabem que Dom Beltrão  
E o nobre duque Amão  
Foram seus embaixadores:  
Também este é sabedor  
Das respostas que lhe destes  
E mais de como prendestes  
Vosso filho sucessor,  
Do qual está mui contente  
De tê-lo posto em prisão;  
E tem mui grande razão,  
Porque na carta presente,  
A qual fez de sua mão,  
Confessa toda a traição.  
E um pajem a levava  
Para o conde Dom Roldão,  
Que na cidade de Boava  
Faz a sua habitação  
E como não há falsia  
Que se possa esconder,  
Tinha o marquês espia,  
Porque queria saber  
O que Dom Roldão faria.  
Esse pajem embuçado,  
Sem suspeita e sem revés,  
Ia mui determinado:  
Onde logo foi tomado  
E levado ao marquês.  
Lendo a carta Dom Guarinos,  
Nela contava a tenção  
Porque o matara à traição.  
Isto é, senhor, a verdade,  
E o que vos manda dizer:  
Se o que digo é falsidade.  
(Que por isso a quis trazer)  
A letra é bom conhecer,  
Que é este o seu sinal.  
Pois, quem fez tão grande mal  
Bem merece padecer  
Morte justa corporal.

#### DIZ O IMPERADOR

Se tal a carta disser,  
Não se há mister mais provar,  
Nem mais certeza fazer,



Senão logo executar  
 A pena que merecer.  
 E portanto, sem deter,  
 Leia-se publicamente  
 Ante esta nobre gente;  
 Porque todos possam ver  
 Vossa verdade evidente,

#### CARTA DE DOM CARLOTO A DOM ROLDÃO

Caudilho de grão poder,  
 Capitão da cristandade,  
 Esta vos quis escrever,  
 Para vos fazer saber  
 Minha grão necessidade.  
 Porque o verdadeiro amigo  
 Há-de ser no coração,  
 Assim como fiel irmão,  
 E não há-de temer p' rigo  
 Por salvar quem tem razão.  
 Porque sabereis, senhor,  
 Que me sinto mui culpado,  
 Como quem foi matador;  
 E temo ser condenado  
 De meu padre imperador,  
 Eu confesso que pequei,  
 Pois com vontade danosa  
 A Valdevinos matei.  
 Amor me fez com que errei,  
 E o primor de sua esposa.  
 O imperador, meu padre,  
 Me mandou preso guardar,  
 E nunca quis atentar,  
 Os rogos de minha madre.  
 A ninguém quer escutar,  
 E o marquês tem jurado  
 De não vestir nem calçar,  
 Nem entrar em povoado,  
 Até me ver justiça.  
 Tenho por acusadores,  
 Reinaldos de Montalvão,  
 E seu padre o duque Amão  
 E muitos grandes senhores;  
 O grão duque de Milão  
 Com o forte Montesinos,  
 Que é primo de Valdevinos.  
 Assim que todos me são  
 Acusadores contínuos.  
 Pois tantos contra mim são,  
 Eu vos rogo, como amigo,

Que vós queirais ser comigo;  
 Porque, tendo Dom Roldão,  
 Não temo nenhum perigo.

DIZ O IMPERADOR

Antes que algum mal cresça,  
 Façamos o que devemos.  
 Pois o sinal conhecemos,  
 E pois vemos que confessa,  
 De mais prova não curemos,  
 Nem vós façais mais detença.  
 E, pois já tendes licença,  
 Podeis dizer ao marquês  
 Que venha ouvir a sentença.

*Ir-se-á Dom Reinaldos, e vem a Imperatriz vestida de dó,*

DIZ O IMPERADOR

Senhora, já não dirão  
 Que fui eu mal informado,  
 Nem que o prendo sem razão,  
 Pois por sua confissão  
 Vosso filho é condenado.  
 Vedes a carta presente,  
 Que foi feita da sua mão  
 Para o conde Dom Roldão:  
 A qual muito largamente  
 Declara toda a traição.

DIZ A IMPERATRIZ

Eu muito me maravilho  
 Do que, senhor, me há contado;  
 Mas, pois ele há confessado,  
 Melhor é morrer o filho  
 Que desonrar o estado.  
 Mas a dor do coração  
 Sempre me há-de ficar...  
 Peço-lhe com afeição  
 Que lhe busque salvação  
 E que o queira escutar.

DIZ O IMPERADOR

Melhor é que o sucessor  
 Padeça morte sentida,  
 Que ficar o pai traidor:  
 Que será trocar honor,

Pela desonra nascida.  
 Também eu padeço dor,  
 Também eu sinto paixão,  
 Também eu lhe tenho amor...  
 Mas antes quero razão,  
 Que amizade sem favor,

#### DIZ A IMPERATRIZ

Pois que não pode escapar,  
 Eu não consinto nem quero  
 Que vós o hajais de julgar,  
 Porque vos podem chamar  
 Muito mais pior que Nero.

#### DIZ O IMPERADOR

Não vivais em tal engano,  
 Que também foram caudilhos  
 O grão Trocato, o Trajano;  
 E quiseram, com grão dano,  
 Ambos justificar seus filhos.  
 Pois que menos farei eu,  
 Tendo tão grande estado?  
 Quem é com razão culpado  
 Em maior caso que o seu?  
 E portanto eu vos rogo  
 Que não tomeis tal pesar,  
 Porque com vos enojar  
 Dá-se grão tristeza ao povo.

#### DIZ A IMPERATRIZ

Eu cumprirei seu mandado  
 Porque vejo que é razão;  
 Mas sempre meu coração  
 Terá tristeza e cuidado  
 E grande tribulação.

*Aqui se vai a Imperatriz: e vem o Marquês de Mântua vestido de dó, e*

#### DIZ O MARQUÊS

Bem parece, alto senhor,  
 Que vos fez Deus sem segundo,  
 E de todos superior,  
 Dos maiores o melhor,  
 Rei e monarca do mundo.  
 Porque vós, senhor, sois tal,  
 Que com razão e verdade

Sustentais a cristandade  
 Em justiça universal.  
 A qual para a salvação  
 Vos é muito necessária,  
 Porque convém ao cristão  
 Que use mais de razão  
 Que de afeição voluntária:  
 Como faz vossa grandeza  
 Com seu filho sucessor.  
 Assim que, digo, senhor,  
 Que estima mais a nobreza  
 Que amizade nem favor.

#### FALA O IMPERADOR

Não curemos de falar  
 Em coisa tão conhecida;  
 Porque nesta breve vida  
 Havemos de procurar  
 Pela eterna e comprida.  
 Para sentir grão pesar  
 Vós tendes razão infinda,  
 E também de vos vingar,  
 Pois foi justa vossa vinda.  
 Bem vimos vossa embaixada,  
 E a causa dela proposta  
 Foi de nós mui bem olhada,  
 E não menos foi mandada  
 Mui convencível resposta.  
 E vimos vossa tenção,  
 E soubemos vosso voto,  
 E vemos tendes razão  
 Pela grande informação  
 Do príncipe Dom Carloto.  
 E vimos a confissão  
 De Dom Carloto também,  
 E soubemos a traição  
 Como na carta contém,  
 Que mandava a Dom Roldão  
 De tudo certificado,  
 Eu condeno a Dom Carloto  
 Em tudo o que hei mandado.

#### VEM UM PAJEM DA IMPERATRIZ DIZENDO

A imperatriz, senhor,  
 Está tão amortecida  
 De grande paixão e dor  
 Que não tem pulso nem cor,  
 Nem nenhum sinal de vida.

Nenhum remédio lhe vem;  
Está nesse padecer  
Sem lhe podermos valer:  
E, segundo dela cremos,  
Mui pouco há-de viver.

#### DIZ O IMPERADOR

Eu muito me maravilho  
De sua grão descrição;  
Mais sinto sua paixão,  
Que a morte de meu filho...  
Não te quero mais dizer,  
Quero-a ir consolar.  
Pois tanto lhe faz mister.  
Não sei porque é enojar  
Por se justiça fazer!

*Aqui se vai o Imperador; e virá Reinaldos com o algoz o qual trará a cabeça de Dom Carloto, e*

#### DIZ REINALDOS

Já agora, senhor marquês,  
Vos podeis chamar vingado  
Porque assaz é castigado  
O que tanto mal vos fez,  
Pois que morreu degolado.  
Fazei por vos alegrar,  
Dai graças ao Redentor,  
Pois assim vos quis vingar,  
Sem nenhum de nós p'rigar  
E com mais vosso valor.

## NOTAS

## Nota A

*E minha mãe sem chegar...*

O rigor do toante pedia aqui que se escrevesse *chegare* com *e* no fim, como pronuncia o povo de Lisboa e noutras partes da Estremadura. Os antigos castelhanos também assim regularizavam os seus toantes.

E não vá tão pouco sem notar-se que assim fica demonstrado não ser afectação de latinismo o escrever e pronunciar *pae* em vez de *pai*, *mãe* em vez de *mã*. Aquela é a verdadeira e popular ortografia destas palavras.

## Nota B

*Na caça andava perdido*

O principio ou introdução deste romance é conforme a colecção de Oliveira. No folheto dos cegos começa ele logo com toda a forma cénica; e todavia difere bem pouco. Aqui se transcreve.

## DIZ O MARQUÊS

*Fingindo andar perdido na caça*

Fortunosa caça é esta  
que a fortuna me há mostrado,  
pois que, por ser manifesta  
minha pena e grão cuidado,  
me mostrou esta floresta.

Nunca vi tão forte brenha,  
des'que me acordo de mi;  
eu creio que Margasi  
fez esta serra d'Ardenha,  
estes campos de Methli.

Quero tocar a buzina  
por ver se algum me ouvira;  
mas cuido, que não será,  
porque minha grand' mofina  
comigo começou já.

Todavia quero ver,  
se mora alguém nesta serra,  
que me diga desta terra  
cuja é, para saber;  
que quem pergunta não erra.

Por demais é o tanger  
em lugar desabitado,  
onde não há povoado,  
nem quem possa responder  
ao que lhe for perguntado.

Grã mal é o caminhar  
por tão fragosa montanha,  
cansado assim sem companha,  
nem tendo onde repousar,  
nesta terra tão estranha.

Vejo o mato tão cerrado,  
que fiz bem de me apear,  
e meu cavalo deixar,  
porque está tão cansado  
que já não podia andar.

Agora vejo me aqui  
nesta tão grande espessura,  
que nem eu me vejo a mi,  
nem sei de minha ventura;  
nem menos será cordura,  
repousar neste lugar,  
nem sei onde possa achar  
descanso à minha tristura.<sup>353</sup>

---

<sup>353</sup> *Marquês de Mântua*, folheto de cegos, Lisboa, 1789.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*